

ENSINO E EDUCAÇÃO

LÍNGUA PORTUGUESA

Coletânea de
Sequências Didáticas

Ensino Fundamental II

9º Ano



Prefeitura Municipal de Itatiba
Secretaria de Educação

Milena Moretto
Maria Soneide da Silva
(Orgs.)

SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS
Língua Portuguesa
9º ano

2016
Itatiba, São Paulo.

Administração

João Gualberto Fattori
Ariovaldo Hauck da Silva

Secretária da Educação

Profª Drª Maria de Fatima Silveira Polesi Lukjanenko

Diretora de Programas e Eventos Educacionais

Responsável pelas formações de Professores de Ensino Fundamental II

Profª Luciana Bortoletto Rela

Formadoras Responsáveis pela disciplina de Língua Portuguesa

Profª Milena Moretto
Profa. Maria Soneide da Silva

Atividades elaboradas pelos professores que participaram dos encontros de formação da rede Municipal de Itatiba, nos anos de 2013 e 2014, sob a orientação das formadoras.

Adriana Leme de Souza
Alessandra Dalri P. Camargo Lopes
Alessandra Ramos Lacerda Pereira
Ana Maria Jericó Moraes
Angela Ferraz
Angela Maria de Jesus
Angelita de Cássia Angelon Rosseto
Arleti de Fátima Lourenço
Arnaldo Francisco da Rocha
Aurelita Silva Ribeiro
Celso Fernando Catalano
Cenira Ferreira Gomes
Claudete Tresoldi dos Santos
Clovis da Fonseca Vidal
Cynthia Kuhn Engelman
Dídima Aparecida Mazon
Elisângela Bolelli
Elisângela Gobbo
Erica Cristina Tediola de Almeida
Fernando Donizetti Alves
Geni de Cássia Furlan
Giovana Mayer Fumache
Gustavo Diniz de Faria
Isabel Cristina Ribeiro

Jaqueline Cristina de Moraes
Jaqueline Suzana Martin
Josie Anne Rezende
Juliana Gava Bissoto Silva
Karen Bulgareli
Karen Daiane Moretto
Katia Simone Benedetti
Keli Ramos Ferriani
Lindalva dos Anjos Leite
Luceni de Lima Almeida
Lucília Rodrigues Martins
Marcela Piovani Zanutto Rossi
Marcia Aparecida Louzado Mazzo
Márcia Cristina Benvinda
Maria da Graça Constante Ferreira
Maria das Graças N. Ormundo
Maria de Lourdes Vasconcelos
Maria José de Andrade Passos
Maria Olívia de Souza Monte
Maria Solange Bolsonaro Santos
Maria Soneide da Silva
Maria Tereza Naressi
Marialva Moreira S. B. S. de Camargo
Mariete Ap. Sanfins Colette

Marisa Armênio de Moraes
Marta Aparecida Bueno Antunes
Mércia de Carvalho Esplendor
Milena Moretto
Mônica de Oliveira Gonçalves Netto
Neuza Aparecida de Moura
Nilza Teixeira Monezzi
Núbia Carla da Silva Soares
Olga Souza Grillo R. Pires
Renata de Godoy Torso
Rita de Cássia Pereira Pancotto
Rosângela Barbosa da Costa
Sandra Munaretto
Sebastiana Carolina Braga Paschoal
Sílvia Cristina Del Fabbro Menegasso
Sonia Maria Correa Manjolin
Sueli Aparecida Martini
Tânia de Souza Avelino
Tania Rita Justimiano
Valdélia Barbosa Santos
Vanessa Pellizer
Vanessa Silva Stocco
Vera Lúcia Rampazzo

Prezado professor,

É com grande satisfação que apresentamos uma coleção de Cadernos de Atividades do Ensino Fundamental II da Rede Municipal de Itatiba. Os cadernos são coletâneas de atividades que foram desenvolvidas mediante: aos componentes curriculares e expectativas/objetivos de aprendizagem presentes no Currículo Municipal do Ensino Fundamental II de Itatiba e as experiências dos professores em elaborar atividades pedagógicas.

O propósito desse material é auxiliar, você professor, no planejamento e desenvolvimento do seu trabalho em sala de aula, a partir da sistematização dos componentes curriculares em bimestres, a fim de garantir aos estudantes a aprendizagem desses componentes previstos para seu ano de matrícula.

A elaboração desse material é a concretização de um ideal de educação democrática em que você é o protagonista de seu trabalho pedagógico e de sua própria formação em serviço, utilizando-se de sua experiência e conhecimento para refletir sobre sua prática. *“Não se trata de mobilizar a experiência apenas numa dimensão pedagógica, mas também num quadro conceptual de produção de saberes.”* (NÓVOA, 1992, p.14). Na medida em que as atividades são pensadas a partir de suas experiências e práticas cotidianas, é possível que você reflita sobre elas e, ao mesmo tempo, intervenha sobre sua própria atuação enquanto profissional e (re)construa seus saberes. Portanto, mais do que uma coletânea de atividades, esses Cadernos evidenciam o trabalho coletivo desenvolvido nas formações continuadas de professores da Rede Municipal e a valorização do conhecimento docente. O trabalho coletivo nas práticas de formação continuada *“contribuem para a emancipação profissional e para a consolidação de uma profissão que é autônoma na produção dos seus saberes e dos seus valores.”* (NÓVOA, 1992, p.15)

Assim sendo, a Secretaria da Educação espera que esse material cumpra seu objetivo principal e consolide uma educação pautada no diálogo e construção coletiva dos saberes, conforme acreditamos desde o início desses trabalhos.

Um forte abraço fraterno!

Profª Drª Maria de Fatima Silveira Polesi Lukjanenko
Secretária da Educação de Itatiba

Profª Luciana Bortoletto Rela
Diretora de Programas e Eventos Educacionais

APRESENTAÇÃO

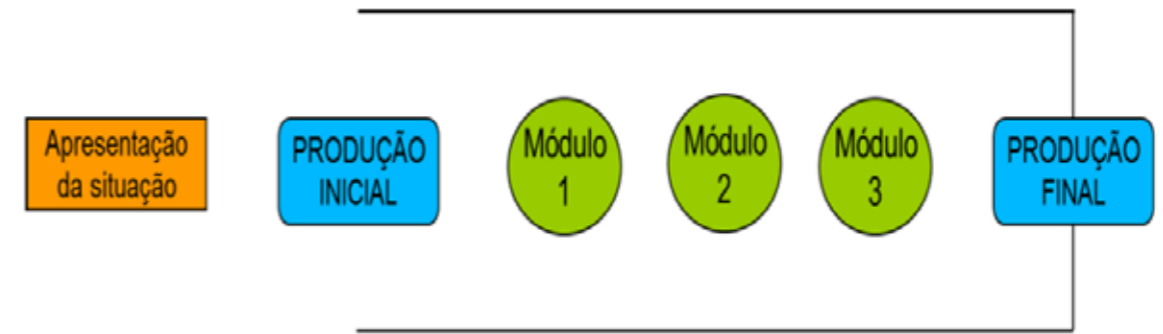
O presente trabalho é resultado de uma construção coletiva realizada com apoio da Secretaria Municipal de Educação e de professores da rede municipal, orientados pela professora Ma. Milena Moretto, nas Formações de Língua Portuguesa realizadas no ano de 2013 que tinha como objetivo maior ampliar as alternativas de trabalho do professor a fim de que todos os alunos se tornassem leitores e escritores competentes.

Para isso, considerando a implementação do currículo municipal, partiu-se dos conteúdos bimestrais ali descritos. Inicialmente, é preciso considerar que dentre as várias concepções de linguagem existentes, o currículo de Língua Portuguesa do Município de Itatiba leva em consideração a linguagem enquanto meio social, interativo e dialógico. E, ao assumirmos essa concepção, o texto se torna o objeto primordial de estudo das aulas de língua materna. Sabendo que é através do texto que a linguagem se materializa e que cada texto pertence a um determinado gênero textual, pensamos em propiciar aos professores um trabalho pautado no desenvolvimento de sequências didáticas, tendo como base as considerações de Schneuwly e Dolz, do grupo ALTER e de demais pesquisadores que trabalham nessa linha.

Essa opção foi pensada devido ao reconhecimento de que as sequências didáticas são alternativas interessantes no meio educacional à medida que possibilitam ao educando a apropriação das características e especificidades de um determinado gênero e, o mais importante, permitem ao aluno avançar em seu desenvolvimento por meio da linguagem.

No entanto, para que isso ocorra, há a necessidade da construção de materiais adequados e pertinentes que propiciem aos alunos a devida prática de **leitura**, de **produção de textos** e de **análise linguística**. Diante dessas considerações, o curso pretendeu desenvolver um trabalho reflexivo com os professores da rede e possibilitar o desenvolvimento de sequências didáticas, visto que elas são constituídas de atividades que permitem ao educando desenvolver as diferentes capacidades de linguagem e de ação. É na construção desses modelos didáticos que nos pautamos no ano de 2013 durante as formações e que esse trabalho foi construído.

Para esclarecer melhor tais questões é preciso considerar que, de acordo com Schneuwly, Dolz e Noverraz (2010), uma sequência didática é realizada da seguinte forma:



Conforme pode-se visualizar, uma sequência didática envolve quatro etapas importantes: a apresentação da situação, a produção inicial, os módulos e a produção final.

Em relação à apresentação da situação, Dolz, Schneuwly e Noverraz (2010) expõem a necessidade de apresentar aos alunos um problema bem definido e preparar os conteúdos que serão produzidos. Isso equivale dizer que, inicialmente, apresenta-se aos estudantes a tarefa que será desenvolvida por eles e a situação de produção em que essa tarefa circula. Dessa forma, é possível que eles compreendam de forma mais eficaz a situação de comunicação através da qual deverão agir. Trata-se, de certa forma, de discutir sobre a seguinte questão: “Qual o gênero que será trabalhado”?

Na segunda etapa, após a apresentação da situação, é solicitada uma primeira produção do respectivo gênero aos alunos. Esse texto é importante porque pode revelar para eles mesmos e para o professor as representações que esses sujeitos têm desse gênero e da atividade. Mesmo que os alunos não respeitem todas as características do gênero visado, o que o aluno conseguir realizar é, de acordo com Dolz, Schneuwly e Noverraz (2010), uma condição *sine qua non* para o ensino, isto é, permite circunscrever as capacidades que os estudantes já dominam, bem como suas potencialidades.

Nos módulos (quantos forem necessários), de acordo com Dolz, Schneuwly e Noverraz (2010), busca-se trabalhar os problemas ocorridos na primeira produção e oferecer aos alunos instrumentos necessários para superá-los. A sequência, nesse sentido, segue o movimento do mais complexo para o mais simples – da produção inicial aos módulos, e, posteriormente, do mais simples ao mais complexo – dos módulos à produção final.

Para isso, são trabalhados, primeiramente, segundo os autores, problemas relativos a vários níveis de funcionamento da produção realizada: **a representação da situação de comunicação** (que leva o aluno a reconhecer quem fala, para quem fala, com que intenção, em que momento etc.); **a elaboração dos conteúdos** (conhecer as técnicas para buscar e criar os

conteúdos); **planejamento do texto** (saber estruturar seu texto de acordo com a finalidade que se deseja atingir); **realização do texto** (o aluno deve escolher os meios de linguagem mais eficazes para produzir seu texto dentre eles: utilizar o vocabulário adequado, variar os tempos verbais, servir-se de organizadores textuais etc.).

A sequência didática proposta por Dolz, Schneuwly e Noverraz (2010) termina com uma produção final que dá ao aluno a oportunidade de pôr em prática o que aprendeu durante os módulos, após a análise da produção inicial. Além disso, durante a produção final o aluno reflete sobre o seu próprio processo de aprendizagem, isto é, sobre o que aprendeu, o que falta aprender etc. Essa atividade ainda auxilia os estudantes a regular e controlar o próprio comportamento, bem como avaliar os progressos realizados no domínio trabalhado.

Por essas razões, o presente trabalho, composto de diferentes sequências didáticas, está organizado da seguinte forma: a apresentação da situação a ser desenvolvida, uma proposta de produção inicial, os módulos (contexto de produção, aspectos discursivos e linguístico-discursivos) e uma proposta de avaliação final seguida de sua grade de correção.

Cabe ressaltar, que é na produção inicial que o professor identificará que atividades poderão ser utilizadas com seus alunos e poderão escolher a que melhor atende as necessidades de seu grupo.

Por ora, esperamos que o presente material possa contribuir com o trabalho em sala de aula e melhorar o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos.

Profa. Milena Moretto e Maria Soneide da Silva
(Formadoras de Língua Portuguesa – 2013-2016)

SUMÁRIO

1. Exposição Oral.....	08
2. Conto psicológico.....	26
3. Crônica.....	61
4. Carta Argumentativa.....	87
5. Texto Dissertativo.....	103
6. Artigo de Opinião.....	119
7. Editorial.....	149
8. Resenha.....	169
9. Propaganda.....	192

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Gênero Textual: Exposição Oral

MORETTO, Karen Daiane

Tempo de duração: 26 aulas

Conteúdos: Características do gênero, elementos constitutivos da organização interna do gênero, palavras parônimas e homônimas, concordância verbal, frase, oração e período.

Materiais necessários: Livros didáticos e paradidáticos, folhas de sulfite, cartolina, datashow, retroprojektor, enciclopédias, textos fotocopiados.

EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

- 1) Analisar e produzir textos orais e escritos, observando o contexto de produção (interlocutores, finalidade, suporte e circulação do texto);
- 2) Comparar textos buscando semelhanças e diferenças quanto ao gênero;
- 3) Produzir, revisar e reescrever textos como uma prática social;
- 4) Identificar os possíveis elementos constitutivos da organização interna do gênero;
- 5) Ler para compreender;
- 6) Ler para revisar o próprio texto;
- 7) Ler textos distintos para apreciar uma boa leitura;
- 8) Observar o emprego da língua oral, analisando suas variações;
- 9) Saber utilizar a língua como instrumento de comunicação em diferentes contextos;
- 10) Diferenciar os aspectos da oralidade e da escrita.
- 11) Fazer uso da modalidade culta da língua, através do emprego correto da concordância verbal;
- 12) Apropriar-se da ortografia através da observação e da escrita das palavras;
- 13) Apropriar-se da pontuação empregada na produção do gênero;
- 14) Diferenciar frases, orações e períodos, observando suas estruturas.
- 15) Reconhecer palavras parônimas e homônimas, empregando-as adequadamente;

1. APRESENTAÇÃO INICIAL

Prezado aluno,

No dia a dia, você ouve falar em parlendas, cantigas de roda, trava-línguas que fazem parte das tão comuns brincadeiras infantis; ouve músicas, repentes, quadrinhas, cordel e outros textos. Dentre os textos que ouvimos diariamente, há aqueles que transmitem conhecimentos específicos – científicos ou técnicos- relacionados à determinada área.

A exposição oral é produzida individualmente ou em grupo com graus de formalidade que variam de acordo com a situação.

Nesse bimestre, convidamos você a experimentar o trabalho de um cientista, a pesquisar determinados assuntos, apresentá-los expondo seu ponto de vista.



2. RECONHECIMENTO DO GÊNERO TEXTUAL

Professor (a),

Para dar início ao estudo da “Exposição oral”, selecione alguns livros didáticos e paradidáticos que contenham temas interessantes para trabalharmos esse gênero textual. Você pode também trazer para a sala de aula textos publicados em outros suportes como internet, CDS, etc. Se preferir, você pode levar os alunos para a biblioteca e/ou laboratório de informática. Proponha que os alunos escolham e façam a leitura de diferentes temas para discussão. Em seguida, organize a sala em círculo e peça-os que exponham seus apontamentos. Por fim questione-os a respeito das características desse gênero textual. Após essa discussão, elabore um cartaz com as principais características observadas pelos alunos e deixo-o afixado na sala para consultas posteriores.

Antes começarmos nossas pesquisas algumas questões relevantes:

1) Você tem dificuldade em se expressar quando está à frente da sala apresentando um trabalho que exige exposição oral? Como você se sente nesse momento?

2) Vocês já apresentaram um trabalho escolar em forma de exposição oral? Como foi essa apresentação?

Agora vocês assistirão a um vídeo que nos explica um pouco mais sobre o gênero em estudo.

Vídeo: Comunicação oral: gênero seminário. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=UOEvxhbJIHc>

Neste momento faremos um círculo para discutirmos algumas questões:

1) Qual a diferença entre oralização de textos escritos e gêneros orais?

2) O que é preciso para se fazer uma exposição oral?

3) Quais os procedimentos necessários para se apresentar uma exposição oral?

4) No exemplo de exposição oral apresentado no vídeo, quais foram as estratégias utilizadas pelo apresentador?

5) O gênero exposição oral, assim como qualquer outro, apresenta determinadas características. Você sabe quais são essas características?

Após ter observado algumas características sobre o gênero “Exposição Oral”, discuta com os colegas suas respostas.

4. O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DO GÊNERO EXPOSIÇÃO ORAL

O gênero discursivo exposição oral, também chamado de seminário é um texto expositivo que tem como foco a oralidade. Em uma exposição oral um ou mais emissores que estudaram sobre um determinado tema expõem informações, descrevem ou explicam para uma plateia que deseja conhecer sobre o assunto em questão. Possui como características principais a formalidade, a exploração de diversas fontes de informação, a seleção das informações em função do tema e a elaboração de um tema para apresentação oral.

Observe o texto que segue:

Denomina-se gravidez na adolescência a gestação ocorrida em jovens de até 21 anos que se encontram, portanto, em pleno desenvolvimento dessa fase da vida – a adolescência. Esse tipo de gravidez em geral não foi planejada nem desejada e acontece em meio a relacionamentos sem estabilidade. No Brasil os números são alarmantes.

Cabe destacar que a **gravidez precoce** não é um problema exclusivo das meninas. Não se pode esquecer que embora os rapazes não possuam as condições biológicas necessárias para engravidar, um filho não é concebido por uma única pessoa. E se é à menina, que cabe a difícil missão de carregar no ventre, o filho, durante toda a gestação, de enfrentar as dificuldades e dores do parto e de amamentar o rebento após o nascimento, o rapaz não pode se eximir de sua parcela de responsabilidade. Por isso, quando uma adolescente engravida, não é apenas a sua vida que sofre mudanças. O pai, assim como as famílias de ambos também passam pelo difícil processo de adaptação a uma situação imprevista e inesperada.

Diante disso cabe nos perguntar: por que isso acontece?

A partir da leitura dos textos, responda as seguintes questões:

1) Dê sua opinião. Por que ocorre a gravidez precoce?

2) Pesquise na internet ou fazendo entrevistas por que mesmo com tanta informação muitas meninas engravidam hoje em dia?

3) Você conhece pessoas que foram pais precocemente?

4) Os meios de comunicação e interatividade como televisão, internet, revistas são componentes influenciadores na formação do pensamento. Se nas novelas os personagens podem manter relação sexual livremente, por que um adolescente não pode segui-los? Você concorda que os meios de comunicação estimulem a sexualidade precoce dos adolescentes?

Professor (a),

Você pode auxiliar os alunos a compreender o contexto de produção dos gêneros produzidos a partir de diferentes materiais: revistas infantis, revistas de língua portuguesa, antologias, etc.

Quando o sujeito é representado por nomes próprios de lugares ou títulos de obras precedidos de artigo o plural, o verbo fica no plural. **Exemplo:** Os Andes são a maior cordilheira do mundo.

Concordância do verbo com o sujeito composto

Quando o sujeito composto vem antes do verbo, este fica no plural. **Exemplo:** O ouro e a prata são metais preciosos.

Quando o sujeito composto vem depois do verbo, este concorda com o núcleo mais próximo ou com todos, ficando no plural. **Exemplo:** Gritava o pai, a mãe, a avó e as crianças./Gritavam o pai, a mãe, a avó e as crianças.

Agora vamos ler um texto sobre a gravidez na adolescência:

A gravidez precoce pode estar relacionada com diferentes fatores, desde estrutura familiar, formação psicológica e baixa autoestima. Por isso, o apoio da família é tão importante, pois a família é a base que poderá proporcionar compreensão, diálogo, segurança, afeto e auxílio para que tanto os adolescentes envolvidos quanto a criança que foi gerada se desenvolvam saudavelmente. Com o apoio da família, aborto e dificuldades de amamentação têm seus riscos diminuídos. Alterações na gestação envolvem diferentes alterações no organismo da jovem grávida e sintomas como depressão e humor podem piorar ou melhorar.

www.brasilecola.com /biologia/gravidez-adolescencia.htm. Acessado em 12/12/2013.

Como diferenciar a frase, a oração e o período? Vamos à regra:

Frase é o enunciado com sentido completo capaz de fazer uma comunicação. As frases classificam-se em: interrogativas, imperativas, exclamativas, declarativas e optativas.

Oração é o enunciado com sentido que se estrutura com base em um verbo.

Período é a oração composta por um ou mais verbos. O período classifica-se em simples (apenas uma oração) e composto (duas ou mais orações).

1) - Identifique se é uma frase, oração ou período: “Com o apoio da família, aborto e dificuldades de amamentação têm seus riscos diminuídos”.

2) – Classifique a frase: “A gravidez precoce pode estar relacionada com diferentes fatores, desde estrutura familiar, formação psicológica e baixa autoestima”.

3) – “Alterações na gestação envolvem diferentes alterações no organismo da jovem grávida e sintomas como depressão e humor podem piorar ou melhorar”. Identifique quantos períodos há nessa oração e classifique-os.

Observe a letra da música “Vamos fugir” interpretada por Gilberto Gil.

(...) Vamos fugir
Pr’onde haja um tobogã
Onde a gente escorregue
Todo dia de manhã
Flores que a gente regue
Uma banda de maçã
Outra banda de reggae... (...)

Você conseguiria identificar uma palavra parônima ou homônima na letra desta canção?

(...) Éramos nós
Estreitos nós
Enquanto tu
És laço frouxo... (...)

E agora na letra da canção “Tires as mãos de mim”, de Chico Buarque de Holanda, você consegue perceber algo semelhante a música anterior? Vamos à regra:

Palavras homônimas são aquelas que apresentam mesma pronúncia ou grafia, mas tem significados diferentes.

1) - Conhecendo a regra identifique nas canções as palavras homônimas.

Também temos as palavras parônimas.

Palavras parônimas são palavras que apresentam significados diferentes, embora sejam semelhantes na grafia e na pronúncia.

“Ventriloquo de Deus

Semeador de muitos passos além do Paço.

Sempre a pregar no deserto do olvido”.

2) – Identifique as palavras parônimas existentes no trecho do texto de Francisco Maciel Silveira.

7. PROPOSTA DE PRODUÇÃO FINAL

Agora que você já observou as principais características da exposição oral, que tal você produzir/ montar uma exposição?

Antes de começar a escrever, é importante pensar nas características do gênero e no planejamento dos procedimentos.

Reúna-se com seus colegas de grupo discutam o tema: a preocupação exagerada com a aparência física. Esse é um assunto de grande importância na atualidade, pois dessa preocupação têm resultado doenças graves, como, por exemplo, a bulimia e a anorexia, que vitimam principalmente jovens e adolescentes.

Organizem-se de modo que a pesquisa sobre o assunto seja feita em vários tipos de fonte: livros, revistas, enciclopédias, sites da internet, jornais.

Por fim apresentarão a exposição oral para a classe.

Para isso, siga a grade de correção abaixo. Mude o que for preciso.

AVALIAÇÃO DE PRODUÇÃO DO GÊNERO EXPOSIÇÃO ORAL

Crítérios	SIM	Deve mudar
1- A pesquisa foi realizada em diversas fontes?		
2- A tomada de notas foi feita considerando os aspectos mais importantes do tema a ser abordado?		
3- O planejamento foi realizado?		
4- A produção do roteiro e de esquema foi feita?		

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Gênero Textual: CONTO PSICOLÓGICO

PANCOTTO, Rita de Cássia Pereira

Tempo de duração: 3 semanas (18 aulas)

Conteúdos: Leitura, análise e produção do gênero (conto psicológico); tempo cronológico e tempo psicológico; a técnica do flashback; concordância verbal; termos da oração; frase, oração e período; palavras parônimas e homônimas; ortografia; pontuação.

Materiais necessários: livro didático, cópias de textos, TV e DVD, imagens, xérox.

EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

- 1) Analisar e produzir o gênero, observando o contexto de produção (interlocutores, finalidade, suporte e circulação do texto);
- 2) Apropriar-se do gênero conto, observando o emprego do tempo da narrativa;
- 3) Identificar os possíveis elementos constitutivos da organização interna do gênero;
- 4) Produzir contos explorando a técnica do flashback;
- 5) Produzir, revisar e reescrever textos como uma prática social;
- 6) Ler para compreender;
- 7) Ler para revisar o próprio texto;
- 8) Reconhecer e empregar os termos da oração, observando sua função dentro do texto;
- 9) Diferenciar frases, orações e períodos, observando suas estruturas;
- 10) Reconhecer palavras parônimas e homônimas, empregando-as adequadamente;
- 11) Apropriar-se da ortografia através da observação e da escrita das palavras;
- 12) Apropriar-se da pontuação empregada na produção do gênero;
- 13) Ler para observar a função social dos gêneros textuais;

1. APRESENTAÇÃO INICIAL

Caro aluno,

Quando pensamos em CONTO logo vem à mente que é um texto curto, apresentam poucas personagens, poucas ações e tempo e espaço reduzidos.

Ao estudar gêneros textuais é provável que você já tenha tido contato com diferentes tipos de conto: o conto maravilhoso, o conto de aventura, o conto de mistério e de terror ou simplesmente o conto.

Como o próprio nome sugere, esse gênero está intimamente ligado à necessidade do ser humano de contar histórias, de imaginar e fantasiar, de se transportar para outros tempos e lugares. Então, devido a essa liberdade que os autores têm de imprimir novas características a cada conto que produzem é que convido VOCÊ a explorar uma narrativa ficcional em que o tempo flui de acordo com o estado de espírito da personagem e o espaço é o das emoções, dos pensamentos, das lembranças.

Estou falando do CONTO PSICOLÓGICO. Um gênero intrigante que explora o mundo interior das personagens e apresenta como uma das características a presença da epifania, momento em que algo cotidiano ou inusitado traz à consciência da personagem aspectos da realidade que se mantinham obscuros. Outra característica é a presença do monólogo interior, recurso de estilo presente na literatura contemporânea, em que se traz ao texto o que vai ao inconsciente das personagens. Assim o tempo psicológico e o cronológico correm para o mesmo ponto, sem marcas linguísticas que indiquem claramente o limite entre um e outro.

Essas características estão presentes, em maior ou menor grau, nos contos de Osman Lins, Luiz Vilela, Dalton Trevisan, Lygia Fagundes Telles e principalmente nas obras de Clarice Lispector, que nesse projeto, irá nos levar a conhecer os mistérios que estão dentro e fora de nós.

Ao final do nosso estudo realizaremos uma coletânea de CONTOS PSICOLÓGICOS DO 9º ANO que será doado à Biblioteca Escolar.

Aproveite e bons estudos!

2. RECONHECIMENTO DO GÊNERO TEXTUAL

Professor (a),

Para dar início ao estudo do “CONTO PSICOLÓGICO”, selecione alguns livros didáticos e paradidáticos que contenham exemplares de textos desse gênero textual. Você pode também selecionar imagens de quadros do **Surrealismo** (análise desse movimento artístico para relacioná-lo com o gênero em estudo), além de filmes em DVD. Se preferir, você pode levar os alunos para a biblioteca e/ou laboratório de informática. Proponha que os alunos pesquisem sobre a autora Clarice Lispector escolham e faça a leitura de pelo menos um de seus contos. Em seguida, organize a sala em duplas/ou grupos e questione-os a respeito das características desse gênero textual, o estilo de escrita dessa autora. Após essa discussão, elabore um cartaz com as principais características observadas pelos alunos e deixe-o afixado na sala para consultas posteriores.

Vamos realizar algumas atividades que o ajudarão a entrar em contato com o gênero textual “Conto psicológico”

ATIVIDADE 1



Observe a imagem, em especial a garota, e levante hipóteses:

a) O que o olhar dela expressa?

- b) Para quem ou onde está olhando?
- c) A quais lembranças ou sensações pode se transportar?
- d) O espaço físico e o tempo retratado na imagem pode não ser o mesmo que apresenta na memória, no interior da garota. Como você explica isso?

Professor (a), explicar o trabalho que será realizado durante as próximas aulas, a quem se destina o texto do produto final, qual sua finalidade, quando e onde o texto será publicado etc.

ATIVIDADE 2 – ORALIDADE: CONVERSANDO SOBRE O ASSUNTO:



A pintura, *o princípio de prazer*, do surrealista René Magritte mostra um homem com uma luz para a cabeça. A epifania de uma mente iluminando tudo ao seu redor, tanto dentro como fora. É o retrato de uma revelação.

- 1)- Qual elemento da realidade aparece nessa obra?
- 2)- Qual elemento estranho a realidade você observa?
- 3)- Que relação você faz dessa imagem com o conto que vamos estudar?

ATIVIDADE 3

Clarice Lispector é uma autora que não se preocupa com a construção de um enredo tradicionalmente estruturado, com começo, meio e fim. Ela busca a compreensão da consciência individual, marcada sempre pela grande introspecção das personagens. No trecho que vamos ler apresenta a personagem Ana. Uma mulher de classe média com uma vida completamente organizada em torno da família. Sua vida é linear: tudo ocorre segundo uma rotina prevista e esperada. O perigo está nas horas em que as tarefas domésticas já foram concluídas e Ana se vê com tempo em suas mãos. É em um desses momentos que se dá sua descoberta. Avistar um cego que mascava chiclete faz com que a vida tão controlada por Ana seja abalada em suas raízes. Essa visão a liberta da rotina de acontecimentos previsíveis e desenvolve-lhe a possibilidade de uma existência individual. O tormento de Ana prolonga-se por todo o dia até que, de volta ao convívio com o marido e os filhos, o mundo familiar vai aos poucos recolocando-a em seu papel convencional.

Esse processo de descoberta individual por que passam as personagens de Clarice Lispector é chamado de epifania.

Leia atentamente o trecho. Depois analise as características do CONTO PSICOLÓGICO presentes nele, de acordo com as questões abaixo, respondendo-as em seu caderno:

[...] O bonde vacilava nos trilhos, entrava em ruas largas. Logo um vento mais úmido soprava anunciando, mais que o fim da tarde, o fim da hora instável. Ana respirou profundamente e uma grande aceitação deu a seu rosto um ar de mulher.

O bonde se arrastava, em seguida estacava. Até Humaitá tinha tempo de descansar. Foi então que olhou para o homem parado no ponto.

A diferença entre ele e os outros é que ele estava realmente parado. De pé, suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego.

O que havia mais que fizesse Ana se aprumar em desconfiança? Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles.

Ana ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar — o coração batia-lhe violento, espaçado. Inclinada, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mascava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir — como se

ele a tivesse insultado, Ana olhava-o. E quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio. Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada — o bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás, o pesado saco de tricô despencou-se do colo, ruiu no chão — Ana deu um grito, o condutor deu ordem de parada antes de saber do que se tratava — o bonde estacou, os passageiros olharam assustados. Incapaz de se mover para apanhar suas compras, Ana se aprumava pálida. Uma expressão de rosto, há muito não usada, ressurgia-lhe com dificuldade, ainda incerta,

Texto extraído no livro “Laços de Família”, Editora Rocco – Rio de Janeiro, 1998, pág. 19, incluído entre “Os cem melhores contos brasileiros do século”, Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2000, seleção de Ítalo Moriconi.

- 1- Quais são as personagens envolvidas?
- 2- Onde acontece o fato narrado?
- 3- Que fato inesperado deu origem a algo como uma inquietação?
- 4- Que características podem ser atribuídas à personagem principal observando a complexidade psicológica?
- 5- Há no trecho uma expressão que indica o momento exato em que se passa a ação?
- 6- Cronologicamente, qual o tempo aproximado de duração dessas ações? E psicologicamente?

Após ter analisado algumas características do gênero “conto psicológico”, discuta com os colegas suas observações e respostas. A seguir, elabore com a ajuda de seu professor e colegas, um cartaz para ser afixado na sala onde constem as principais características desse gênero.

3. PROPOSTA DE PRODUÇÃO INICIAL

Observe com atenção a imagem abaixo:



Agora que você já identificou as principais características do conto psicológico, que tal escrever de acordo com o fluxo do pensamento, explorar sentimentos, fazer com que a personagem veja a realidade com outros olhos?

Sua narrativa será baseada na cena acima. Não esqueça de apresentar as personagens, o espaço, o tempo e um fato que vá desencadear um conflito que deve-se agravar até chegar ao clímax. Empregue palavras que revelem o modo de a personagem sentir a passagem do tempo. No final, o narrador pode ou não voltar à cena inicial. Dê um título interessante ao seu texto.

4. CONTEXTO DE PRODUÇÃO DO GÊNERO CONTO PSICOLÓGICO

O conto psicológico é uma narrativa cujo fato principal sempre está relacionado às lembranças e sentimentos dos personagens, o que acarreta a predominância do tempo psicológico, que flui de acordo com as emoções. A apresentação do enredo pode não seguir a ordem natural dos acontecimentos, já que o tempo das emoções não é linear, o espaço físico também é marcado do ponto de vista de como são sentidas as experiências.

No Brasil a representante mais importante do conto psicológico é Clarice Lispector. Em seus textos, geralmente, um fato do cotidiano ou uma lembrança aparentemente banal desencadeia no personagem uma viagem ao próprio interior, para questionar a própria existência ou ressuscitar dramas existenciais.

Vejamos alguns exemplos:

TEXTO 1

O Primeiro beijo

Os dois mais murmuravam que conversavam: havia pouco iniciara-se o namoro e ambos andavam tontos, era o amor. Amor com o que vem junto: ciúme.

- Está bem, acredito que sou a sua primeira namorada, fico feliz com isso. Mas me diga a verdade, só a verdade: você nunca beijou uma mulher antes de me beijar?

Ele foi simples:

- Sim, já beijei antes uma mulher.
- Quem era ela? perguntou com dor.

Ele tentou contar toscamente, não sabia como dizer.

O ônibus da excursão subia lentamente a serra. Ele, um dos garotos no meio da garotada em algazarra, deixava a

brisa fresca bater-lhe no rosto e entrar-lhe pelos cabelos com dedos longos, finos e sem peso como os de uma mãe. Ficar às vezes quieto, sem quase pensar, e apenas sentir - era tão bom. A concentração no sentir era difícil no meio da balbúrdia dos companheiros.

E mesmo a sede começara: brincar com a turma, falar bem alto, mais alto que o barulho do motor, rir, gritar, pensar, sentir, puxa vida! como deixava a garganta seca.

E nem sombra de água. O jeito era juntar saliva, e foi o que fez. Depois de reunida na boca ardente engulia-a lentamente, outra vez e mais outra. Era morna, porém, a saliva, e não tirava a sede. Uma sede enorme maior do que ele próprio, que lhe tomava agora o corpo todo.

A brisa fina, antes tão boa, agora ao sol do meio dia tornara-se quente e árida e ao penetrar pelo nariz secava ainda mais a pouca saliva que pacientemente juntava.

E se fechasse as narinas e respirasse um pouco menos daquele vento de deserto? Tentou por instantes mas logo sufocava. O jeito era mesmo esperar, esperar. Talvez minutos apenas, enquanto sua sede era de anos.

Não sabia como e por que mas agora se sentia mais perto da água, pressentia-a mais próxima, e seus olhos saltavam para fora da janela procurando a estrada, penetrando entre os arbustos, espreitando, farejando.

O instinto animal dentro dele não errara: na curva inesperada da estrada, entre arbustos estava... o chafariz de onde brotava num filete a água sonhada. O ônibus parou, todos estavam com sede mas ele conseguiu ser o primeiro a chegar ao chafariz de pedra, antes de todos.

De olhos fechados entreabriu os lábios e colou-os ferozmente ao orifício de onde jorrava a água. O primeiro gole fresco desceu, escorrendo pelo peito até a barriga. Era a vida voltando, e com esta encharcou todo o seu interior arenoso até se saciar. Agora podia abrir os olhos.

Abriu-os e viu bem junto de sua cara dois olhos de estátua fitando-o e viu que era a estátua de uma mulher e que era da boca da mulher que saía a água. Lembrou-se de que realmente ao primeiro gole sentira nos lábios um contato gélido, mais frio do que a água.

E soube então que havia colado sua boca na boca da estátua da mulher de pedra. A vida havia jorrado dessa boca, de uma boca para outra.

Intuitivamente, confuso na sua inocência, sentia intrigado: mas não é de uma mulher que sai o líquido vivificador, o líquido germinador da vida... Olhou a estátua nua.

Ele a havia beijado.

Sofreu um tremor que não se via por fora e que se iniciou bem dentro dele e tomou-lhe o corpo todo estourando pelo rosto em brasa viva. Deu um passo para trás ou para frente, nem sabia mais o que fazia. Perturbado, atônito, percebeu que uma parte de seu corpo, sempre antes relaxada, estava agora com uma tensão agressiva, e isso nunca lhe tinha acontecido.

Estava de pé, docemente agressivo, sozinho no meio dos outros, de coração batendo fundo, espaçado, sentindo o mundo se transformar. A vida era inteiramente nova, era outra, descoberta com sobressalto. Perplexo, num equilíbrio frágil.

Até que, vinda da profundidade de seu ser, jorrou de uma fonte oculta nele a verdade. Que logo o encheu de susto e logo também de um orgulho antes jamais sentido: ele... Ele se tornara homem.

Clarice Lispector. *O primeiro beijo e outros contos*. São Paulo, Ática, 1989.

TEXTO 2



Uma galinha

Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã.

Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio.

Foi pois uma surpresa quando a viram abrir as asas de curto vôo, inchar o peito e, em dois ou três lances, alcançar a murada do terraço. Um instante ainda vacilou — o tempo da cozinheira dar um grito — e em breve estava no terraço do vizinho, de onde, em outro vôo desajeitado, alcançou um telhado. Lá ficou em adorno deslocado, hesitando ora num, ora noutro pé. A família foi chamada com urgência e consternada viu o almoço junto de uma chaminé. O dono da casa, lembrando-se da dupla necessidade de fazer esporadicamente algum esporte e de almoçar, vestiu radiante um calção de banho e resolveu seguir o itinerário da galinha: em pulos cautelosos alcançou o telhado onde esta, hesitante e trêmula, escolhia com urgência outro rumo. A perseguição tornou-se mais intensa. De telhado a telhado foi percorrido mais de um quarteirão da rua. Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida, a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar,

sem nenhum auxílio de sua raça. O rapaz, porém, era um caçador adormecido. E por mais ínfima que fosse a presa o grito de conquista havia soado.

Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. Às vezes, na fuga, pairava ofegante num beiral de telhado e enquanto o rapaz galgava outros com dificuldade tinha tempo de se refazer por um momento. E então parecia tão livre. Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma.

Afinal, numa das vezes em que parou para gozar sua fuga, o rapaz alcançou-a. Entre gritos e penas, ela foi presa. Em seguida carregada em triunfo por uma asa através das telhas e pousada no chão da cozinha com certa violência. Ainda tonta, sacudiu-se um pouco, em cacarejos roucos e indecisos. Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse prematuro. Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade, parecia uma velha mãe habituada. Sentou-se sobre o ovo e assim ficou, respirando, abotoando e desabotoando os olhos. Seu coração, tão pequeno num prato, solejava e abaixava as penas, enchendo de tepidez aquilo que nunca passaria de um ovo. Só a menina estava perto e assistiu a tudo estarecida. Mal porém conseguiu desvencilhar-se do acontecimento, despregou-se do chão e saiu aos gritos:

— Mamãe, mamãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! ela quer o nosso bem!

Todos correram de novo à cozinha e rodearam mudos a jovem parturiente. Esquentando seu filho, esta não era nem suave nem arisca, nem alegre, nem triste, não era nada, era uma galinha. O que não sugeria nenhum sentimento especial. O pai, a mãe e a filha olhavam já há algum tempo, sem propriamente um pensamento qualquer. Nunca ninguém acariciou uma cabeça de galinha. O pai afinal decidiu-se com certa brusquidão:

— Se você mandar matar esta galinha nunca mais comerei galinha na minha vida!

— Eu também! jurou a menina com ardor. A mãe, cansada, deu de ombros.

Inconsciente da vida que lhe fora entregue, a galinha passou a morar com a família. A menina, de volta do colégio, jogava a pasta longe sem interromper a corrida para a cozinha. O pai de vez em quando ainda se lembrava: "E dizer que a obriguei a correr naquele estado!" A galinha tornara-se a rainha da casa. Todos, menos ela, o sabiam.

Continuou entre a cozinha e o terraço dos fundos, usando suas duas capacidades: a de apatia e a do sobressalto.

Mas quando todos estavam quietos na casa e pareciam tê-la esquecido, enchia-se de uma pequena coragem, resquícius da grande fuga — e circulava pelo ladrilho, o corpo avançando atrás

da cabeça, pausado como num campo, embora a pequena cabeça a traísse: mexendo-se rápida e vibrátil, com o velho susto de sua espécie já mecanizado.

Uma vez ou outra, sempre mais raramente, lembrava de novo a galinha que se recortara contra o ar à beira do telhado, prestes a anunciar. Nesses momentos enchia os pulmões com o ar impuro da cozinha e, se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria mas ficaria muito mais contente. Embora nem nesses instantes a expressão de sua vazia cabeça se alterasse. Na fuga, no descanso, quando deu à luz ou bicando milho — era uma cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo dos séculos.

Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos.

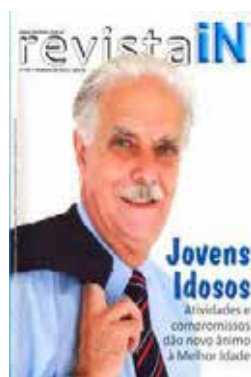
(Texto extraído do livro *Laços de Família*, Editora Rocco — Rio de Janeiro, 1998, pág. 30. Selecionado por Ítalo Moriconi, figura na publicação *Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século*.)

TROCANDO IDEIAS

Após a leitura e compreensão dos textos, vamos discutir as questões abaixo:

1. Quem escreve um conto psicológico?
2. Para quem estes textos se destinam?
3. Por que se escreve uma narrativa ficcional/conto psicológico?
4. Onde podemos encontrar um conto psicológico? (suporte)
5. Que tipo de narrador encontramos nos textos?
6. Os autores escrevem para públicos de que faixa etária: crianças, jovens ou adultos?
7. O que os textos têm em comum? Ou seja, quais são suas semelhanças?
8. Quais as diferenças mais marcantes entre eles?

Em quais desses materiais é possível encontrar um conto psicológico? Marque X nos suportes escolhidos.



()



()



()



()

5. OS ASPECTOS DISCURSIVOS

Os textos lidos pertencem ao gênero **conto psicológico** que é uma narrativa ficcional cujo fato principal sempre estava relacionado às lembranças e sentimentos da personagem o que acarreta a predominância do tempo psicológico que flui de acordo com as emoções. A apresentação do enredo pode não seguir a ordem natural dos acontecimentos, já que o tempo das emoções não é linear; o espaço físico também é marcado do ponto de vista de como são sentidas as experiências.

TEXTO 1 – O Primeiro Beijo

ESTUDO DO TEXTO

1)- Os contos são textos narrativos que apresentam uma unidade dramática, um único conflito. Em torno de que fato se desenvolve a trama narrativa desse conto?

A duração das ações apresentadas numa narrativa caracteriza o tempo que pode ser **cronológico** quando os fatos são apresentados na ordem dos acontecimentos ou **psicológico** que refere ao tempo pertencente ao mundo interior da personagem. Quando lidamos com o tempo psicológico a **técnica de flashback**- recurso narrativo que consiste para lembrar um fato já vivido- é bastante explorada, uma vez que a narrativa volta no tempo por meio das recordações do narrador.

2)- Nesse conto, o narrador emprega a técnica do flashback. Que fato do presente desencadeia lembranças do passado?

3)- Basicamente o conto se desenvolve a partir dessas lembranças e apresenta a seguinte estrutura: APRESENTAÇÃO- COMPLICAÇÃO- CLÍMAX- DESFECHO

a)-Que fato dá início à complicação?

b)-Ao longo do texto, a sensação de sede do personagem vai aumentando. Que expressão marca e intensifica essa sensação?

4)- Ao sentir a proximidade da água, o personagem age semelhante a um animal.

a)- Que ações evidenciam o “instinto animal” demonstrado pelo personagem nesse momento da história?

b)- Que fato desencadeia o clímax do conto?

5)- A água é elemento importante na narrativa, pois simboliza a mudança, a transformação do personagem.

a)- Como o personagem se sente ao beber a água no chafariz?

6)- No texto, o momento em que o personagem percebe que “havia colado a boca na boca da estátua da mulher de pedra” é muito importante. O que significou esse fato para o personagem?

TEXTO 2 – Uma Galinha

ESTUDO DO TEXTO

1) No ambiente familiar descrito no texto, comer galinha aos domingos parece ser algo comum. Que fatos inesperados ocorridos naquele dia tornaram possível a criação de um conto sobre o assunto?

2) No conto, a narrativa se alterna entre a humanização e a animalização da galinha. Assinale a alternativa que contém um exemplo de humanização e um exemplo de animalização retirados do texto:

(A) Galinha humanizada: “em outro voo desajeitado, alcançou um telhado”

Galinha animalizada: “tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar”

(B) Galinha humanizada: ”quando a escolheram, apalpando sua intimidade”

Galinha animalizada: “Estúpida, tímida e livre”

(C) Galinha humanizada: “Foi, pois, uma surpresa quando a viram abrir as asas de curto voo”

Galinha animalizada: “lembrava de novo a galinha que se recortara contra o ar”

(D) Galinha humanizada: “Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava”

Galinha animalizada: “carregada em triunfo por uma asa”

(E) Galinha humanizada: “mataram-na, comeram-na e passaram-se anos”

Galinha animalizada: “rodearam mudos a jovem parturiente”

3) Leia: “Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã”. A palavra **ainda** leva a uma certeza de algo que vai acontecer. O que é?

4)O texto *Uma galinha*, de Clarice Lispector é um exemplo de conto, texto narrativo curto, de caráter ficcional, que ocorre em um curto espaço de tempo, com a participação de poucos personagens, e se organiza a partir de um conflito, fato que desencadeia uma tensão que organiza os fatos.

As partes que compõem o enredo de um conto, isto é, a sequência de fatos, são:

- **introdução** (ou **apresentação**): coincide com o começo da história. São apresentados os fatos iniciais, as personagens, e as vezes, o tempo e o espaço;
- **desenvolvimento**: são apresentadas ações que ilustram o conflito. Por isso, o desenvolvimento, às vezes, é chamado também de “**complicação**” que culmina com o ponto mais crítico do conflito, isto é, o **clímax**, o momento de maior tensão da história;
- **desfecho** (ou **conclusão**): refere-se ao final da história e pode apresentar a solução do conflito ou a mudança no modo de agir e pensar do protagonista. A narrativa pode ter um fim trágico, bem-humorado, surpreendente, pessimista etc.

Com base nessas informações, identifique no texto:

- a)- Personagens.
- b)- O local em que se passa a história.
- c)- O tempo em que se passa a maior parte da história.
- d)- O que acontece no início do conto.
- e)- O que se passa no desenvolvimento do conto.
- f)- Como é o desfecho da história.

5)- O texto se inicia com a frase “Era uma galinha de domingo.”, que tem dupla função: marcar o tempo da narrativa e caracterizar a personagem principal do texto. Explique o sentido dessa frase em relação à caracterização da personagem.

6) -Releia esta parte do texto:

“Afim, numa das vezes em que parou para gozar sua fuga, o rapaz alcançou-a. Entre gritos e penas, ela foi presa. Em seguida carregada em triunfo por uma asa através das telhas e pousada no chão da cozinha com certa violência. Ainda tonta, sacudiu-se um pouco, em cacarejos roucos e indecisos. **Foi então que aconteceu.**”

- a) Até esse momento da história, há diferença entre o olhar do narrador e o olhar da família sobre a galinha? Explique e justifique sua resposta com trechos retirados do texto.

b) “Foi então que aconteceu”. Este momento é muito importante para a narrativa. O que muda na visão do narrador e na visão da família a respeito da galinha? Essa mudança permanece até o final do conto?

7) Reveja as falas de dois personagens do conto:

Fala da menina: — Mamãe, mamãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! ela quer o nosso bem!

Fala do pai: "E dizer que a obriguei a correr naquele estado!"

a) Explique a argumentação usada pela menina para que a mãe desistisse de matar a galinha.

b) Descreva o sentimento do pai em relação à galinha e explique o motivo.

8)- Leia o texto a seguir:

Com Clarice Lispector, o exame psicológico das personagens é levado ao limite

O fluxo de consciência é um recurso literário que consiste no registro por muitas vezes vertiginoso do pensamento da personagem, sem demarcações claras de passado, presente, realidade ou desejo.

Esse recurso, que marca de toda a produção literária de Clarice Lispector, permite o aprofundamento da sondagem psicológica, levando o leitor a um mergulho radical, existencial e intimista na alma das personagens. O instrumento de “entrar” na mente da personagem e relatar automaticamente seu pensamento tem o efeito de produzir rupturas na narrativa, quebras na concepção espaço-tempo.

(Adaptado de ABRIL Coleções. *Curso preparatório Enem 2010 – Linguagens e Códigos – Literatura*. v. 11. São Paulo: Abril, 2010. p. 111)

No conto *Uma galinha* o fluxo de consciência de que trata o texto acima pode ser identificado por meio do discurso indireto livre, momento em que o narrador penetra na alma da personagem e consegue expressar os pensamentos dela. Identifique o trecho do conto em que se podem reconhecer esse recurso literário:

a) Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio.

b) Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma.

c) O pai afinal decidiu-se com certa brusquidão:

— Se você mandar matar esta galinha nunca mais comerei galinha na minha vida!

— Eu também! jurou a menina com ardor. A mãe, cansada, deu de ombros.

d) Mas quando todos estavam quietos na casa e pareciam tê-la esquecido, enchia-se de uma pequena coragem, resquícius da grande fuga — e circulava pelo ladrilho, o corpo avançando atrás da cabeça, pausado como num campo, embora a pequena cabeça a traísse: mexendo-se rápida e vibrátil, com o velho susto de sua espécie já mecanizado.

e) Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos.

9)- Releia os seguintes trechos do texto, observando as palavras destacadas.

• “[...] era **uma** cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo dos séculos.”

• “Era **uma** galinha de domingo.”

• “[...] **a** galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar sem nenhum auxílio de sua raça.”

• “[...] De pura afobação **a** galinha pôs um ovo.”

• “[...] **a** galinha passou a morar com a família.”

Explique em que momento a galinha foi considerada “**a galinha**” e em que momentos foi considerada “**uma galinha**”?

Quando começamos a analisar um texto literário, estamos em busca de elementos para interpretá-lo, de palavras frases ou expressões que nos deem pistas sobre o que o texto realmente significa, sobre o que está dito nas entrelinhas. **Clarice Lispector**, por meio de sua **narrativa introspectiva**, que mergulha na intimidade e no **fluxo de pensamento de suas personagens**, em sua maioria femininas, é apontada como a primeira escritora da literatura brasileira a dar voz à condição feminina na sociedade.

10) Podemos afirmar que o objetivo desse conto é apenas contar a história que se passa em torno de uma galinha ou existe algo além? Seria correto dizer que a galinha simboliza alguns aspectos da condição da mulher na sociedade da época em que o texto foi escrito? Lembre-se de que a interpretação de um texto literário somente é possível quando conseguimos justificá-la por meio de elementos do próprio texto; portanto, utilize trechos do texto para explicar sua resposta.

ORGANIZANDO OS ESTUDOS

Nos contos psicológicos, algumas características aparecem repetidas frequentemente, determinando um estilo próprio para esse tipo de gênero. Circule as alternativas que correspondam às características desse gênero textual, observadas nos textos estudados:

- a) São pequenas histórias em que predominam os animais como personagens;
- b) Apresenta uma sensação de revelação desencadeada subitamente por um acontecimento incomum;
- c) O enredo apresenta situações desafiadoras e perigosas em cenários que transmitem fortes emoções;
- d) São textos que tem como característica principal a opinião do autor sobre um tema polêmico;
- e) O narrador é elemento fundamental para o sucesso do texto, pois é o dono da voz;
- f) O tempo pertence ao mundo interior da personagem;
- g) O protagonista da narrativa, normalmente, é valente, audacioso e enfrenta os obstáculos sem desanimar, vivendo as mais surpreendentes situações;
- h) A pontuação contribui para apresentar o espaço interior da personagem.

Um conto, em geral, possui a estrutura abaixo. Releia os textos estudados e complete o quadro, indicando o parágrafo do conto a que se refere cada parte da narrativa de forma a sistematizar as principais características do gênero conto psicológico.

APRESENTAÇÃO

<p>Geralmente, é o início do conto, em que podem ser apresentados os elementos da narrativa (espaço, tempo, personagens), situando o leitor. Alguns contos modernos optam por omitir a apresentação, entrando abruptamente no assunto, provocando surpresa no leitor.</p>	
---	--

CONFLITO GERADOR

<p>Momento em que surge um fato novo que muda o rumo da história.</p>	
---	--

CLÍMAX

<p>Momento culminante, de maior tensão dentro da história.</p>	
--	--

DESFECHO

<p>Conclusão da história, normalmente apresentando a solução do conflito.</p>	
---	--

PROFESSOR (A): Sugerimos que algumas análises das questões dos textos citados acima sejam realizadas oralmente e/ou coletivamente, anotando no quadro pontos essenciais para a sistematização do conteúdo. Além disso, recomenda-se o uso de uma gramática ou do livro didático adotado, para auxiliar o estudo da análise linguística.

6. OS ASPECTOS LINGUÍSTICO- DISCURSIVOS

Já estudamos o contexto de produção e os aspectos discursivos do gênero Conto psicológico. A partir de agora, vamos passar a estudar como funciona a linguagem nesse gênero. São vários os aspectos que merecem nossa atenção e, para dominá-los é necessário um pouco de empenho. Assim, vamos a eles:

TEXTO 1 – O PRIMEIRO BEIJO – Análise linguística

Marcas do discurso direto, do discurso indireto e discurso indireto livre

<p>No discurso direto: A fala das personagens é anunciada por um verbo dicendi (dizer, responder, retrucar, etc.), geralmente seguido de dois pontos; A fala das personagens aparece separada da fala do narrador por aspas ou por dois-pontos e travessão.</p>
<p>No discurso indireto: A fala da personagem também é introduzida por um verbo dicendi; O que a personagem diz constitui uma oração subordinada e separada da fala do narrador por um elemento de coesão, como que, se, onde, por que.</p>
<p>Discurso indireto livre que é uma fusão dos dois outros tipos.</p>

1)- No 1º parágrafo do conto observa-se a presença do discurso indireto. O uso dos dois-pontos introduz:

- a)- o início de uma enumeração
- b)- uma expressão ligada a outra
- c)- uma fala ou citação da personagem
- d)- um esclarecimento ou explicação a respeito de algo previamente mencionado

2)- No trecho:

_ Sim, já beijei antes uma mulher.

_ Quem era ela?

- a)- Que tipo de discurso foi empregado neste trecho?
- b)- Que sinal de pontuação foi usado antes das falas das personagens?

3)- Toda pontuação tem função importante no texto. Observe o uso das reticências “entre arbustos estava...o chafariz”. Qual a importância do uso de reticências nesse trecho do conto?

Lembre-se:

Frase nominal (não aparece verbo)

Frase verbal, oração ou período simples (organiza em torno de um verbo)

Período composto (formado por duas ou mais orações)

4)- Releia estes três trechos do texto:

I- “Uma sede enorme, maior que ele próprio”

II- “O ônibus da excursão subia lentamente a serra.”

III- “O ônibus parou, todos estavam com sede...”

a) Há verbos em todos? Justifique explicando o tipo de frase.

5)- “O ônibus parou, todos estavam com sede mas ele conseguiu ser o primeiro a chegar ao chafariz de pedra, antes de todos.”

a)- Quantas orações há nesse período?

b)- Destaque e classifique o sujeito de cada oração.

c)- Que relação de sentido a conjunção “mas” estabelece entre uma oração e outra? Assinale a alternativa correta.

(A) adição

(B) oposição

(C) comparação

(D) conclusão

d)- Que tipo de predicado aparece na 2ª oração?

Considerando-se que há entre as palavras relação entre a **forma** e a **significação**, os vocábulos podem ser:

Parônimos - grafia e pronúncia parecidos e significados diferentes (comprimento/cumprimento)
Homônimos homófonos – mesma pronúncia, mas grafias e significados diferentes. (cela/sela)
Homônimos homógrafos – significados diferentes e escrita igual. (cara(rosto)/ cará (planta))

6)- No trecho retirado do conto: “...e não tirava a sede. Uma sede enorme.” A palavra destacada significa “vontade de beber”. Como você classifica a palavra sede comparando com esta frase: “A sede (lugar) está fechada.”

7)- “Não sabia como e por que mas agora se sentia mais perto da água, pressenti-a mais próxima...” Explique a diferença entre mas e mais nesse período.

TEXTO 2 – UMA GALINHA – Análise linguística

O uso do travessão (-) nas narrativas ficcionais é fundamental principalmente para indicar com que pessoa do discurso está a fala (discurso direto).

1)- Neste trecho: “Um instante ainda vacilou __ o tempo da cozinheira dar um grito __ e em breve estava no terraço do vizinho...” qual a função do travessão?

2)- Explique o uso das “aspas” neste trecho: “E dizer que a obriguei a correr naquele estado”.

3)- Analise o período:”Havia uma galinha, mas não havia ninho”

a)- Do ponto de vista da construção sintática é correto afirmar que esse período é simples ou composto? Justifique.

b)- A expressão destacada pode ser substituída sem alteração de sentido por:

(A) porém

(B) pois

(C) logo

(D) ou

4)- Observe os termos (sujeito-verbo-adjuntos) que compõem as orações do seguinte período:“

Todos correram de novo à cozinha e rodearam mudos a jovem parturiente”

a)- Essas orações dependem uma da outra ou são independentes?

b)- Qual o sujeito das orações?

c)-Que função sintática exerce o termo grifado na segunda oração?

d)- Que ideia indica a segunda oração ao se ligar à primeira? Assinale a resposta correta.

(A) acréscimo

(B) conclusão

(C) explicação

(D) oposição

5)- “ Às vezes, na fuga pairava ofegante num beiral de telhado e enquanto o rapaz galgava outros com dificuldade tinha tempo de se refazer por um momento. E então parecia tão livre.”. Qual a função sintática dos termos grifados neste período?

PLANEJAMENTO DA PRODUÇÃO TEXTUAL FINAL

Planejamento e elaboração do texto:

1) Antes de iniciar o conto, determine alguns elementos da realidade que contrastam com a memória das personagens.

Características do espaço físico onde a personagem se encontra	Características do espaço interior ao qual ela é remetida
--	---

Clima		
Atividade		
Companhia		
Paisagem		

2) O que levará a personagem a entrar em contato com o seu mundo interior?

3) Que conflito enfrentado pela personagem será narrado? O que irá desencadeá-lo e como se resolve?

4) Ao escrever, leve em conta as observações a seguir:

a) O espaço retratado na imagem é apenas um ponto de partida. O conflito da narrativa ocorre em um espaço psicológico, que dominará, portanto, a maioria dos parágrafos.

b) A pontuação contribui para apresentar o espaço interior da personagem

Planejamento da linguagem:

Produção individual do conto psicológico a partir do planejamento, cuidando dos aspectos da linguagem: ortografia, pontuação, paragrafação, concordância, emprego das marcas temporais.

Momento da Produção:

Escreva seu texto com calma, usando os conhecimentos adquiridos sobre o gênero. Capriche e depois você poderá expor o seu texto no mural da escola para que todos possam apreciá-lo.

GRADE DE CORREÇÃO

Agora que você já produziu seu texto, releia-o com cuidado, procurando revisá-lo, verificando se ele contém as características essenciais do gênero. Siga a grade de correção abaixo. Reescreva sua narrativa, se necessário, alterando o que julgar necessário. Lembre-se de que este e os outros textos farão parte de uma coletânea que será doada à Biblioteca Escolar.

AVALIAÇÃO DE PRODUÇÃO - GÊNERO: CONTO PSICOLÓGICO

CRITÉRIOS	SIM	NÃO
O conto faz o leitor reviver a emoção sentida pela personagem?		
O leitor tem informações suficientes para compreender as situações e as emoções da personagem?		
O conflito vivido pela personagem acontece em um espaço psicológico?		
É possível para o leitor diferenciar o espaço físico do espaço psicológico?		
O conto propõe uma reflexão ao leitor?		

SUGESTÕES DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES

O conto Uma galinha que você acabou de estudar tem **narrador- observador** – que não participa da história, somente a observa e narra. Leia o texto abaixo, que tem **narrador-personagem** – que participa da história e observe bem a diferença.

Missa do galo

NUNCA PUDE entender a conversação que **tive** com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta. Era noite de Natal. Havendo ajustado com um vizinho **irmos** à missa do galo, **preferi** não dormir; **combinei** que **eu** iria acordá-lo à meia-noite.

A casa em que eu estava hospedado era a do escrivão Meneses, que fora casado, em primeiras núpcias, com uma de **minhas** primas. A segunda mulher, Conceição, e a mãe desta acolheram-**me** bem, quando vim de Mangaratiba para o Rio de Janeiro, meses antes, a estudar preparatórios. Vivia tranquilo, naquela casa assobradada da Rua do Senado, com os meus livros, poucas relações, alguns passeios. A família era pequena, o escrivão, a mulher, a sogra e duas escravas. Costumes velhos. Às dez horas da noite toda a gente estava nos quartos; às dez e meia a casa dormia. Nunca tinha ido ao teatro, e mais de uma vez, ouvindo dizer ao Meneses que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse consigo.[...]

ASSIS, Machado. *Machado de Assis. Seus trinta melhores contos*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1961

Interessante o texto, não é? Se você gostou, procure ler o conto inteiro. Você reparou nos verbos e pronomes em destaque? Eles estão em primeira pessoa e anunciam o narrador-personagem. Mudar o tipo de narrador significa alterar o **foco narrativo**. Esse é o seu desafio: coloque-se no papel do personagem principal do conto de Clarice Lispector – Uma galinha. Para isso, você vai viver a personagem, se colocar no lugar dela, contando sua própria história. Então, escreva a versão da galinha. Não se esqueça de contar os fatos principais do conto, bem como os sentimentos e expressões da galinha. Você pode acrescentar o que for necessário para criar a nova história, mas não se esqueça: o narrador deve ser **narrador-personagem**.

2)- Escreva um conto empregando a técnica do *flashback*. O assunto pode ser, por exemplo, um acontecimento na escola, um encontro inesperado, uma viagem, uma comemoração familiar. Inicie a narração com fatos que se dão no tempo presente. Apresente a(s) personagem(ns), faça referências ao tempo e ao espaço em que acontece a história. Depois introduza na narração fatos do passado, empregando a técnica estudada (*flashback*). Feito isso, retorne o tempo presente e encaminhe a narração dos fatos para o desfecho, que pode ser engraçado, trágico, absurdo, etc.

SUGESTÕES DE FILMES:

A hora da Estrela

(1985 – Direção: Suzana Amaral – Colorido – 96min. Elenco: Marcélia Cataxo, José Dumont, Fernanda Montenegro)

Baseado no último romance de Clarice Lispector, o filme acompanha a história de Macabéa, que se muda do Nordeste para o Rio de Janeiro, trabalha como datilógrafa, sonha em ser uma estrela de cinema, como Marilyn Monroe, e perde o namorado para uma colega de trabalho. Depois de recorrer a uma cartomante em busca de conselhos amorosos, descobre que seus sonhos não se realizariam como o planejado.

Clandestina Felicidade

(1998 – Direção: Beto Normal, Marcelo Gomes. – Preto e branco – 15min. Elenco: Luisa Phebo, Nathalia Corinthia, Luci Alcântara)

Curta metragem baseado no conto infantil *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector.

Fragmentos de

infância, descoberta do mundo pelo olhar curioso, perplexo e profundo da criança-escritora Clarice Lispector. O curta pode ser assistido no portal Porta Curtas Petrobras (www.portacurtas.com.br), link <http://www.portacurtas.com.br/Filme.asp?Cod=311>.

Dom

É um filme brasileiro de 2003, do gênero drama, com roteiro e direção de Moacyr Góes e é uma reimaginação da obra Dom Casmurro, de Machado de Assis. Foi o filme marca de estreia do diretor Moacyr Góes no cinema.

Filmes baseados nas obras de Lygia Fagundes Telles, como "As Meninas" (1996), de Emiliano Ribeiro, "As Três Morte de Solano" (1978), longa-metragem de Roberto Santos baseado no conto "A Caçada", e a sessão Curta Lygia, que reúne cinco curtas metragens adaptados de contos da escritora, como "O Menino" (1977), de Luiz Fernando Sampaio, adaptação do texto homônimo. Vale destacar, ainda, a exibição do longa-metragem italiano "Le Ore Nude", de Mario Vicario, de 1965, que possui atmosfera e personagens que dialogam com o universo romanesco presente na obra da escritora.

SUGESTÕES DE LEITURAS:

LISPECTOR, Clarice. Editora Rocco (<http://www.rocco.com.br>):

o *A maçã no escuro*

o *Felicidade Clandestina*

o *Laços de Família*

o *Perto do Coração Selvagem*

Melhores Contos Lygia Fagundes Telles

Autora: Lygia Fagundes Telles

Seleção e Prefácio: Eduardo Portella

O "Almanaque Machado de Assis" ajuda o leitor a iniciar-se na leitura dos contos e indica os melhores, como "A Causa Secreta", "A Missa do Galo", "O Alienista" e o discutido "O Espelho".

BIBLIOGRAFIA:

Sites:

Portal Releituras – Clarice Lispector

http://www.releituras.com/clispector_menu.asp

<http://educacao.uol.com.br/literatura/clarice-lispector-1-o-mergulho-do-narrador.jhtm>

<http://www.educacao.org.br/eja/bibliotecadigital>

<http://www.educacional.com.br/gpi.g12.br/eja.educacao.org>

<http://www.releituras.com>

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichatécnica>

<http://revistaescola.abril.com.br>

Livros:

Todos os textos, 9º ano/William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 3.ed. – São Paulo: Atual, 2007.

Para viver juntos: português, 9º ano: ensino fundamental/ Greta Marchetti, Heidi Atecker, Mirella L. Cleto. 1. Ed. Ver. – São Paulo: Edições SM, 2009.

Novo diálogo 9º ano/ Eliana Santos Beltrão, Tereza Gordilho- 1 ed. – São Paulo: fTD, 2006.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Gênero Textual: CRÔNICA

CAMARGO, Marialva Moreira Simeão Bez

STOCCO, Vanessa Silva

GOMES, Cenira Ferreira

Tempo de duração: 4 semanas

Conteúdos: Crônica, Conjunções Coordenativas, Orações Coordenadas, Pontuação

Materiais necessários: Cópias de textos, cadernos.

EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

- 1) Identificar os possíveis elementos constitutivos da organização interna do gênero;
- 2) Fazer uso da língua e de seus recursos em diferentes situações de comunicação;
- 3) Apropriar-se dos aspectos que compõem o gênero Crônica;
- 4) Observar e identificar na construção do texto suas unidades menores: parágrafos e frases;
- 5) Apropriar-se da pontuação empregada na produção do gênero.
- 6) Ler crônicas para apreciar uma boa leitura.
- 7) Ler para observar a função social.
- 8) Ler para compreender.
- 9) Ler para revisar o próprio texto.
- 10) Produzir, revisar e escrever textos como uma prática social.
- 11) Reconhecer as conjunções coordenadas, observando seu valor semântico e sua função no texto.
- 12) Conhecer o emprego e a função das orações coordenadas dentro do texto.
- 13) Observar o emprego da pontuação dentro do período composto por coordenação.

1. APRESENTAÇÃO INICIAL

Prezado aluno,

Você está recebendo, hoje, uma oportunidade especial de enriquecer sua aprendizagem sobre um gênero textual bastante interessante: a crônica.

Através desta sequência didática você irá ler, interpretar, analisar, explorar de diversas formas esse gênero textual que traz, no seu modo particular de ser, temas bastante convidativos a uma leitura prazerosa e divertida, observando e descobrindo que a crônica sempre esteve ao nosso redor, no nosso dia a dia, nos levando a refletir, criticar, rir, nos sensibilizar com assuntos que, na maioria das vezes, se encaixam direitinho em nossa vida.

Por isso, esse material foi elaborado com muito carinho, pensando em dar-lhe prazer ao explorá-lo, para que conheça algo mais, algo que possa transformar seu pensamento, abrindo-o para o mundo através de várias tarefas que irão permitir-lhe também ser autor, escritor, cronista...

Esta é a sua chance, deixe-se levar nesse estudo e comprove, ao final da sequência, que você poderá falar, com propriedade, sobre um dos gêneros mais utilizados hoje em dia para a comunicação global: a crônica.

Ao final de nossas atividades, realizaremos a confecção de um livro que será apresentado a toda comunidade escolar e aos seus familiares, bem como ficará disponível na biblioteca da escola. O texto que melhor for produzido será exposto no jornal mural da escola.

BOM TRABALHO!

2. RECONHECIMENTO DO GÊNERO TEXTUAL

Professor (a),

Para dar início ao estudo do gênero “Crônica” questione os alunos a respeito da imagem abaixo:

Observe a imagem abaixo:



- Vocês já viram esta imagem?
- Quais suas impressões ao vê-la?
- O que acontece na imagem?

Professor (a),

Para introduzir as características do gênero, questione o que os alunos sabem sobre a origem/etimologia da palavra cronos. Sabendo que Cronos representa o tempo, a que conclusão os alunos chegam a respeito da imagem?



O que vocês sabem sobre o deus Cronos? Conhecem sua história?

Professor (a),

Neste momento comentar que a partir da etimologia da palavra surgiu o gênero crônica, que a princípio tinha o objetivo de registrar situações vividas por pessoas importantes.

Características da crônica

É um texto subjetivo, pois apresenta a perspectiva do seu autor, o tom do discurso varia entre o ligeiro e o polêmico, podendo ser irônico ou humorístico. É um texto breve e surge sempre assinado numa página fixa do jornal.

O discurso

- Texto curto e inteligível (de imediata percepção);
- Apresenta marcas de subjetividade – discurso na 1ª e 3ª pessoa;
- Pode comportar diversos modos de expressão, isoladamente ou em simultâneo:
 - narração;
 - descrição;
 - contemplação / efusão lírica;
 - comentários;
 - reflexão

Linguagem com duplos sentidos / jogos de palavras / conotações;

- Utiliza a ironia;
- Registro de língua corrente ou cuidado;
- Discurso que vai do oral ao literário;
- Predominância da função emotiva da linguagem sobre a informativa;
- Vocabulário variado e expressivo de acordo com a intenção do autor;
- Pontuação expressiva;
- Emprego de recursos estilísticos.

A temática

- Aborda aspectos da vida social e cotidiana;
- Transmite os contrastes do mundo em que vivemos;
- Apresenta episódios reais ou fictícios.

(A crônica pode ser política, desportiva, literária, humorística, econômica, mundana, etc.)

Disponível em: <http://apoioptg.blogspot.com.br/2007/04/caractersticas-da-crnica.html>

4. CONTEXTO DE PRODUÇÃO

1- Pesquisem sobre o autor Ivan Ângelo e outras cronistas.

2- Socializem com os colegas as informações que acharem interessantes.

3- Leia o texto: “Sobre crônica” e responda as questões a seguir:

SOBRE CRÔNICA

Uma leitora se refere aos textos aqui publicados como "reportagens". Um leitor os chama de "artigos". Um estudante fala deles como "contos". Há os que dizem: "seus comentários". Outros os chamam de "críticas". Para alguns, é "sua coluna".

Estão errados? Tecnicamente, sim – são crônicas –, mas... Fernando Sabino, vacilando diante do campo aberto, escreveu que "crônica é tudo que o autor chama de crônica".

A dificuldade é que a crônica não é um formato, como o soneto, e muitos duvidam que seja um gênero literário, como o conto, a poesia lírica ou as meditações à maneira de Pascal. Leitores, indiferentes ao nome da rosa, dão à crônica prestígio, permanência e força. Mas vem cá: é literatura ou é jornalismo? Se o objetivo do autor é fazer literatura e ele sabe fazer...

Há crônicas que são dissertações, como em Machado de Assis; outras são poemas em prosa, como em Paulo Mendes Campos; outras são pequenos contos, como em Nelson Rodrigues; ou casos, como os de Fernando Sabino; outras são evocações, como em Drummond e Rubem Braga; ou memórias e reflexões, como em tantos. A crônica tem a mobilidade de aparências e de discursos que a poesia tem – e facilidades que a melhor poesia não se permite.

Está em toda a imprensa brasileira, de 150 anos para cá. O professor Antonio Candido observa: "Até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e pela originalidade com que aqui se desenvolveu".

Alexandre Eulálio, um sábio, explicou essa origem estrangeira: "É nosso familiar essay, possui tradição de primeira ordem, cultivada desde o amanhecer do periodismo nacional pelos maiores poetas e prosistas da época". Veio, pois, de um tipo de texto comum na imprensa inglesa do século XIX, afável, pessoal, sem cerimônia e, no entanto, pertinente.

Por que deu certo no Brasil? Mistérios do leitor. Talvez por ser a obra curta e o clima, quente.

A crônica é frágil e íntima, uma relação pessoal. Como se fosse escrita para um leitor, como se só com ele o narrador pudesse se expor tanto. Conversam sobre o momento, cúmplices: nós vimos isto, não é leitor?, vivemos isto, não é?, sentimos isto, não é? O narrador da crônica procura sensibilidades irmãs.

Se é tão antiga e íntima, por que muitos leitores não aprenderam a chamá-la pelo nome? É que ela tem muitas máscaras. Recorro a Eça de Queirós, mestre do estilo antigo. Ela "não tem a voz grossa da política, nem a voz indolente do poeta, nem a voz doutoral do crítico; tem uma pequena voz serena, leve e clara, com que conta aos seus amigos tudo o que andou ouvindo, perguntando, esmiuçando".

A crônica mudou, tudo muda. Como a própria sociedade que ela observa com olhos atentos. Não é preciso comparar grandezas, botar Rubem Braga diante de Machado de Assis. É mais exato apreciá-la desdobrando-se no tempo, como fez Antonio Candido em "A vida ao rés-do-chão": "Creio que a fórmula moderna, na qual entram um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu quantum satis de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma". Ainda ele: "Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas".

Elementos que não funcionam na crônica: grandiloquência, sectarismo, enrolação, arrogância, prolixidade. Elementos que funcionam: humor, intimidade, lirismo, surpresa, estilo, elegância, solidariedade.

Cronista mesmo não "se acha". As crônicas de Rubem Braga foram vistas pelo sagaz professor Davi Arrigucci como "forma complexa e única de uma relação do Eu com o mundo". Muito bem. Mas Rubem Braga não se achava o tal. Respondeu assim a um jornalista que lhe havia perguntado o que é crônica:

– Se não é aguda, é crônica.

Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/materia/sobre-cronica> Acesso em: 12/06/2014.

4- Assinale as alternativas que estão de acordo com as definições do cronista Ivan Ângelo.

- () O cronista não tem função social.
- () Dialoga com o autor.
- () Usa uma linguagem clara e espontânea.
- () O cronista tem um olhar para o cotidiano.

5- Leia a Crônica “Gente boa” de Maitê Proença:

Gente boa

Li outro dia um artigo sobre monges budistas, freiras de clausura e essa gente toda que medita com frequência. Estudos provaram que eles têm mais desenvolvida a parte do cérebro que percebe o aspecto luminoso das coisas. Enxergam mínimas virtudes, têm mais compaixão e sabem amar com desprendimento.

Há sete anos passei um mês em Myanmar, a antiga Birmânia, e lembro-me de sentir nitidamente que aquela gente era melhor do que eu. Havia harmonia e benevolência na expressão das pessoas. Eu acordava predisposta para o bem, não porque seja de fato boa, mas porque era o que se esperava de mim. Ninguém na rua imaginava que eu pudesse dar um golpezinho, enganar ou pensar algo crítico enquanto sorria gentilmente. A delicadeza ali está por toda parte e aponta para o que há de mais puro na gente, contagiando com qualidades sublimes. Enquanto estive com aquela gente, umas belezas emboloradas foram brotando feito susto de dentro dos meus egoísmos. Por lá não há, ou não havia na época, o hábito da televisão a qualquer hora, nem sequer existia TV por satélite, e a cultura mantinha-se, assim, preservada dos costumes ocidentais. Não vi uma pessoa vestindo calça jeans, nem eu mesma, que rapidamente aprendi a amarrar panos na cintura pra fazer saia igual às das moças de lá – se amarrar diferente vira saia de homem. A única infiltração de hábito ocidental que se percebe é um pouco de cinema e, mesmo assim, os filmes são quase sempre indianos. Quem chega ali vindo de um mundo em que tudo se consegue pela força fica perplexo diante de meninos e meninas que escolhem passar, às vezes, três anos de sua adolescência burilando o espírito em mosteiros budistas, no preparo para a vida adulta. Saem sabendo tudo de abnegação, generosidade, da importância do silêncio, do não julgamento... Sabem pouco ou nada de sexo, drogas e rock’n’roll. E conseguem viver sem isso, rindo! Não pretendo fazer o relato sentimentalóide da pureza de um povo simples e isolado do mundo, mas é que a virtude precisa mesmo de exercício para manter-se espontânea, e aquele povo, sei lá por quê, parece achar essa prática importante.

Também não compreendo por que as pessoas mais simples tendem a ser melhores. Por que os jogadores de futebol, por exemplo, compram casa pra mãe, pra tia e a família inteira, enquanto os “bem de berço”, se fazem fortunas, tratam logo de brigar com qualquer infeliz que possa um dia vir tirar uma lasquinha.

Tenho consciência de que um dia fui melhor do que hoje – quando eu era mais simples. A vida foi se sofisticando, me deixando esperta e mais apta pro jogo social. Tive ganhos com isso mas perdi algo de genuíno que me diferenciava. Fui perdendo, no corre-corre do “fiz, faço, aconteço”, o que me aproximava de uma experiência particular e única – e melhor, eu acho. Felizmente, nada é irreversível e não preciso morar em Myanmar para resgatar minhas virtudes distantes. Posso fazer isso do meu apartamento em Copacabana – nada é mais poderoso que a firmeza de uma intenção.

Mas aí... cadê a firmeza?



Templo em Bagan, Myanmar, antiga Birmânia. Fotografia de 2011.

Maitê Proença. *Entre ossos e a escrita*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. p. 95-96.

a) Quem escreveu a crônica?

b) Para qual leitor?

c) Qual a finalidade?

d) Qual o suporte/ veículo? Quando foi publicado?

5. OS ASPECTOS DISCURSIVOS

TRABALHANDO A ESTRUTURA

1- Características da crônica:

As crônicas são o gênero literário mais lido no Brasil. Embora a circulação em jornais e revistas facilite o acesso a esse gênero, ela tem um lado negativo: as crônicas podem ser esquecidas tão rapidamente quanto o jornal de ontem ou a revista da semana passada. Por isso, é comum a seleção das crônicas mais significativas de um autor para virar livro.

O título da crônica assume um caráter paradoxal. Quando se está “além do possível” entra-se na zona do impossível. O título parece sinalizar que é possível alcançar o impossível.

De maneira genérica, o autor introduz o que será o tema de sua crônica. Ele afirma que geralmente, as pessoas acreditam em soluções milagrosas quando os problemas são complicados. Mesmo quando é usada em 1ª pessoa do plural, o tom é de generalização.

O autor narra o diálogo que teve com a amiga, marcando o caráter episódico, cotidiano, de sua crônica. Além disso, retoma o segundo parágrafo, quando fala sobre a conversa com uma amiga.

No último parágrafo, o autor faz mais uma reflexão genérica que retoma a relação paradoxal do título- “Além do possível”- ao se dar conta, pela fala da amiga, que é preciso sonhar e tentar alcançar o impossível.

Leia o texto a seguir:

Além do possível

Coisa fácil é julgar os outros e difícil é compreendê-los. Já afirmei, aqui, que quem admite a complexidade da realidade não pode ser radical nem sectário, pela simples razão de que, se os problemas são complexos, não serão resolvidos de uma penada. Aliás, toda vez que se tenta fazê-lo, o desastre é inevitável. Mas a tendência mais comum é acreditar nas soluções milagrosas, mesmo porque aceitar que as coisas são complicadas custa muito, a não ser se se trata de nós mesmos. Claro, quando alguém nos acusa de ter agido mal, nossa resposta é sempre que não deu pra fazer melhor. “As coisas são complicadas”, a gente argumenta. E são mesmo, mas para os outros também.

Essas considerações vêm a propósito de uma conversa que tive com uma amiga muito querida, que vive sonhando. Devo esclarecer que nasci sob o signo de Virgo e sou, portanto, segundo a discutível astrologia, um tipo da terra, que vive pesando e medindo tudo, sem tirar os pés do chão. Tanto isso é verdade que muito raramente escrevo poesia, uma vez que a poesia nos obriga a voar. Essa é a razão por que, quando me perguntam se eu sou o poeta Ferreira Gullar, eu respondo: “Às vezes”. Dá então para entender a dificuldade que tenho de discutir certas coisas com uma pessoa do signo de Balança, por exemplo.

Essa minha amiga é de Balança, isto é, não só hesita, sobe e desce, como flutua o tempo todo. E por isso, apesar do carinho que nos une, frequentemente nos desentendemos.

— Mas você não vê que isso é loucura, menina?

— Loucura? Só porque desejo ir pro deserto de Atacama catar múmia?

— Não sabia que você agora virou arqueóloga!

— E precisa ser arqueóloga pra ir catar múmia em Atacama?

— Precisa, sim. Mesmo porque aquilo deve ser um campo arqueológico, supervisionado pelo governo chileno. Não pode qualquer pessoa chegar lá e começar a cavucar.

— Você é um chato, ouviu! É por isso que não suporto os virginianos!

— Você não suporta é a realidade, meu amor!

Pedi a conta e saímos amuados do restaurante. Ao chegar em casa, refleti.

— Que diabo tenho eu que ficar botando areia no sonho dos outros?

E, como bom virginiano, aleguei que só falara aquilo temendo que ela entrasse numa fria, se tocasse para o deserto de Atacama e desse com os burros n'água.

No dia seguinte, liguei para ela e me desculpei, expliquei-lhe que minha intenção era apenas alertá-la.

— E você pensa que eu sou maluca? Acha que eu ia mesmo me tocar para Atacama semana que vem?

— Temia que...

— O que você não entende é que tenho necessidade de sonhar, de imaginar coisas maravilhosas. Se as levarei à prática ou não, é secundário. Às vezes levo, como a viagem que fiz ao Himalaia e a outra, a Machu Pichu. Sei muito bem que fazer é mais difícil que sonhar, e por isso mesmo é que eu sonho.

Caí em mim. Lembrei-me de uma coisa que sei e de que às vezes me esqueço: a vida não é só o possível. Sem o impossível, não se vai muito além da próxima esquina.

O autor introduz o fato episódico que deflagra suas reflexões: sai do genérico e vai para o particular, usando a primeira pessoa do singular. Além disso, faz uma descrição de sua

personalidade (virginiano) e da de sua amiga (libriana/balança), preparando o leitor para a narração do encontro entre os dois.

O narrador continua sua narração de forma subjetiva, apresentando seu arrependimento por ter repreendido a amiga. Ela o surpreende ao dizer que não pretendia fazer a viagem ao Atacama, mas simplesmente sonhava com isso.

3. Leitura da crônica “Ruídos” de Luís Fernando Veríssimo

A única linguagem verdadeiramente internacional é a linguagem do corpo. Não, não os gestos: os ruídos. A tosse, o espirro, o pum, o trombone de sobaco, você os conhece. Também é a única linguagem autêntica. Talvez por isso mesmo haja tanta preocupação em disfarçá-la, e desencorajar o seu uso em público. Desde pequenos aprendemos a reprimir, na medida do possível, as manifestações naturais do nosso corpo, e a nos sentirmos embaraçados quando não dá para controlar e o corpo se faz ouvir claramente, causando espanto e mal-estar. Ao mesmo tempo, aprendemos a nos expressar com palavras e frases - ou seja, a linguagem da dissimulação, da mentira e, ela sim, da ofensa - que, por mais bem pensadas e articuladas que sejam, não tem a honestidade de um bom arrote.

Valorizamos a hipocrisia, condenamos a autenticidade. E o que é mais civilizado, a palavra, que discrimina e exclui, ou o ronco da barriga, que é igual para todos e que aproxima as pessoas, além de desconstruir o ambiente? Uns podem ser mais ou menos espalhafatosos, mas todos os homens espirram da mesma maneira. Os puns também são iguais - respeitadas as variações de entonação, inflexão e duração - , independentemente de raça, cor, classe ou credo religioso. E ninguém tosse com sotaque, ou com mais correção gramatical do que seu vizinho.

E sustento a tese de que, para conferências de paz ou qualquer negociação internacional, os países deveriam mandar os "mal-educados", no bom sentido. Pessoas que estabelecessem, de saída, sua humanidade comum, fazendo os ruídos que todos os homens e todas as mulheres (menos) fazem, em qualquer lugar do mundo. A primeira meia hora dos encontros poderia ser só de troca de ruídos do corpo, para criar o clima. Depois, o entendimento viria naturalmente. Mas não, quem é que mandam para essas reuniões? Diplomatas. Logo diplomatas, educadíssimos, incapazes de chuparem um dente na frente de quem quer que seja!

Não admira que ainda exista tanta discórdia no mundo.

O Mundo é Bárbaro e o que nós temos a ver com isso.

1. Qual é a tese defendida pelo cronista?

-
-
2. Quais são os argumentos que sustentam essa tese?
-
-

3. Qual é o tom do texto? Que estratégia é usada para produzir esse efeito?
-
-

4. De que maneira o cronista interage, dialoga com o texto? Dê exemplos:
-
-

5. O cronista parte de situações corriqueiras para fazer sua reflexão. Como isso se dá?
-
-

4. Leitura da crônica “Cobrança” de Moacyr Scliar

Ela abriu a janela e ali estava ele, diante da casa, caminhando de um lado para outro. Carregava um cartaz, cujos dizeres atraíam a atenção dos passantes: "Aqui mora uma devedora inadimplente".

— Você não pode fazer isso comigo — protestou ela.

— Claro que posso — replicou ele. — Você comprou, não pagou. Você é uma devedora inadimplente. E eu sou cobrador. Por diversas vezes tentei lhe cobrar, você não pagou.

— Não paguei porque não tenho dinheiro. Esta crise...

— Já sei — ironizou ele. — Você vai me dizer que por causa daquele ataque lá em Nova York seus negócios ficaram prejudicados. Problema seu, ouviu? Problema seu. Meu problema é lhe cobrar. E é o que estou fazendo.

— Mas você podia fazer isso de uma forma mais discreta...

— Negativo. Já usei todas as formas discretas que podia. Falei com você, expliquei, avisei. Nada. Você fazia de conta que nada tinha a ver com o assunto. Minha paciência foi se esgotando, até que não me restou outro recurso: vou ficar aqui, carregando este cartaz, até você saldar sua dívida.

Neste momento começou a choviscar.

— Você vai se molhar — advertiu ela. — Vai acabar ficando doente. Ele riu, amargo:

— E daí? Se você está preocupada com minha saúde, pague o que deve.
— Posso lhe dar um guarda-chuva...
— Não quero. Tenho de carregar o cartaz, não um guarda-chuva. Ela agora estava irritada:
— Acabe com isso, Aristides, e venha para dentro. Afinal, você é meu marido, você mora

aqui.

— Sou seu marido — retrucou ele — e você é minha mulher, mas eu sou cobrador profissional e você é devedora. Eu avisei: não compre essa geladeira, eu não ganho o suficiente para pagar as prestações. Mas não, você não me ouviu. E agora o pessoal lá da empresa de cobrança quer o dinheiro. O que quer você que eu faça? Que perca meu emprego? De jeito nenhum. Vou ficar aqui até você cumprir sua obrigação.

Chovia mais forte, agora. Borrada, a inscrição tornara-se ilegível. A ele, isso pouco importava: continuava andando de um lado para outro, diante da casa, carregando o seu cartaz.

a) O autor é observador ou personagem (foco narrativo)?

b) Como o narrador introduz as personagens?

c) Existe um elemento surpresa?

d) Que aspectos do cotidiano são narrados? De que forma?

e) Como é o diálogo das personagens?

f) É possível localizar o conflito? E o desfecho?

CONTEÚDO TEMÁTICO

Leia a crônica abaixo e responda o que se pede:

Medo da Eternidade - Clarice Lispector

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas. Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

- Como não acaba? - Parei um instante na rua, perplexa.

- Não acaba nunca, e pronto.

- Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual já começara a me dar conta.

- Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

- E agora que é que eu faço? - Perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

- Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários.

- Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhá-vamos para a escola.

- Acabou-se o docinho. E agora?

- Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia

contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

- Olha só o que me aconteceu! - Disse eu em fingidos espanto e tristeza. - Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

- Já lhe disse - repetiu minha irmã - que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra na boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

1. Diante do episódio narrado, pode-se afirmar que:

- a) O narrador é observador
- b) O narrador é personagem
- c) O narrador é onisciente
- d) Não há narrador

2. Qual é esse episódio?

3. O episódio narrado na crônica diz respeito a um fato de interesse público, de destaque no momento em que ela foi escrita? Explique:

4. Releia este trecho do sétimo parágrafo.

“Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer.”

a) Qual é o sentido da expressão em destaque:

b) Essa não é uma expressão corriqueira. Como você descreveria o tom que ela assume no texto?

5. Releia a primeira frase do texto.

“Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade”.

a) Quando e onde aconteceu a experiência mencionada?

b) A experiência correspondeu à expectativa a narradora? Explique.

c) Retire do texto trechos que justifiquem a qualificação da experiência como “aflitiva” e “dramática”.

6. Por que a narradora sentia-se “transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas”?

7. Releia este trecho:

“E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem da ideia de eternidade e infinito.”

O fato de o chiclete ser uma “bala eterna” é realmente uma vantagem para a narradora? Por quê?

8. Por que, mais adiante, a narradora diz que não estava “à altura da eternidade”?

9. Na crônica, a narradora vive um momento de “revelação”: Uma experiência banal acaba conduzindo –a à percepção de algo profundo, existencial.

a) De que modo isso acontece?

b) Que efeito esse procedimento produz no leitor da crônica?

10. Você já viveu alguma revelação, alguma descoberta, que tenha acontecido em um momento inesperado? Comente sobre esse momento com a turma.

11. Na crônica “Medo da eternidade”, o foco da narração está nas sensações e nos sentimentos experimentados pela narradora, que provocam reflexões sobre a eternidade. Como Maitê Proença movimenta seu olhar para mostrar suas reflexões na crônica “Gente Boa”?

- a) a autora descreve o que é visto por ela e na sequência volta-se para seu comportamento.
- b) A autora descreve seu comportamento e na sequência volta-se ao que é visto por ela.
- c) Apenas descreve o que é visto
- d) Apenas descreve seu comportamento

6. OS ASPECTOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS

Leia atentamente esta crônica esportiva de Clara Albuquerque e complete-a com as palavras e expressões do quadro. Atenção, algumas palavras se repetem.

e – então - mas – ou - mas também

Ame a sua Seleção

A Seleção Brasileira nasceu pra mim na Copa de 1986. Muitos de vocês já conhecem essa história: eu não tinha completado três anos ainda, já adorava a farra do futebol. Na ocasião, uma de minhas avós, ao voltar de uma viagem com presentes para os netos, trouxe para meu irmão uma camisa da Seleção e, para mim, uma boneca. Era dia de jogo do Brasil e eu achei aquilo um absurdo. Do jeito que só uma criança faria, chorei protestei pelo fato dele ter recebido um presente relacionado à festa da Copa do Mundo e eu não. Felizmente, minha mãe encontrou uma solução: tratou de escrever Brasil com lápis de cera verde numa folha de papel officiocolou a “obra” numa camisa amarela que eu já tinha no armário. Estava pronta a camisa da Seleção Brasileira que, pela minha reação de felicidade satisfação, era tão oficial quanto a que Falcão, Casagrande, Zico, Sócrates e companhia desfilavam nos campos do México.

Pra minha mãe, a Seleção Brasileira nasceu em 58, quando ela era arremessada pra cima por meu avô a cada gol do Brasil no nosso primeiro título mundial. Pra meu pai, foi na Copa do Mundo seguinte, quando a família toda se reunia em volta do rádio pra ouvir as partidas do time que conquistou o bicampeonato. Sempre tive a certeza que a cada partida, gol de Pelé e de Ronaldo, drible de Garrincha e Neymar, jogada de Sócrates e Ronaldinho, título, goleada derrota do Brasil, nascia uma Seleção Brasileira particular pra alguém. Umas mais espetaculares outras sem muito brilho e com algumas cabeças de bagre dentro de campo, todas especiais de alguma forma.

No meu caso, já que não tive a felicidade de crescer assistindo a genialidade de Pelé e sua turma ou a arte da Seleção de 82, ela sempre teve uma outra característica muito importante: festa. Sim, papel picado, sorrisos, fogos de artifício e gols (que você pode substituir por Romário), não necessariamente muito futebol. Ou alguém que viu sua primeira taça de título mundial ser levantada por Dunga poderia pensar diferente?

Pois bem, oficialmente, a Amarelinha nasceu em 1914 e em quase cem anos de existência, como todo mundo já sabe, se transformou não só na seleção mais vitoriosa do mundo,

..... na maior expressão da nossa cultura. Seria normal pensar,, que na milésima partida oficial da Seleção Brasileira, ela mereceria, no mínimo, uma chuva de papel picado, não acham? Pois a CBF acha que não. Na milésima vez que o escudo mais poderoso do futebol mundial entrar em campo, será contra o Gabão, num lugar onde toda vez que eu vou falar, preciso consultar de novo pra lembrar.

Fico assustada com a quantidade de pessoas que dizem que a Seleção Brasileira morreu para elas. Confesso que isso está bem longe de acontecer pra mim, mas preciso dizer também, que, infelizmente, não é nada difícil entendê-las.

As palavras e expressões que você usou para preencher as lacunas são chamadas de **conjunções**.

Conjunção é a palavra que liga duas orações ou termos de mesma função na oração.

Veja:

- Chorei e protestei. A conjunção **e** liga duas orações.
- Minha reação era de felicidade e satisfação. Nesse caso, a conjunção **e** liga dois termos.

CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

São aquelas que exercem o papel de ligar as orações. Observe o quadro:

Conjunção	Ideia expressa	Exemplo
e, não só, mas também, nem (= e não)	adição, soma, acréscimo	Minha avó trouxe uma camisa da Seleção para meu irmão e presenteou-me com uma boneca.
mas, porém, todavia, contudo, contraste, oposição no entanto, entretanto		Eu não tinha completado três anos ainda, mas já adorava a farrã do futebol.
ou, ou...ou, ora...ora	alternância ou exclusão	Ora a Seleção ganha títulos, ora é derrotada.
pois (posposto ao verbo), logo, portanto, por isso, então	conclusão	Minha avó não trouxe uma camisa para mim, por isso chorei.
porque, que (= pois), pois (anteposto ao verbo)	explicação	Torço pelo Brasil, pois é a Seleção do meu coração.

ATIVIDADE

Reescreva as frases que servem de exemplo substituindo a conjunção destacada por outra de sentido equivalente. Faça as adaptações necessárias.

PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO

É o período formado por orações coordenadas.

ORAÇÕES COORDENADAS são aquelas que, no período, não exercem função sintática umas em relação às outras. São, portanto, orações sintaticamente independentes, embora ligadas pelo sentido.

As orações coordenadas podem vir ou não introduzidas pelas conjunções coordenativas, recebendo o nome de sindéticas ou assindéticas.

ATIVIDADE

Agora é com você! Mostre sua paixão por futebol ou qualquer outro esporte produzindo frases com orações coordenadas.

A PONTUAÇÃO NAS ORAÇÕES COORDENADAS

Como você deve ter percebido, as orações coordenadas assindéticas são separadas entre si por meio da vírgula. A vírgula também é obrigatória nas orações coordenadas sindéticas, exceto as aditivas.

Observações:

Há somente dois casos em que as **aditivas** são constituídas pela vírgula:

Quando possuírem sujeitos diferentes.

Exemplo: *O treinador convocou os jogadores, e o time começou a trabalhar.*

Quando o conectivo “e” se apresentar várias vezes repetido, configurando, portanto, uma figura de linguagem ora denominada de polissíndeto.

Exemplo: *O jogador driblava, e saía pela esquerda, e tornava a driblar, e a torcida aplaudia...*

O **ponto-e-vírgula** deve ser usado para separar orações coordenadas adversativas e conclusivas com conectivo deslocado.

Exemplos: *Em 1958, o Brasil conquistou seu primeiro título na Copa do Mundo; em 2014, porém, não conseguiu o hexacampeonato. O Brasil já ganhou cinco campeonatos; é, portanto, o mais vitorioso.*

ORAÇÃO COORDENADA ASSINDÉTICA é aquela que não vem introduzida por conjunção. Ex.: Chorei, protestei.

1ª oração: Chorei - oração coordenada assindética (sem conjunção)

2ª oração: protestei - oração coordenada assindética (sem conjunção)

ORAÇÃO COORDENADA SINDÉTICA é aquela que vem introduzida por conjunção. Ex.: Chorei e protestei.

1ª oração: Chorei - oração coordenada assindética (sem conjunção)

2ª oração: e protestei - oração coordenada sindética (com conjunção)

As orações coordenadas sindéticas classificam-se de acordo com as ideias expressas pelas conjunções coordenativas. Elas podem ser:

1. **ADITIVAS**: exprimem ideia de soma, adição.

Minha mãe escreveu Brasil com lápis de cera verde numa folha de papel ofício e colou a “obra” numa camisa amarela.

2. **ADVERSATIVAS**: exprimem ideia de adversidade, oposição, contraste.

Em 1958, o Brasil conquistou seu primeiro título na Copa do Mundo, mas em 2014 não conseguiu o hexacampeonato.

3. **ALTERNATIVAS**: exprimem ideia de alternância, escolha. Haverá alternância quando a ocorrência de um fato implicar a não ocorrência de outro.

A Seleção Brasileira deve treinar muito ou perderá outros títulos.

4. **CONCLUSIVAS**: exprimem ideia de conclusão.

O Brasil já ganhou cinco campeonatos; é, portanto, o mais vitorioso.

5. **EXPLICATIVAS**: exprimem ideia de explicação, justificação, confirmação.

Vestiu a camisa, pois torcia pelo Brasil.

7. PRODUÇÃO FINAL

A partir da leitura da crônica “Que mico, mãe” de Talita Rebouças, escreva a sua crônica expondo uma situação de “mico” pela qual você tem passado.

GRADE DE CORREÇÃO

	Sim	Parcialmente	Plenamente
O título está adequado ao tema?			
Manteve o foco narrativo?			
Conta uma experiência vivida ou observada?			
Percebe-se o tom humorístico na finalidade do gênero?			
Mantém um diálogo com o leitor?			
Seu texto está dividido em parágrafos?			
Usa corretamente a linguagem padrão? Acentuação, ortografia, concordância e pontuação?			

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Gênero Textual: CARTA ARGUMENTATIVA

JESUS, Angela Maria de

MOURA, Neuza Aparecida de

MONEZZI, Nilza Teixeira

Tempo de duração: 10 aulas

Conteúdos: Conjunções coordenativas e subordinativas, pontuação, estrutura do gênero, variedade linguística, verbo.

Materiais necessários: xerox dos textos da sequência didática.

EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

- 1) Ler para observar a função social dos gêneros textuais;
- 2) Ler para compreender;
- 3) Ler para revisar o próprio texto;
- 4) Analisar e produzir textos argumentativos observando o contexto de produção (interlocutores, finalidade, suporte e circulação do texto);
- 5) Produzir cartas com a função argumentativa, seguindo suas características composicionais e linguísticas;
- 6) Produzir, revisar e reescrever textos como uma prática social;
- 7) Identificar os possíveis elementos constitutivos da organização interna do gênero;
- 8) Observar e identificar na construção do texto suas unidades menores: parágrafos e frases;
- 9) Reconhecer, por meio das características básicas, textos de diferentes gêneros;
- 10) Observar a estrutura do texto argumentativo, analisando a importância da progressão temática;
- 11) Reconhecer as conjunções coordenadas, observando seu valor semântico e sua função no texto;
- 12) Conhecer o emprego e a função das orações coordenadas dentro do texto;
- 13) Observar o emprego da pontuação dentro do período composto.

1. APRESENTAÇÃO INICIAL

Prezado aluno,

Neste bimestre, estudaremos o gênero “Carta Argumentativa”.

A carta argumentativa é um texto que, como a própria nomenclatura revela, pauta-se por persuadir o interlocutor por meio dos argumentos por ela atribuídos. A intencionalidade discursiva é retratada por uma reclamação e/ou solicitação por parte do emissor no sentido de convencer o destinatário de forma específica (geralmente na pessoa de uma autoridade ou alguém com poder de decisão) a fim de que o mesmo possa atender à solicitação ora realizada.

Neste bimestre, estudaremos o gênero “Carta argumentativa”. Ao final de nossas atividades, produziremos uma carta que será encaminhada à direção escolar e/ou jornal mural do Grêmio reivindicando melhorias no ambiente escolar.



BOM TRABALHO! ☺

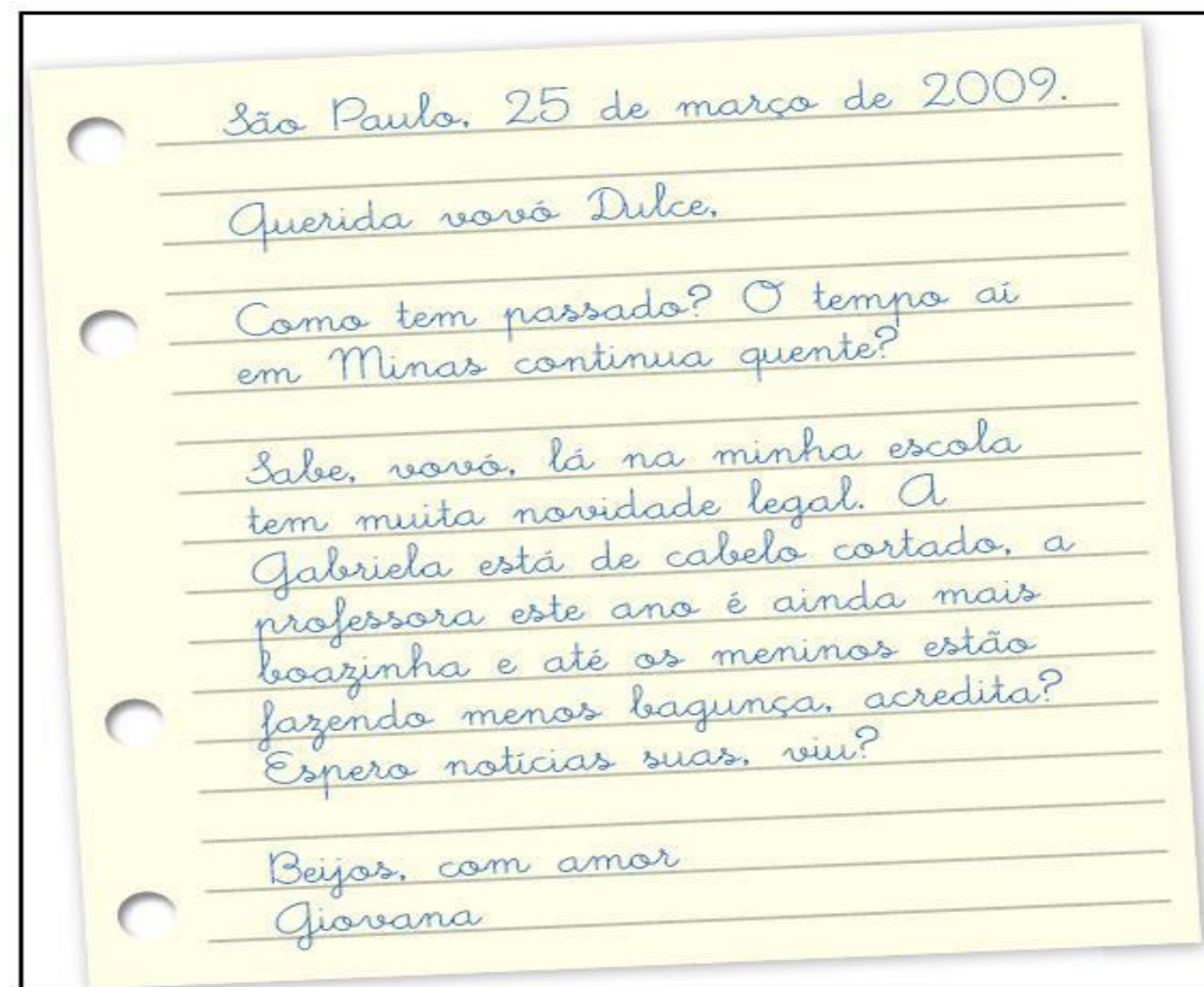
2. RECONHECIMENTO DO GÊNERO TEXTUAL

Professor (a),

Para dar início ao estudo do gênero “Carta Argumentativa”, pergunte aos alunos o que eles sabem sobre esse gênero textual. Em seguida, questione-os sobre o que entendem por “argumentar”, questione os alunos a respeito das características desse gênero textual.

1. Leia as cartas abaixo e identifique a carta que pode ser considerada argumentativa:

TEXTO 1



Texto disponível em <http://professorahosanafreire.blogspot.com.br/2012/04/carta-pessoal.html>

TEXTO 2

Pensei que depois de tanto tempo seria mais fácil, mas tenho a doce suspeita de que nem o tempo aquietará essas borboletas que insistem em bater asas dentro do meu estômago cada vez que eu te vejo. Acho que 'amar' é muito pouco pra tudo isso, mas se não é amor, então o que temos está muito além do que os amantes podem sonhar em sentir. Quando a gente se encontrou, o mundo parou para olhar. E dar em diante, fez dos seus passos ter certeza de que, uma hora ou outra, estaríamos juntos pra sempre. Amo você.

Texto disponível em <http://carab-b.blogspot.com.br/2011/02/carta-de-amor.html>

TEXTO 3

Cadê o governador?

● Por falha minha, apesar de ler cotidianamente O GLOBO e outros jornais, e ver telejornais da TV Globo e outras emissoras, ou por falha dos jornais e televisões, não consegui notar a presença do governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, nas enchentes que assolaram a Baixada Fluminense com a mesma constância que o vi ao lado da cantora Madonna.

FUAD GABRIEL YAZBECK
(por e-mail, 16/11), Juiz de Fora, MG

Texto disponível em <http://ricardogama.net/>

TEXTO 4

São Paulo, 14 de agosto de 2000.

Prezados Senhores,

Uns amigos me falaram que os senhores estão para destruir 45 mil pares de tênis falsificados com a marca Nike e que, para esse fim, uma máquina especial já teria até sido adquirida. A razão desta cartinha é um pedido. Um pedido muito urgente.

Antes de mais nada, devo dizer aos senhores que nada tenho contra a destruição de tênis, ou de bonecas Barbie, ou de qualquer coisa que tenha sido pirateada. Afinal, a marca é dos senhores, e quem usa essa marca indevidamente sabe que está correndo um risco. Destruam, portanto. Com a máquina, sem a máquina, destruam. Destruir é um direito dos senhores. Mas, por favor, reservem um par, um único par desses tênis que serão destruídos para este que vos escreve. Este pedido é motivado por duas razões: em primeiro lugar, sou um grande admirador da marca

4. O CONTEXTO DE PRODUÇÃO

Leia os textos abaixo para responder as questões que se seguem:

TEXTO 1

OS ADVERSÁRIOS DO BOM PORTUGUÊS

Em um mundo em que o sucesso na vida profissional depende cada vez mais do rigor intelectual e do conhecimento, causa perplexidade a bandeira que vem sendo empunhada em escolas públicas e particulares brasileiras por uma corrente de professores de linguística. Eles defendem a ideia de que não existe certo ou errado na língua portuguesa, mas que a norma culta, ancorada na gramática, é só mais uma entre várias maneiras de expressar-se. Para esse grupo, chamar a atenção do aluno que infringe tais regras – papel fundamental de um bom professor – é preconceito linguístico.

Adotado nas aulas de português de meio milhão de estudantes do ensino fundamental, o livro *Por uma Vida Melhor* é uma amostra do que propaga esse círculo de falsos intelectuais. Escreve Heloisa Ramos, uma das autoras: “Você pode estar se perguntando: “Mas eu posso falar os livros? Claro que pode”. O erro crasso de concordância seria apenas uma “variação popular”, segundo a autora. [...]

Essa visão mesquinha deturpa a sociolinguística, ramo de estudo focado nas variações do uso de um idioma – o que é bem diferente de menosprezar a norma culta e ensinar às crianças que elas podem falar nós vai ou nós pegou o peixe e que, se alguém as admoestar, é por preconceito linguístico. Esses desvarios são o retrato da situação política brasileira, comandada por uma ortodoxia cada vez mais ousada em sua destruição impune de todo bem cultural que não se encaixa na sua estreita visão de mundo. “A ideia de que a língua culta é um instrumento de dominação da elite é um absurdo que não se vê em nenhuma outra nação desenvolvida”, diz o linguista Evanildo Bechara, membro da Academia Brasileira de Letras e autor de dezenas de livros. Um dos expoentes dos talibãs da linguística no Brasil é um certo Marcos Bagno, professor da Universidade de Brasília [...]. Já é um escândalo planetário que o suado dinheirinho dos brasileiros honestos e trabalhadores esteja sendo usado para sustentar desvarios dos talibãs acadêmicos. A preguiça mental desses doutores do atraso é sustentada por brasileiros de quem o Fisco arranca a maior carga de impostos do mundo entre os países emergentes, por pais e mães que gastam metade dos ganhos para pagar uma boa escola privada aos filhos, suprimindo com seu suor o que deveria ser obrigação do estado.

Para a procuradora da República Janice Ascari, está-se diante de um crime “contra nossos jovens... um desserviço à educação já deficientíssima no país”.

É espantoso que as crianças brasileiras estejam sendo expostas a esse tipo de lixo acadêmico travestido de vanguarda cultural, quando deveriam estar aprendendo as disciplinas obrigatórias e acumulando o conhecimento e as habilidades que as tornarão capazes de enfrentar com sucesso os desafios do mundo real. O crime apontado pela procuradora Janice Ascari ocorre em um país em que, ao final do ciclo escolar, 62% dos estudantes são incapazes de interpretar textos, onde 1 milhão de vagas abertas pelas empresas brasileiras não podem ser preenchidas por falta de gente qualificada. Enquanto isso, nas salas de aula das escolas públicas, as crianças brasileiras carentes de aprender a pescar, no sentido do provérbio, são ensinadas que é certo falar nós pega o peixe.

Renata Betti e Roberto de Abreu de Lima. Revista *Veja*, n. 2218, 25 de maio de 2011.

TEXTO 2

Cara Renata Betti,

Eu, Isabella Cunha Louzada, uma estudante do Ensino Médio do Colégio [...] de Belo Horizonte, gostaria de lhe informar que o que os professores hoje em dia ensinam aos seus alunos chama-se Variação Linguística. Esse conteúdo se resume em apresentar a crianças e adolescentes que em uma determinada língua existem diversificações em função de seus elementos.

Os educadores, os quais são chamados de “talibãs” da língua portuguesa em sua reportagem, não ensinam aos seus alunos que “nois vai” está correto, em hipótese alguma, eles apenas mostram que esse tipo de fala é mais frequente entre pessoas de baixa escolaridade.

Ensinar variações linguísticas não torna o indivíduo um adversário do “bom português”, até mesmo porque este não existe, o português é adaptado a cada situação.

Situações formais exigem um português culto, situações cotidianas não.

Portanto, se o seu objetivo é criticar a educação do país, critique, mas com argumentos coerentes, como, por exemplo, o estado da maioria das escolas estaduais e a falta de disciplina.

Para terminar, gostaria de informar mais uma coisa, a falta de capacidade interpretativa citada anteriormente por você se enquadra no seu caso.

RAMOS, Rogério de Araújo (editor). *Universos*. São Paulo: SM, 2012.

Após a leitura da carta, responda as questões a seguir:

1) Identifique qual é o veículo de publicação desse gênero textual?

2) Qual é o público-alvo desse texto, isto é, quem é o seu destinatário? Comprove sua resposta com elementos do texto.

3) Levando em conta o público alvo dessa carta e o veículo de publicação, o registro empregado está adequado a esse contexto?

4) Se o mesmo assunto da carta de Isabella Cunha Lousada fosse redigido em uma revista para adolescentes, a linguagem mudaria? Em caso positivo, que modificações deveriam ser feitas.

5) Você consegue identificar quem é o autor da carta argumentativa e definir qual a sua função social?

5. OS ASPECTOS DISCURSIVOS

5.1. A ESTRUTURA DA CARTA

A carta argumentativa abaixo está toda desorganizada. Leia-a e tente organizá-la.

Educalson Brasileiro

Diante de tal situação, precisamos, ainda, percorrer um árduo caminho para que possamos ter um país que veja a educação com a seriedade merecida. Sendo assim, a valorização do magistério, a informatização das escolas, a capacitação profissional, além de um melhor planejamento dos recursos aparecem como estratégias importantes, para transformar o Sistema Educacional em um serviço eficiente e eficaz.

Ao analisarmos os diversos problemas enfrentados pelos brasileiros, percebemos que a educação apresenta-se como um dos mais graves. Apesar da queda do analfabetismo na última década, ainda assumimos uma posição vergonhosa no “ranking” latino-americano.

Atenciosamente,

As deficiências no processo de ensino-aprendizagem também merecem atenção, principalmente nos primeiros anos escolares. Metodologias de ensino inadequadas, carências de recursos humanos e materiais, péssimo sistema de transporte escolar, além de baixos salários, são elementos importantes que contribuem para a evasão escolar e para a má qualidade do serviço prestado.

Excelentíssimo Senhor Ministro da Educação,

Essa questão torna-se complexa, pois está relacionada a diversos problemas nacionais como a desigualdade na distribuição de renda, a exploração do trabalho infantil, dificuldades no acesso às escolas, exploração sexual de crianças e adolescentes, perfazendo um conjunto de tristes realidades, que separam cada vez mais, as famílias em situação de vulnerabilidade social do sistema regular de ensino.

Currais Novos/RN, 11 de setembro de 2008

GRADE DE CORREÇÃO

CRITÉRIOS	
Estrutura do gênero	Apresenta dificuldades () Compreende razoavelmente () Compreende bem () Compreende muito bem ()
Coerência / coesão	Apresenta dificuldades () Compreende razoavelmente () Compreende bem () Compreende muito bem ()
Ortografia	Apresenta dificuldades () Compreende razoavelmente () Compreende bem () Compreende muito bem ()
Pontuação	Apresenta dificuldades () Compreende razoavelmente () Compreende bem () Compreende muito bem ()
Concordância nominal e verbal	Apresenta dificuldades () Compreende razoavelmente () Compreende bem () Compreende muito bem ()

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Gênero Textual: TEXTO DISSERTATIVO

AVELINO, Tânia de Souza
BENEDETTE, Katia Simone
BENVINDA, Márcia Cristina
PASCOAL, Sebastiana Carolina Braga

Tempo de duração: 12 aulas

Conteúdos: Características do gênero, elementos constitutivos da organização interna do gênero texto dissertativo.

Materiais necessários: Livros didáticos e paradidáticos, folhas de sulfite, datashow, retroprojektor, textos fotocopiados.

EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

- 1) Ler para observar a função social dos gêneros textuais;
- 2) Ler para compreender;
- 3) Ler para revisar o próprio texto;
- 4) Analisar e produzir textos argumentativos observando o contexto de produção (interlocutores, finalidade, suporte e circulação do texto);
- 5) Produzir, revisar e reescrever textos como uma prática social;
- 6) Identificar os possíveis elementos constitutivos da organização interna do gênero;
- 7) Observar e identificar na construção do texto suas unidades menores: parágrafos e frases;
- 8) Reconhecer, por meio das características básicas, textos de diferentes gêneros;
- 9) Observar a estrutura do texto argumentativo, analisando a importância da progressão temática;
- 11) Reconhecer as conjunções coordenadas, observando seu valor semântico e sua função no texto;
- 12) Conhecer o emprego e a função das orações coordenadas dentro do texto;
- 13) Observar o emprego da pontuação dentro do período composto.

1. APRESENTAÇÃO INICIAL

Prezado aluno,

O texto dissertativo implica em discussão de ideias, argumentação, raciocínio e organização de pensamento, defesa de ponto de vista, descoberta de soluções. Significa refletir sobre nós mesmos ou sobre o número que nos cerca, apoiado em dados, fatos (exemplos) fundamentais para desenvolvermos um bom trabalho.

O texto argumentativo é frequentemente solicitado em escolas, em exames e em concursos.

Neste bimestre, estudaremos o gênero “Texto dissertativo”. Ao final de nossas atividades, exporemos nossas atividades no mural da escola.



BOM TRABALHO!

2. RECONHECIMENTO DO GÊNERO TEXTUAL

Professor (a),

Para dar início ao estudo do gênero “Texto dissertativo” apresente aos alunos o poema “Eu em mim” para que sirva de motivação para discussão para o tema.

Eu em mim

Enfim, este é meu corpo, flor que amadureceu.	é voo. Esperança resolvida, verso que ficou pronto. Meu corpo é assim.	sou eu! Sou eu para a dor e o prazer, para o sabor e o saber, para a emoção de viver viagem tão companheira...
Estalo os dedos, é sonho. Respiro fundo, é brisa.	Olho seu rosto, mistério. Ouço sua voz, estrangeira.	Sou eu sim, sou eu assim, sou eu enfim com meu corpo em mim!
Estendo os braços, é asa. Libero as fibras,	Cheiro seu suor, lembranças. Sinto sua pele...	



Agora, leia o texto “Ser jovem” de autoria de Artur da Távola.

Ser jovem é não perder o encanto e o susto de qualquer espera. É, sobretudo, não ficar fixado nos padrões da própria formação.

É acreditar um pouco na imortalidade da vida, é querer a festa, o jogo, a brincadeira, a lua, o impossível, o distante. Ser jovem é ser bêbado de infinitos que terminam logo ali. É só pensar na morte de vez em quando. É não saber de nada e poder tudo.

Ser jovem é ainda acordar, pelo menos de vez em quando, assobiando uma canção, antes mesmo de escovar os dentes. Ser jovem é não dar bola para o síndico mas reconhecer que ele está na sua. É achar graça do riso, ter pena dos tristes e ficar ao lado das crianças.

Ser jovem é estar sempre aprendendo inglês, é gostar de cor, xarope, gengibre e pastel de padaria. Ser jovem é não ter azia, é gostar de dormir e crer na mudança; é meter o dedo no bolo e lamber o glacê.

É cantar fora do tom, mastigar depressa e engolir devagar a fala do avô. É gostar da barca da Cantareira, carro velho e roupa sem amargura. É bater papo com a baiana, curtir o ônibus e detestar meia marrom.

Ser jovem é beber curvas, ter estranhas, súbitas e inexplicáveis atrações. É temer o testemunho, detestar os solenes, duvidar das palavras. Ser jovem é não acreditar no que está pensando exceto se o pensamento permanecer depois. É saber sorrir e alimentar secreta simpatia pelos crentes que cantam na praça em semicírculo, Bíblia na mão, sonho no coração.

É gostar de ler e tentar silêncios quase impossíveis. É acreditar no dia novo como obra de Deus. É ser metafísica sem ter metafísica. É curtir trem, alface fresquinha, cheiro de hortelã. É gostar Ser jovem é ter ódio de cachimbo, de bala jujuba, de manipulação, de ser usado.

Ser jovem é ser capaz de compreender a tia, de entender o reclamo da empregada e apoiar seu atraso. Ser jovem é continuar gostando de deitar na grama. É gostar de beijo, de pele, de olho. Ser jovem é não perder o hábito de se encabular. É ir para ser apresentado (já conhece fulano) morrendo de medo.

Ser jovem é permanecer descobrindo. É querer ir a lua ou conhecer as Finlândias, Escócias e praias adivinhadas. É sentir cheiro de férias, cheiro de mãe chegando em casa em dia de chuva, cheiro de festa, aipim, camisa nova ou toalha lá do clube.

Ser jovem é andar confiante como quem salta, se possível, de mãos dadas com o ar. É ter coragem de nascer a cada dia e embrulhar as fossas no celofane do não faz mal. É acreditar em frases, pessoas, mitos, forças, sons, é crer no que não vale a pena, mas ai da vida se não fosse isso.

É descobrir um belo que não conta. É rezear as revelações e ir para casa com gosto do seu silêncio amargo ou agridoce.

Ser jovem é ter a capacidade do perdão e andar com os olhos cheios de capim cheiroso. É ter tédios passageiros, é amar a vida, é ter uma palavra de compreensão. Ser jovem é lembrar pouco da infância por não precisar fazê-lo para suportar a vida. Ser jovem é ser capaz de anestésias salvadoras.

Ser jovem é misturar tudo isso com a idade que se tenha, trinta, quarenta, cinquenta, sessenta, setenta ou dezenove. É sempre abrir a porta com emoção. É esperar dos outros o que ainda não desistiu de querer. Ser jovem é viver em estado de fundo musical, de superprodução da Metro. É abraçar esquinas, mundos, espaços, luzes, flores, livros, discos, cachorros e a menininha com um profundo, aberto e incomensurável abraço feito de festa, cocada preta, dentes brancos e dedos tímidos, todos prontos para os desencontros da vida. Com uma profunda e permanente vontade de SER.

O que é ser jovem para você?

Que relações há entre o poema e o texto em prosa?

O texto 2 expõe uma opinião do autor? Ele defende o mesmo que você?

Que argumentos ele utiliza para expor sua opinião?

Você acha que o texto acima pode ser considerado um texto dissertativo?

no [Chile](#) entre [1964](#) e [1968](#). Tornou-se um dos fundadores do PSDB e o líder da bancada tucana na assembleia constituinte de [1988](#), quando defendeu alterações nas concessões de emissoras de televisão para permitir que fossem criados canais vinculados à sociedade civil. No mesmo ano, concorreu, sem sucesso, à prefeitura do Rio de Janeiro. Posteriormente, foi presidente do PSDB entre [1995](#) e [1997](#). Exerceu mandatos de [deputado federal](#) de [1987](#) a 1995 e [senador](#) de 1995 a [2003](#). Em [2001](#), foi por nove meses secretário da Cultura na cidade do Rio.

Como jornalista, atuou como redator e editor em diversas revistas, notavelmente na [Bloch Editores](#) e foi colunista de [televisão](#) nos jornais [Última Hora](#),² [O Globo](#) e [O Dia](#), sendo também diretor da [Rádio Roquette Pinto](#). Publicou ao todo 23 livros de contos e crônicas.



Távola apresentava o programa *Quem tem medo de música clássica?*, na TV Senado onde demonstrava sua profunda paixão e conhecimento por música clássica e erudita.

Qual a função social que Távola exerce?

5. OS ASPECTOS DISCURSIVOS

a. A ESTRUTURA

Leia os textos abaixo para responder as questões que seguem:

Pais fumantes influenciam seus filhos para que também fumem?

SIM

Acho que os pais fumantes influenciam sim seus filhos a fumarem também. Essa influência começa de um jeito bem inocente. Quando, por exemplo, o pai ou a mãe pede para o filho buscar o

maço de cigarros ou pegar a caixa de fósforos na cozinha, a criança sente um prazer de estar com algo proibido para ela nas mãos. O próximo passo vem quando os pais deixam o filho brincar com o cigarro. É de se esperar que, não muito depois disso, a criança vá roubar um cigarro para experimentar no banheiro. Assim pode começar o vício.

Afinal, quem pode negar que, ao fumar na frente dos filhos, os pais não despertem neles (ou pelo menos em alguns deles) o mesmo desejo? Os pais são modelos de comportamento dos filhos; admirar e imitar o que os pais fazem é uma atitude normal de crianças e mesmo de pré-adolescentes.

Mesmo quando a criança demonstra ser verdadeira antitabagista, pode mudar a cabeça quando chega à adolescência, pois se sente agora naturalmente mais atraída por fazer coisas erradas ou proibidas. Já viciado, mas ainda fumando escondido dos pais, o adolescente consegue guardar seu vício em segredo por algum tempo, pois os pais fumantes já estão acostumados com o cheiro e não o sentem ao chegar perto do filho.

Depois de descoberto, o filho fumante tem muitos argumentos para se defender. Afinal, que moral têm os pais fumantes de fazer discursos sobre os males do cigarro, os riscos à saúde, à força de vontade etc.? A opção mais honesta seria os pais tentarem parar de fumar junto com o filho, se ajudando e se apoiando mutuamente. Este esforço em deixar o vício também pode servir de exemplo e de estímulo para o jovem deixar de fumar.

Mas, mesmo que os pais continuem fumando e a argumentação do filho seja coerente, os pais nunca deveriam se dar por vencidos, pois se aceitarem facilmente os comportamentos de risco do filho, este se sentirá vitorioso e não terá limites, podendo logo mais se sentir autorizado a abusar de álcool, de maconha etc.

Caio Bergamo, 16 anos, é estudante do Ensino Médio. Tabagista dos 14 aos 16 anos, há dois meses deixou de fumar; seus pais não fumam.

NÃO

Um pai ou uma mãe que fumam podem trazer o cigarro para mais perto do adolescente, mas não acredito que esse seja o fator decisivo que faça com que ele comece a fumar.

Penso que o cigarro é atraente para o adolescente por ser um símbolo do mundo adulto. Às vezes, do mundo adulto que “deu certo”, como sugerem as propagandas de cigarro: homens e

mulheres independentes, felizes, bem-sucedidos... Mas, neste sentido, acredito que a mídia exerça mais influência que o exemplo dos pais.

Fumar é um hábito de uma parte da tribo humana que acolhe os que se identificam com e ela e com seus rituais, linguagem, gestos comuns etc. Se um adolescente frequenta uma turma em que todos fumam, a influência será muito forte para que adote esse hábito do grupo como seu. Nesses momentos, pedir ou dar um cigarro ou fumar coletivamente facilita muito a aproximação com o outro e abre um canal de comunicação numa linguagem comum a todos. O que importa é que o jovem se sinta integrado ao grupo, adotando os mesmos padrões e comportamentos da turma, que nessa etapa da vida é quem dita as normas.

Além disso, o cigarro pode ser muito prazeroso, pois sabemos que ele se relaciona em algum nível com as gratificações orais da infância que podem ser reativadas em qualquer idade. Dessa forma ele pode muito bem funcionar como substituto de alguma coisa ou de alguém que está faltando, uma espécie de companheiro de toda hora. Para alguns adolescentes o cigarro pode aplacar a ansiedade, funcionando como um apoio quando, por exemplo, eles têm de enfrentar uma situação social nova. A adolescência é uma fase carregada de situações estressantes, e o cigarro, a exemplo de outras drogas, lícitas ou ilícitas, tem o poder de relaxar.

Retomando a questão da influência dos pais fumantes no tabagismo dos filhos, em parece que, se ocorre de fato alguma influência, o mais comum é que ela opere no sentido contrário. Os filhos de pais fumantes frequentemente abominam o cigarro, se sentem mal e se irritam quando os pais fumam por perto, e até mesmo se preocupam com os riscos que o cigarro representa para a saúde dos pais, tentando persuadi-los para que parem de fumar.

Vera Lúcia Scognamiglio, 47 anos, não-fumante, é psicóloga e mãe de Bruno, 9 anos.

1) Os autores têm opiniões diferentes a respeito do assunto. Um acredita na influência do fumo e o outro não. Ambos utilizam argumentos convincentes? Explique.

2) Considerando a ideia principal dos textos, observe os trechos abaixo:

“Acho que os pais fumantes influenciam sim seus filhos a fumarem também” (C.B)

“Um pai ou uma mãe que fumam podem trazer o cigarro para mais perto do adolescente mas não acredito que esse seja o fator decisivo que faça com que ele comece a fumar” (V.L.S.)

O argumento é um recurso de linguagem que visa persuadir o leitor de nossas ideias, nossas opiniões. Analise os argumentos. Eles estão de acordo com a ideia inicial? Justifique apresentando um deles.

O texto dissertativo-argumentativo possui uma estrutura padrão que costuma ser organizada em três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. Observe o quadro abaixo:

INTRODUÇÃO	Na introdução , apresenta-se a ideia central do texto. A partir dela, as outras ideias e os demais parágrafos são desenvolvidos, com o objetivo de fundamentá-la, explicá-la ou prová-la. A introdução deve apresentar de maneira clara o assunto que será discutido, tendo geralmente um parágrafo.
DESENVOLVIMENTO	O desenvolvimento contém os argumentos que fundamentam e comprovam a ideia central. Ele deve ser bem organizado e coerente com a ideia exposta na introdução, seguindo uma linha de raciocínio. Nessa parte do texto, o autor estará construindo a sua defesa, expondo o seu ponto de vista sobre o tema do texto. Normalmente, cada um dos argumentos é desenvolvido em um parágrafo e pode ser fundamentado com exemplos, citações, dados estatísticos, comparações e outras informações.
CONCLUSÃO	A conclusão é a parte final do texto, a síntese do que foi dito na introdução e no desenvolvimento. Reforça o ponto de vista do autor sobre o assunto, podendo trazer propostas de ação, apresentar uma solução para o problema em questão, confirmar a ideia central etc. Essa parte do texto deve ter, preferencialmente, um parágrafo.

Agora, observe esta estrutura no texto a seguir:

Uma sociedade sem fumo	
Introdução	<p>Pelo potencial nocivo que encerra, por sua disseminação universal em todos os segmentos da sociedade, o tabagismo configura uma das mais perniciosas formas de toxicomania. Por isso é difícil entender que venha sendo tão amplamente divulgado e utilizado, com o aval da sociedade.</p> <p>1º parágrafo Inicialmente, o autor introduz a ideia de que “o tabagismo configura uma das mais perniciosas formas de toxicomania”, que será defendida ao longo do texto. A ela, chamamos ideia central.</p>
Desenvolvimento	<p>A experiência da Lei Seca nos Estados Unidos, e até mesmo os escassos resultados que se verificam com a repressão policial ao comércio e ao consumo de drogas alucinógenas, nos mostram que a proibição não é o caminho. É preciso que a sociedade possa repudiar o fumo e configurá-lo como um ato antissocial.</p> <p>Toda e qualquer forma de publicidade do fumo deve ser rigorosamente proibida. Não basta inserir, em letras microscópicas, que o fumo é nocivo à saúde nas vistosas propagandas veiculadas nas páginas de revistas ou nos <i>outdoors</i>, ou exibi-las poucos segundos após artificiosos comerciais na televisão.</p> <p>No plano individual, há que se conscientizar os “fazedores de opinião”, principalmente os médicos, da importância do seu papel. Não apenas como exemplo, tantas vezes negligenciado, mas pela ação e pela autoridade de suas palavras.</p> <p>2º parágrafo Valendo-se de uma experiência ocorrida em um outro país, o autor argumenta que proibir não é o caminho para a eliminação de um problema.</p> <p>3º parágrafo Nesse parágrafo, o autor é categórico ao argumentar que a publicidade do fumo deveria ser expressamente proibida.</p> <p>4º parágrafo Segundo o autor, determinados setores da sociedade são essenciais para a conscientização da população.</p>
Conclusão	<p>O surgimento de medicamentos que substituem a nicotina parece constituir, em pacientes devidamente orientados, importante e eficaz instrumento à disposição do médico para auxiliar na erradicação do fumo (...).</p> <p>Disponível em: <http://www.cardiol.br/fumo.htm>. Acessado em: 17/06/2007.</p> <p>5º parágrafo No último parágrafo, o autor aponta o surgimento dos medicamentos que substituem a nicotina como uma importante ajuda no combate ao fumo e reafirma sua posição maior, retomando o título do texto.</p>

Agora que você compreendeu como se estrutura o texto dissertativo, releia o texto de Caio Bergamo e identifique a INTRODUÇÃO, DESENVOLVIMENTO e CONCLUSÃO.

b. O CONTEÚDO TEMÁTICO

Leia, a seguir, o texto “Animais no prédio: sim ou não?”.

Animais no prédio, sim ou não?

Você é a favor ou contra a presença de animais domésticos no condomínio? O tema parecia estar acomodado, com a corrente predominante nos tribunais entendendo ser nula a cláusula proibitiva da convenção se o bichano não causar qualquer dano à saúde, sossego ou segurança dos demais condôminos.

Acontece que o posicionamento imparcial dos juízes não é suficiente para acalmar os ânimos. Os argumentos que justificam a presença ou o afastamento de gatos e cachorros no prédio continuam de pé. (...)

Argumentos a favor

- Pequenos animais de estimação fazem parte da vida de qualquer família moderna (aliás, de qualquer família moderna desde a mais remota antiguidade), sendo ótimos para aliviar tensões e manter o equilíbrio das pessoas.
- Sendo dóceis e silenciosos, os bichinhos não prejudicam ninguém no condomínio.
- Cada condômino tem o direito de utilizar sua unidade autônoma da maneira que melhor lhe aprouver. O síndico não tem nada que se intrometer.
- Qualquer cláusula que proíba a presença de animais no edifício vai contra o direito de propriedade dos condôminos, o que a lei não permite. A vontade da assembleia é soberana, mas sempre dentro da lei.
- Os vizinhos incomodados que se retirem. Quem não gosta de animais domésticos, não é tolerante com os outros ou não suporta barulho, não deve morar em condomínio, mas numa casa isolada no meio do mato. (...)

Argumentos contra

- O condomínio residencial foi feito para a moradia de pessoas normais, com hábitos comuns, não para animais, domésticos ou não.
- O cãozinho pode ser pequeno de tamanho e inofensivo na aparência, mas quando abre a boca ninguém consegue dormir. Pior, ainda, quando gane ou chora, levando as pessoas à extrema irritação.
- Se o animal for de porte médio ou grande, sua simples presença assusta as pessoas e em especial as crianças.
- A sujeira que fazem nas partes comuns deixa um cheiro desagradável no prédio, mesmo após a limpeza; as crianças nem mais podem brincar no *playground*. Os dejetos sólidos ficam expostos nas calçadas em torno do edifício.
- Vacinados ou não, os gatos e cães são transmissores de várias pragas e doenças, que podem afetar os moradores do prédio. (...)

Luiz Fernando de Queiroz. In: *O Estado do Paraná*, 18/10/1998.

1) Você é contra ou a favor dos animais de estimação no prédio? Justifique sua opinião.

2) Qual é a posição dos tribunais em relação aos animais nos prédios?

3) De acordo com o texto, as palavras PROIBITICA e IMPARCIAL, podem ser substituídas por quais palavras sem alterar o sentido:

- a) Que proíbe – neutro
- b) Moderna – parcial
- c) Benéfica – liberal
- d) Negativa – comum

4) Transcreva do texto um argumento que identifique o direito do condômino utilizar o condomínio da forma que achar melhor.

5) Leia as afirmativas abaixo:

I – Se o animal for de porte médio ou grande, sua simples presença assusta as pessoas.

II – Sendo dóceis e silenciosos, os bichinhos prejudicam os moradores do condomínio.

III – Vacinados ou não, os gatos e cães transmitem pragas e doenças.

IV – O condomínio residencial foi feito para moradia de pessoas anormais.

Sobre as afirmativas listadas, está correta a seguinte alternativa.

- a) V V V F
- b) F V F V
- c) F V V F
- d) V F V F

6. OS ASPECTOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS

1. Releia o texto “Pais fumantes influenciam seus filhos para que também fumem?” e observe:

“Acho que os pais fumantes influenciam sim seus filhos a fumarem também”.

a) O termo que tem a função de:

I – Verbo

II – conjunção integrante

III – substantivo

IV – preposição

b) Identifique quantas orações há nesse trecho:

c) Classifique as orações que você encontrou no trecho:

2. Releia o poema “Eu em mim”.

a) No poema, em seu terceiro verso: “Flor que amadureceu”. Por qual outro pronome relativo podemos substituir o pronome que? Reescreva este trecho fazendo a substituição.

b) Transforme a oração subordinada adjetiva “que amadureceu” em um adjetivo equivalente.

c) Esse adjetivo se refere a que nome antecedente?

7. PRODUÇÃO FINAL

Produza um texto dissertativo-argumentativo sobre um dos temas a seguir:

- 1) O exemplo dos pais na formação do jovem.
- 2) A influência dos vícios na juventude
- 3) Apologia da mídia às bebidas alcoólicas

GRADE DE CORREÇÃO

	Sim	Parcialmente	Não	Obs:
O texto apresenta dados vindos da experiência pessoal?				
Há no texto considerações ao leitor e ao veículo de publicação?				
O texto possui uma estrutura completa de organização (introdução, desenvolvimento e conclusão)?				
O texto apresenta com clareza argumentos que sustentam a ideia central?				
A dissertação apresenta uma conclusão adequada?				
O texto reflete boa adequação às normas gramaticais da escrita padrão e formal da língua?				
Usa corretamente a pontuação?				
Evita repetições de palavras próximas?				

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Gênero Textual: **ARTIGO DE OPINIÃO**

FERRIANI, Keli Ramos
LEITE, Lindalva dos Anjos
LOURENÇO, Arleti de Fátima

Tempo de duração: 20 aulas

Conteúdos: Características do gênero, elementos constitutivos da organização interna do gênero artigo de opinião.

Materiais necessários: Livros didáticos, jornais, folhas de sulfite, datashow, retroprojektor, textos fotocopiados.

EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

- 1) Conhecer o gênero Artigo de opinião
- 2) Perceber os conectivos presentes no gênero Artigo de opinião
- 3) Discutir a argumentação e a linguagem discursiva
- 4) Reconhecer a importância de expor seu ponto de vista em relação a temas polêmicos
- 5) Perceber a importância da adequação linguística do gênero
- 6) Relacionar e diferenciar notícias de artigo de opinião
- 7) Identificar temas polêmicos e expor sua opinião sobre o assunto
- 8) Ler, ouvir e analisar artigos de opinião, reconhecendo bons argumentos
- 9) Escrever um artigo de opinião, observando as marcas de autoria, as convenções da escrita e a adequação ao gênero.

1. APRESENTAÇÃO INICIAL

Prezado aluno,

É comum, no dia a dia, apresentarmos ideias, defendê-las e até mesmo tentar convencer as pessoas que dialogamos a concordar ou aceitar nosso ponto de vista, tentando significar, a todo momento, produzindo discursos argumentativos orais e escritos com o objetivo de apresentar opiniões e convencer quem as ouve ou lê.

O artigo de opinião é um gênero argumentativo que possibilita uma maior flexibilidade quanto às escolhas da linguagem e à organização do texto. Há sempre uma questão a ser discutida, buscando explicitar qual é a visão a respeito do fato. Através de um processo de argumentação, procura convencer o outro acerca de sua posição, podendo levá-lo a uma mudança de atitude ou revisão de valores.

Nesse bimestre, convidamos você a apresentar o seu ponto de vista sobre diversos assuntos polêmicos. Então, entraremos no mundo da argumentação e exposição de ideias, realizando ao final do nosso projeto, um jornal na nossa escola.

“Artigo de Opinião é um gênero jornalístico argumentativo escrito, publicado em jornais, revistas, internet, e sempre assinado. A assinatura identifica o autor, o responsável pela opinião.”

(GAGLIARDI, Eliana; AMARAL, Heloisa, 2004)

2. RECONHECIMENTO DO GÊNERO TEXTUAL

Professor (a),

Para iniciarmos o estudo do “Artigo de Opinião”, selecione alguns artigos extraídos de jornais, revistas, internet, etc. Proponha que os alunos escolham e façam a leitura de diferentes textos. Em seguida, organize a sala em círculo e levante as características observadas pelos alunos.

A seguir, leia o texto de Artigo de Opinião. Analise-o e responda às questões:

TEXTO: OS MENINOS NA RUA

Nelson Pretto

Alguns, mais afoitos, sem entender, caíram na armadilha das frases prontas: hoje não tem aula! Mas as aulas aconteceram, sim. Quem sabe, nesses dias, tenham acontecido as aulas mais importantes do ano. Aulas de cidadania. Aulas práticas. Aulas ministradas pelos próprios alunos...

Os meninos foram para as ruas. Os ônibus pararam. A cidade travou. Os professores foram para as escolas mas, os meninos não estavam lá! Alguns, mais afoitos, sem entender, caíram na armadilha das frases prontas: hoje não tem aula! Mas as aulas aconteceram, sim. Quem sabe, nesses dias, tenham acontecido as aulas mais importantes do ano. Aulas de cidadania. Aulas práticas. Aulas ministradas pelos próprios alunos...

A escola foi se ampliando nesses dias de setembro e, hoje, os meninos e professores, devem - ou pelo menos deveriam! - estar discutindo em sala o que aconteceu na rua. Não foi um fenômeno simples. Os físicos sabem que um fenômeno complexo é aquele que não pode ser explicado por uma única e, muito menos, simples teoria. Exige, para compreendê-lo, pensar também de forma complexa. Caótica. Sem centro. Como o movimento dos meninos. Como deve ser a escola. Até as tradicionais lideranças políticas foram quase deixadas de lado, o que aumenta a complexidade da questão. O centro, como numa guerrilha, estava em todo lugar. Era plural. E bote plural nisso! Plural como é a cultura, o conhecimento e como também deve ser a formação do cidadão. Plural como tem que ser a educação. A escola tem o seu espaço físico próprio, fixo, localizado, mas a educação acontece em todos os tempos e em todos os espaços e lugares.

Em rede, tecnológica ou não. Como na Internet, que deve ter sido usada intensamente na organização das manifestações. E se não foi ainda, terá sido só por enquanto. Uma articulação que se deu e continua a se dar, em pleno movimento, atuando de forma rebelde, criticando as políticas e os políticos estabelecidos. Agora, depois das ruas, no retorno para as escolas, a avaliação do acontecido, ampliando o movimento e trazendo os mestres para ajudar na avaliação do ocorrido. Momento difícil, sem dúvida, mas igualmente importante.

Um movimento que interagiu intensamente com a mídia, compreendendo que, de um lado, alguns órgãos viam com simpatia o que acontecia, outros, com antipatia e crítica. E outros ainda ... parece que nem viam.

Mas a cidade via e vê tudo. E os meninos trouxeram para a discussão a idéia de uma nova ética, que se impõe na prática, na contra-mão da lógica neoliberal predominante, que defende o princípio da farinha pouco, meu pirão primeiro!

Uma nova ética que recupera no asfalto da cidade, a solidariedade, a generosidade, a cooperação e a auto-organização.

A nós, professores, esta nos sendo dada uma tarefa nada simples: tratar tudo isso com muita dignidade e respeito, mas não deixando de exercer o nosso papel de instigar permanentemente, de exercer a função de provocador e desestabilizador das novas verdades, estas sempre provisórias.

Os gritos da rua desses meninos podem não lembrar os de 68, daqui e de lá. Mas trazem para nós, nessa nossa primavera chuvosa, inúmeros sinais de um possível novo tempo.

Eles estão demandando de nós uma outra postura, como professores e como pais. Esses meninos vão crescer e, amanhã, serão adultos, e bem diferentes!

Nelson Pretto é diretor da Faculdade de Educação/UFBA. Artigo publicado em A Tarde em 15/09/2003

- 1) Quem escreveu o texto de artigo de opinião?
- 2) Onde foi publicado o artigo? Em revista, jornal, internet, etc? E qual a data da publicação?
- 3) Qual é a ideia principal do artigo?
- 4) O texto foi produzido em 1ª ou 3ª pessoa?
- 5) Qual é o argumento apresentado pelo autor do texto de acordo com seu ponto de vista?
- 6) Qual é a conclusão do autor em relação ao assunto defendido no artigo de opinião?
- 7) A linguagem utilizada é forma ou informal?
- 8) Para qual público se destina o artigo de opinião?
- 9) Aponte as principais características de um artigo de opinião observado no texto.

3. PROPOSTA DE PRODUÇÃO INICIAL

Agora que você já observou as principais características dos artigos de opinião, leia a capa da revista ÉPOCA de 10/09/2007 e discuta com os seus colegas sobre as crianças e adolescentes que estão cada vez mais cedo e com mais frequência tendo acesso ao uso de computadores.



Responda, oralmente às questões:

- 1) O que chama mais a sua atenção nessa capa?
- 2) Descreva a criança que aparece na capa.
- 3) Qual é o tema principal abordado nessa revista?
- 4) O uso da internet é benéfico para as crianças e jovens? Aponte os benefícios que você conhece.
- 5) Quando o uso da internet passa a ser prejudicial ou perigoso às crianças ou adolescentes?
- 6) Os pais ou responsáveis tem consciência dos riscos que podem existir num acesso ao MSN, Facebook, Skipe e entre outros sites de relacionamento?
- 7) O que os pais ou responsáveis devem fazer para evitar que os adolescentes e as crianças sejam vítimas do uso indevido da internet?
- 8) A seguir, produza um texto de artigo de opinião, apresentando o seu ponto de vista sobre o tema “A influência dos sites de relacionamentos na vida das crianças e jovens”

4. O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

O artigo de opinião é um gênero textual que tem por objetivo de apresentar opiniões e defende-las sobre um tema polêmico, procurando convencer os interlocutores a concordarem ou aceitarem o ponto de vista do autor.

Leia os textos abaixo, procurando identificar qual a finalidade ou objetivo dos autores ao escrevê-los.

TEXTO 1: COMBATE À CYBERPEDOFILIA

Jean Ubiratan

O crescente aumento da mídia sobre o combate à pedofilia via internet e a recente apresentação do deputado federal Luiz Eduardo Greenhalgh (PT-SP) à embaixada americana de um documento que indica o Brasil no topo da lista de cyberpedófilos, fazem refletirmos sobre o assunto. Os dados apresentados nesse estudo são assustadores: mais de mil sites mensais são relacionados a este tipo de crime e 76% dos pedófilos do mundo estão no País. Isso demonstra, cada vez mais, que há uma necessidade iminente em divulgar meios de alertar os responsáveis sobre como impedir que algo do gênero possa acontecer simplesmente por omissão.

Uma das maiores vantagens dos atuais crimes virtuais é o anonimato. Para leigos no assunto é praticamente impossível identificar quem está do outro lado flertando com o seu filho. Isso faz com que a denúncia de casos referentes a este tema também sejam muito mais difíceis, muito em razão de não localizar quem o está fazendo.

Algumas dicas e cuidados ao navegar na internet garantem uma diversão segura e mais tranquila. A primeira medida recomendada é o velho e bom “puxão-de-orelha”, ou seja, assumir a responsabilidade com as crianças ou os jovens, que ainda não a conhecem. Outro fator importante é quanto à disposição física do computador, pois uma localização mais pública na casa ajuda, em muito, o controle.

Em locais públicos responsáveis por prover acesso às pessoas como, por exemplo, em escolas ou *lan house*, é essencial que existam regras para o bom uso da internet. Os pais também necessitam estar informados sobre as novas ferramentas de tecnologia que possibilitam auxiliar no controle de acesso à rede. Além dos já conhecidos antivírus, existem diversos outros sistemas que

mantêm o controle do que está ocorrendo no computador enquanto estão acessando a web. Saber por onde andam, com quem falam, os locais frequentados, o que fazem, são as perguntas costumeiras realizadas pelos pais, porém esses mesmos questionamentos devem ser aplicados na “vida digital” dos filhos. Esses cuidados, com certeza, aumentam a percepção de segurança em relação aos filhos.

Infelizmente, a realidade é forte e se não houver cuidados com os filhos, enquanto navegam na internet, alguém acabará os vigiando via esse meio. A dúvida é saber se as intenções dessa pessoa desconhecida são tão boas quanto as dos pais.

Jean Ubiratan é consultor de Segurança de TI em Porto Alegre. Retirado do jornal Folha de Retirado do jornal Folha de Londrina de 08/10/2007.

TEXTO 2: O ROUBO DO DIREITO DE SER CRIANÇA

José Antônio Miguel

Preparar bem as crianças de agora implica, de maneira lógica, em ter uma sociedade melhor no futuro. É pensar o porquê atualmente, diante de grandes índices de violência, tantos menores de idade estão nessas estatísticas. É pensar que essa criança, esperança do futuro, vê-se numa encruzilhada vital tão cedo: trabalha, pratica crimes ou morre. Segundo dados da Organização Internacional do Trabalho, o Brasil tinha 4,6 milhões de trabalhadores com idade entre 10 e 17 anos, e 3 milhões com idade inferior a 14. Segundo esses dados, 56,63% nada recebem por seu trabalho. Eis o roubo do direito de ser criança. Retiram-lhe, de maneira violenta, esse direito tão essencial comprometendo os fatores biológicos, psicológicos, intelectuais e morais, numa fase de extrema importância da vida. Ao invés de carrinhos, bonecas, brinquedos, uma enxada. Pais, que talvez quisessem educar, precisam ensinar o trabalho. Note bem a diferença entre educar e ensinar. Falta dinheiro para comprar comida, roupa, bonecas, carrinhos. Alguns, talvez munidos de sua educação mais privilegiada, hão de pensar que não configura motivo para a delinquência o fato de trabalhar desde cedo, afinal o trabalho é dignificante. O trabalho é digno quando é exercido de forma digna. Não existe dignidade sem educação de qualidade e, não há dignidade em crianças de 10 anos trabalhando em meios insalubres, perigosos, em jornadas diárias superiores a 12 horas. Não há filhos de médicos, advogados, empresários trabalhando assim. Portanto, se fosse digno, todos desde a infância assim trabalhariam. Crianças devem ser crianças. Esse tipo de trabalho não pode nem deve ser alternativa aos menores de idade porque marginaliza, tira deles um direito essencial de

maneira tão violenta quanto àqueles que com uma arma roubam dez reais. Por isso, a importância da máxima de Rui Barbosa: “Aos iguais, tratamento igual; aos desiguais, tratamento desigual”.

JOSÉ ANTÔNIO MIGUEL é estudante de Direito na Universidade Estadual de Londrina. Texto retirado do jornal Folha de Londrina de 13/10/2007

A partir da leitura dos textos, responda as seguintes questões:

1) Quem escreveu os artigos de opinião? Quando e onde foram publicados os textos?

2) Qual a finalidade dos dois textos?

3) Qual é o assunto abordado em cada texto?

4) O objetivo principal do texto 1 é:

- a) () informar sobre os prejuízos causados pelo vício por Internet.
- b) () criticar o uso da Internet.
- c) () convencer os leitores a usarem a Internet.
- d) () fazer com que leitores se impressionem com os casos de pessoas viciadas em internet.

Professor (a),
Você pode auxiliar os alunos a compreender o contexto de produção dos gêneros produzidos a partir de diferentes materiais: revistas infantis, revistas de língua portuguesa, antologias, etc.

5. ASPECTOS DISCURSIVOS

Observe atentamente a capa da revista e responda as questões:



(Capa da Revista Época de setembro de 2007)

1) A capa de uma revista traz vários assuntos que serão tratados em sua edição, mas, na maioria das vezes, há um assunto que se destaca e que será o principal abordado pela revista. Na capa apresentada, qual assunto é destacado?

2) Observe a data de publicação da revista. De lá para cá se passaram 6 anos. Você acha que a paixão das crianças e adolescentes pelo computador (joguinhos bate-papos virtuais (chats), sites de relacionamento como Facebook, Twitter, Skipe e entre outros) ainda é grande?

3) Por que, na sua opinião, muitas crianças e adolescentes têm paixão pelo computador/ internet?

4) O uso da internet benéfico para as crianças e jovens?

5) Quais os benefícios e quais os malefícios que a internet pode trazer?

Texto: Netmaníacos só vivem com o modem na veia

A internet já foi muito exaltada pelas vantagens que traz para o homem moderno: rompe com a barreira do espaço e do tempo, acumulando uma quantidade imensa de informação. No entanto, ao mesmo tempo, ela seduz e escraviza usuários, que passam horas hipnotizados pela rede e prejudicam suas relações pessoais e profissionais.

“Eu virava noites conectada, cheguei a passar 18 horas”, conta a estudante Marly Caroline Ferreira, 21 anos. Há dois anos ela teve de receber soro no hospital porque havia ficado sem comer por dois dias seguidos. “Estava sentindo falta do meu computador, que estava em manutenção. Eu era uma doente, mas dominei meu vício”, comemora.

O estudante Rafael Fijalkovsky percebeu que estava usando o chat de forma exagerada em 99. “Estava deixando de lado os estudos e os amigos para ficar no bate-papo”. Por isso, ele resolveu lutar contra o problema. Hoje não é mais dependente e criou o site Vircio (<http://www.vircio.org>), que auxilia aqueles que se sentem dominados pela internet.

Os psicólogos estão atentos para o grande número de usuários que são dependentes da Internet, que se sentem prejudicados pelo “vício”. Há serviços como o da clínica psicológica da pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), que presta assistência a pessoas dependentes da Web.

(O Estado de S. Paulo, São Paulo, 12 mar. 2001. Informática, p.1)

1) A palavra “netmaníacos”, contida no título do texto acima, é uma palavra que surgiu com o advento da Internet. Considerando isso, dê o significado de “netmaníacos”.

2) Releia: “Netmaníacos só vivem com o modem na veia”. Podemos perceber que o autor usou conotação para construir o título do texto. Assim sendo, explique o que ele quis dizer com a construção utilizada.

3) Explique o uso das aspas nos trechos “Eu virava noites conectada, cheguei a passar 18 horas” e “Estava sentindo falta do meu computador, que estava em manutenção. Eu era uma doente, mas dominei meu vício”.

4) Por que, a seu ver, o autor colocou em seu texto depoimentos de outras pessoas?

Texto: Combate à Cyberpedofilia

Jean Ubiratan

O crescente aumento da mídia sobre o combate à pedofilia via internet e a recente apresentação do deputado federal Luiz Eduardo Greenhalgh (PT-SP) à embaixada americana de um documento que indica o Brasil no topo da lista de cyberpedófilos, fazem refletirmos sobre o assunto. Os dados apresentados nesse estudo são assustadores: mais de mil sites mensais são relacionados a este tipo de crime e 76% dos pedófilos do mundo estão no País. Isso demonstra, cada

vez mais, que há uma necessidade iminente em divulgar meios de alertar os responsáveis sobre como impedir que algo do gênero possa acontecer simplesmente por omissão.

Uma das maiores vantagens dos atuais crimes virtuais é o anonimato. Para leigos no assunto é praticamente impossível identificar quem está do outro lado flertando com o seu filho. Isso faz com que a denúncia de casos referentes a este tema também sejam muito mais difíceis, muito em razão de não localizar quem o está fazendo.

Algumas dicas e cuidados ao navegar na internet garantem uma diversão segura e mais tranquila. A primeira medida recomendada é o velho e bom “puxão-de-orelha”, ou seja, assumir a responsabilidade com as crianças ou os jovens, que ainda não a conhecem. Outro fator importante é quanto à disposição física do computador, pois uma localização mais pública na casa ajuda, em muito, o controle.

Em locais públicos responsáveis por prover acesso às pessoas como, por exemplo, em escolas ou *lan house*, é essencial que existam regras para o bom uso da internet. Os pais também necessitam estar informados sobre as novas ferramentas de tecnologia que possibilitam auxiliar no controle de acesso à rede. Além dos já conhecidos antivírus, existem diversos outros sistemas que mantêm o controle do que está ocorrendo no computador enquanto estão acessando a web. Saber por onde andam, com quem falam, os locais frequentados, o que fazem, são as perguntas costumeiras realizadas pelos pais, porém esses mesmos questionamentos devem ser aplicados na “vida digital” dos filhos. Esses cuidados, com certeza, aumentam a percepção de segurança em relação aos filhos.

Infelizmente, a realidade é forte e se não houver cuidados com os filhos, enquanto navegam na internet, alguém acabará os vigiando via esse meio. A dúvida é saber se as intenções dessa pessoa desconhecida são tão boas quanto as dos pais.

1) Você já conhecia o termo “Cyberpedofilia”? Conhece casos que envolvem essa prática?

2) Na sua opinião, o que favorece a pedofilia através da Internet?

3) Que conselhos você daria para as crianças e adolescente que utilizam a Internet para que não corram o risco de sofrer a “Cyberpedofilia”?

4) Como você pode notar, a palavra “Cyberpedofilia” é uma palavra nova que surgiu depois que as pessoas começaram a utilizar a Internet, como é o caso da palavra “netmaníacos”, vista no texto lido anteriormente.

5) Que outras palavras você conhece que surgiram com o uso do computador e da internet?

6) O texto ressalta um aspecto positivo ou negativo do uso da Internet? Justifique com um trecho retirado do texto?

7) Releia: “Saber por onde andam, com quem falam, os locais frequentados, o que fazem, são as perguntas costumeiras realizadas pelos pais, porém esses mesmos questionamentos devem ser aplicados na “vida digital” dos filhos. Esses cuidados, com certeza, aumentam a percepção de segurança em relação aos filhos.”

a) O que você entende por “vida digital”?

b) Normalmente, as crianças e os jovens não gostam que os pais controlem suas atividades como o trecho acima aconselha fazer. Mas, considerando os riscos que o texto demonstrou, você acha que os pais devem controlar o acesso dos filhos à Internet? Por quê?

8) Cite pelo menos dois argumentos utilizados pelo autor do texto para defender sua posição.

Texto: Educação de Hoje adia o fim da adolescência

Rosely Saião

Há pouco tempo, recebi uma mensagem que me provocou uma boa reflexão. O interessante é que não foi o conteúdo dela que fisgou minha atenção, e sim sua primeira linha, em que os remetentes se identificavam. Para ser bem clara, vou reproduzi-la: "Somos dois adolescentes, com 21 e 23 anos...".

Minha primeira reação foi sorrir: agora, os jovens acreditam que a adolescência se estende até, pelo menos, os 23 anos?! Mas, em seguida, eu me dei conta do mais importante dessa história: a criança pode ser criança quando é tratada como tal, e o mesmo acontece com o adolescente. E, se dois jovens adultos se vêem como adolescentes, é porque, de alguma maneira, contribuímos para tanto.

A adolescência tinha época certa para começar até um tempo atrás, ou seja, com a puberdade, época das grandes mudanças físicas. E terminar também: era quando o adolescente, finalmente, assumia total responsabilidade sobre sua vida e tornava-se adulto. Agora, as crianças já começam a se comportar e a se sentir como adolescentes muito tempo antes de a puberdade se manifestar e, pelo jeito, continuam se comportando e vivendo assim por muito mais tempo. Qual a parcela de responsabilidade dos adultos e educadores?

Pais e professores, quando educam, visam à conquista da autonomia e não podem perder de vista esse objetivo. Assim, ensinar uma criança pequena a se calçar sozinha, por exemplo, é apenas uma parte do processo educativo que supõe que, assim que possível, ela caminhe com seus próprios passos. É claro que isso não acontece de uma hora para outra, mas em etapas. Mas há de chegar o dia em que ela vai escolher os sapatos que vai calçar, quem sabe comprá-los com dinheiro fruto de seu trabalho, vai usá-los para andar por onde quiser e vai ter de se responsabilizar por suas escolhas. Isso é ser adulto.

Qual a diferença em relação ao adolescente? Justamente essa: o adolescente ainda está a caminho de ter autonomia sobre sua vida. Os pais, mesmo que à distância e discretamente, ainda tutelam os passos do filho adolescente e não sem razão. É que, para os adolescentes, ainda é prioritário e natural pensar primeiro no tempo presente, no prazer, na diversão e só depois, às vezes, tarde demais, nas consequências que suas atitudes e comportamentos podem provocar.

É difícil tornar-se responsável por tudo? Sem dúvida é, e os adultos sabem muito bem disso. Mas há ganhos, pelo menos em relação à vida dos adolescentes: o da liberdade possível e o da independência, por exemplo. E, certamente, um adulto que se considera adolescente aos 23 anos não deve sentir-se responsável por sua vida. O que ele talvez não saiba é que isso o impede de ser independente.

Hoje, por conta de diversos fatores, muitos pais agem de modo confuso, mas sempre em nome da educação para a autonomia. Garotas e garotos de 12 a 15 anos são liberados para frequentar festas noturnas quase sem limites de horário e sem adultos por perto, mas, em compensação, não têm autonomia para administrar sozinhos a vida escolar, porque os pais esperam determinados resultados e, para tanto, precisam verificar se o filho cumpre o que desejam. Professores universitários tratam seus alunos como adolescentes incapazes de discernir direitos de deveres e, depois, reclamam da falta de interesse deles pelo conhecimento.

Exemplos desses não faltam numa sociedade que trata seus cidadãos de modo infantilizado e os faz acreditar -e muitos acreditam- que isso é feito pelo bem-estar deles. Por isso, é bom que os pais e educadores pensem com carinho na educação que praticam. Para que crianças e adolescentes atinjam a vida adulta, é preciso que sejam tratados de modo coerente e sejam responsabilizados, pouco a pouco, por aquilo com que são capazes de arcar. Afinal, a adolescência tem de terminar.

Rosely Sayão é psicóloga formada pela PUC de Campinas. É consultora em educação e ministra palestras em escolas e empresas sobre educação de crianças e adolescentes. Colunista da Folha de São Paulo – do Caderno Equilíbrio, da Band News FM.

1) Você já sabe que o artigo de opinião segue uma estrutura que apresenta, inicialmente, a introdução, depois o corpo argumentos e a conclusão. Explique quais são essas partes estruturais no texto de Rosely Saião, utilizando as palavras “início” e “término” com o auxílio das **reticências** que são, na escrita, a sequência de três pontos (sinal gráfico: ...) no fim, no início ou no meio de uma frase. A utilização deste gênero de pontuação indica um pensamento ou ideia que ficou por terminar e que transmite, por parte de quem exprime esse conteúdo, **reticência**, omissão de algo que podia ser escrito.

a) Introdução

b) Argumentos

c) Conclusão

2) O texto é predominantemente argumentativo, pois são desenvolvidos argumentos opinativos sobre o assunto, ainda que haja trechos narrativos, como no início em que a autora conta sobre o recebimento de uma mensagem.

• O que o emprego da 1ª pessoa nos dois primeiros parágrafos podem indicar?

3) No 1º parágrafo, a autora se diz surpresa com a mensagem, recebida. Por que ela reagiu dessa forma?

4) Passado o espanto, a autora analisa a situação com maior clareza.

a) Segundo ela, qual é a causa de alguns jovens adultos estenderem a adolescência por um tempo maior?

b) De que forma pais e educadores colaboram para essa situação, segundo o texto?

5) De acordo com o texto, até um tempo atrás, a adolescência era uma fase bem definida, tanto o começo como o fim.

Qual era o período certo da adolescência e que características ela apresentava?

6) Com o passar dos anos, o início e o término da adolescência se modificaram.

a) Quais são as consequências dessas mudanças na vida dos jovens?

b) Na sua opinião, é conveniente para o jovem prolongar sua adolescência? Por quê?

7) A autora, ao ler a mensagem que recebera, sorriu e fez a si mesma uma pergunta. O sorriso e a pergunta revelam uma reação dela em relação ao que os jovens afirmavam na mensagem. Qual foi essa reação?

- a) () Uma reação de revolta, surpresa e ironia.
- b) () Uma reação de espanto, surpresa e ironia.
- c) () Uma reação de espanto, indiferença e revolta.

d) () Uma reação de mágoa, surpresa e revolta.

8) Releia o trecho abaixo:

“ (...) Os pais, mesmo que à distância e discretamente, ainda tutelam os passos do filho adolescente – e não sem razão. É que, para os adolescentes, ainda é prioritário e natural pensar primeiro no tempo presente, no prazer, na diversão e só depois – às vezes, tarde demais – nas consequências que suas atitudes e comportamentos podem provocar.”

Sobre o trecho lido não é correto afirmar:

- a) () A autora considera válida a maneira como pais agem em relação ao filho adolescente.
- b) () A autora diz que os pais têm razão ao controlar os passos dos filhos e sustenta esse ponto de vista no fato de que os adolescentes, sendo imediatistas, não medem as consequências de seus atos, o que pode vir a prejudicá-los.
- c) () A autora diz que os pais não têm razão ao controlar os passos dos filhos e sustenta esse ponto de vista no fato de que os adolescentes medem as consequências de seus atos.
- d) () A autora diz que os pais têm razão ao controlar os passos dos filhos e que os adolescentes são imediatistas.

9) Segundo o texto, quais as principais diferenças entre ser adolescente e adulto:

- a) () As diferenças são mínimas, insignificantes.
- b) () O adolescente tem autonomia para tomar suas próprias decisões e, por ser vigiado pelos pais, não tem a liberdade que deseja. O adulto, por ser responsável pelas suas decisões, torna-se independente e passa a usufruir da liberdade que deseja.
- c) () O adolescente é imediatista e tem autonomia para tomar suas próprias decisões. O adulto é independente, mas não tem a liberdade que deseja.
- d) () O adolescente não tem autonomia para tomar suas próprias decisões e, por ser vigiado pelos pais, não tem a liberdade que deseja. O adulto, por ser responsável pelas suas decisões, torna-se independente e passa a usufruir da liberdade que deseja.

10) De acordo com a autora, qual é a causa principal de a adolescência se prolongar por mais tempo nos dias de hoje?

- a) () Garotas e garotos de 12 a 15 anos são liberados para frequentar festas noturnas quase sem limites de horário e sem adultos por perto.
- b) () Os adolescentes não são educados de forma correta.
- c) () Atualmente, as crianças começam a se comportar e a se sentir adolescentes muito tempo antes de a puberdade se manifestar e continuam se comportando e vivendo assim por muito mais tempo.
- d) () Nos nossos dias, a adolescência não tem época certa para começar.

11) Segundo Sayão, o que determinava o início e o término da adolescência?

12) A passagem para a fase adulta não significa somente a perda de uma época divertida e prazerosa. O que o adolescente conquista quando passa a ser adulto?

13) No último parágrafo, a autora reforça seus argumentos sobre o tratamento infantilizado que se dá aos adolescentes. Em sua opinião, quais razões levariam os pais a praticar uma educação que retarda o amadurecimento dos filhos?

14) Explique por que a autora afirma que “a adolescência tem de terminar”.

6. ASPECTOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS

ARTIGO DE OPINIÃO

Educação de Hoje adia o fim da Adolescência

Rosely Saião

Há pouco tempo, recebi uma mensagem que me provocou uma boa reflexão. O interessante é que não foi o conteúdo dela que fisgou minha atenção, e sim sua primeira linha, em que os remetentes se identificavam. Para ser bem clara, vou reproduzi-la: "Somos dois adolescentes, com 21 e 23 anos...".

Minha primeira reação foi sorrir: agora, os jovens acreditam que a adolescência se estende até, pelo menos, os 23 anos?! Mas, em seguida, eu me dei conta do mais importante dessa história: a criança pode ser criança quando é tratada como tal, e o mesmo acontece com o adolescente. E, se dois jovens adultos se veem como adolescentes, é porque, de alguma maneira, contribuimos para tanto.

A adolescência tinha época certa para começar até um tempo atrás, ou seja, com a puberdade, época das grandes mudanças físicas. E terminar também: era quando o adolescente, finalmente, assumia total responsabilidade sobre sua vida e tornava-se adulto. Agora, as crianças já começam a se comportar e a se sentir como adolescentes muito tempo antes de a puberdade se manifestar e, pelo jeito, continuam se comportando e vivendo assim por muito mais tempo. Qual a parcela de responsabilidade dos adultos e educadores?

Pais e professores, quando educam, visam à conquista da autonomia e não podem perder de vista esse objetivo. Assim, ensinar uma criança pequena a se calçar sozinha, por exemplo, é apenas uma parte do processo educativo que supõe que, assim que possível, ela caminhe com seus próprios passos. É claro que isso não acontece de uma hora para outra, mas em etapas. Mas há de chegar o dia em que ela vai escolher os sapatos que vai calçar, quem sabe comprá-los com dinheiro fruto de seu trabalho, vai usá-los para andar por onde quiser e vai ter de se responsabilizar por suas escolhas. Isso é ser adulto.

Qual a diferença em relação ao adolescente? Justamente essa: o adolescente ainda está a caminho de ter autonomia sobre sua vida. Os pais, mesmo que à distância e discretamente, ainda tutelam os passos do filho adolescente e não sem razão. É que, para os adolescentes, ainda é

prioritário e natural pensar primeiro no tempo presente, no prazer, na diversão e só depois, às vezes, tarde demais, nas consequências que suas atitudes e comportamentos podem provocar.

É difícil tornar-se responsável por tudo? Sem dúvida é, e os adultos sabem muito bem disso. Mas há ganhos, pelo menos em relação à vida dos adolescentes: o da liberdade possível e o da independência, por exemplo. E, certamente, um adulto que se considera adolescente aos 23 anos não deve sentir-se responsável por sua vida. O que ele talvez não saiba é que isso o impede de ser independente.

Hoje, por conta de diversos fatores, muitos pais agem de modo confuso, mas sempre em nome da educação para a autonomia. Garotas e garotos de 12 a 15 anos são liberados para frequentar festas noturnas quase sem limites de horário e sem adultos por perto, mas, em compensação, não têm autonomia para administrar sozinhos a vida escolar, porque os pais esperam determinados resultados e, para tanto, precisam verificar se o filho cumpre o que desejam. Professores universitários tratam seus alunos como adolescentes incapazes de discernir direitos de deveres e, depois, reclamam da falta de interesse deles pelo conhecimento.

Exemplos desses não faltam numa sociedade que trata seus cidadãos de modo infantilizado e os faz acreditar -e muitos acreditam- que isso é feito pelo bem-estar deles. Por isso, é bom que os pais e educadores pensem com carinho na educação que praticam. Para que crianças e adolescentes atinjam a vida adulta, é preciso que sejam tratados de modo coerente e sejam responsabilizados, pouco a pouco, por aquilo com que são capazes de arcar. Afinal, a adolescência tem de terminar.

Rosely Sayão é psicóloga formada pela PUC de Campinas. É consultora em educação e ministra palestras em escolas e empresas sobre educação de crianças e adolescentes. Colunista da Folha de São Paulo – do Caderno Equilíbrio, da Band News FM.

1) Reescrevas as orações, substituindo as palavras destacadas por sinônimos ou expressões equivalentes

a) “Educação de hoje **adia** fim da adolescência”.

b) “(...) com a **puberdade**, época das grandes mudanças físicas.”

c) “Pais e professores, quando educam, visam à conquista da **autonomia**.”

d) “Os pais (...) ainda **tutelam** os passos do filho adolescente(…)”

e) “(...) não tem autonomia para **administrar** sozinhos a vida escolar(…)”

f) “(...) adolescentes incapazes de **discernir** direitos de deveres (...)”

2) Dê o conceito de:

a) frase

b) oração

c) período

d) período simples e período composto

e) período composto por subordinação

3) Observe o primeiro parágrafo e responda quantas orações, frases e períodos é composto?

“Há pouco tempo, recebi uma mensagem que me provocou uma boa reflexão. O interessante é que não foi o conteúdo dela que fisgou minha atenção, e sim sua primeira linha, em que os remetentes se identificavam. Para ser bem clara, vou reproduzi-la: “Somos dois adolescentes, com 21 e 23 anos...”.”

4) Volte ao 1º parágrafo e observe o primeiro período; nele há a presença de uma oração subordinada substantiva. Reescreva-a:

5) Para fazer a apresentação do assunto e explicar como a mensagem chamou sua atenção, Rosely Saião faz uso de uma oração subordinada. Veja:

“O interessante é que não foi o conteúdo dela (...)”

a) Separe a oração principal da oração subordinada.

6) No segundo parágrafo, a autora inicia a apresentação dos argumentos, ou seja, apresenta justificativas para defender sua opinião e para isso novamente recorre ao período composto por subordinação. Observe o período abaixo:

“(...) eu me dei conta do mais importante dessa história: que a criança pode ser criança quando é tratada como tal(...)”.

a) Transcreva a oração subordinada substantiva e classifique-a.

b) Qual é o conectivo que liga a oração principal à oração subordinada substantiva?

7) No segundo parágrafo a autora afirma: *“E, se dois jovens adultos se veem como adolescentes, é porque, de alguma maneira, contribuimos para tanto”.*

A quem ela se refere ao empregar o verbo contribuir na primeira pessoa do plural?

- a) () Ela se refere aos adultos, principalmente aos pais e aos educadores.
- b) () Ela se refere aos jovens adultos que se veem como adolescentes.
- c) () Ela se refere a si própria e aos demais adultos, principalmente aos pais e aos educadores.
- d) () Ela se refere a si própria e aos pais.

8) O trecho *“Garotas e garotos de 12 a 15 anos são liberados para frequentar festas noturnas quase sem limites de horário e sem adultos por perto (...)”* está na voz:

- a) () ativa
- b) () passiva analítica
- c) () passiva sintética
- d) () reflexiva

9) No trecho *“Pais e professores, quando educam, visam à conquista da autonomia e não podem perder de vista esse objetivo.”*, o sujeito grifado classifica-se em:

- a) () composto
- b) () inexistente
- c) () indeterminado
- d) () oculto

10) Em qual período o objeto direto foi identificado?

- a) () “(...) os adultos sabem muito bem disso.”
- b) () “(...) muitos pais agem de modo confuso (...)”
- c) () “Somos dois adolescentes, com 21 e 23 anos...”
- d) () “Há pouco tempo, recebi uma mensagem que me provocou uma boa reflexão.”

11) Leia o trecho “(...) Garotas e garotos de 12 a 15 anos são liberados para frequentar festas noturnas quase sem limites de horário e sem adultos por perto, mas, em compensação, não têm autonomia para administrar sozinhos a vida escolar (...)”.

Qual a palavra que poderia, mais adequadamente, ser empregada no lugar de em compensação?

- a) () contrariamente
- b) () comumente
- c) () felizmente
- d) () raramente

12) Na oração “*Para ser bem clara, vou reproduzi-la*”, a função sintática da palavra grifada é *sujeito, objeto direto, objetivo indireto ou vocativo*?

7. PRODUÇÃO FINAL

Leia as charges abaixo:



Agora leia a opinião da Equipe do Projeto Nacional “A Juventude Quer Viver!” da Pastoral da Juventude e de Irene Rizzini:

Neste sentido, a equipe do Projeto Nacional “A Juventude Quer Viver!” da Pastoral da Juventude expõe:

“Trancar jovens com 16 anos em um sistema penitenciário falido que não tem cumprido com a sua função social e tem demonstrado ser uma escola do crime, não assegura a reinserção e reeducação dessas pessoas, muito menos a diminuição da violência. A proposta de redução da maioridade penal é considerada inconstitucional e violação de cláusula pétrea, além de fortalecer a política criminal e afrontar a proteção integral.”

A UNICEF produziu em novembro de 2007, o documento “Porque dizer não à redução da idade penal” e destacou serem contrários à redução, pois seria um “retrocesso no atual estágio de defesa, promoção e garantia dos direitos da criança e do adolescente no Brasil. Isto porque a forma como o Estado e o Direito tratam suas crianças e adolescentes é um indicador infalível na avaliação do processo civilizatório e de desenvolvimento”.

AVALIAÇÃO DE PRODUÇÃO DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

CRITÉRIOS	ESTÁ OK	DEVE MUDAR
1. Adequação do título		
2. Adequação ao contexto de produção de linguagem:		
<ul style="list-style-type: none"> • A questão discutida é mesmo controversa e de relevância social? 		
<ul style="list-style-type: none"> • Você, enquanto autor, se colocou como alguém que discute a questão racionalmente, considerou o leitor e o veículo de publicação do texto? 		
<ul style="list-style-type: none"> • Considera que conseguiu atingir seu objetivo de tentar convencer seus leitores? 		
3. Estrutura do texto:		
<ul style="list-style-type: none"> • Presença de uma contextualização adequada da questão discutida 		
<ul style="list-style-type: none"> • Explicitação da posição defendida perante a questão 		
<ul style="list-style-type: none"> • Uso de argumentos para defender a posição assumida 		
<ul style="list-style-type: none"> • Presença de uma conclusão adequada 		
4. Argumentação:		
<ul style="list-style-type: none"> • Seleção de informações relevantes 		
<ul style="list-style-type: none"> • Emprego adequado de organizadores textuais 		
<ul style="list-style-type: none"> • Seleção de argumentos consistentes (justificativos para o ponto de vista) 		
5. Marcas linguísticas:		
<ul style="list-style-type: none"> • Emprego adequado de unidades coesivas (além dos organizadores textuais típicos da argumentação) 		
<ul style="list-style-type: none"> • Linguagem padrão 		
<ul style="list-style-type: none"> • Adequação às normas gramaticais 		
<ul style="list-style-type: none"> • Legibilidade (aspectos da grafia, ausência de rasuras, formatação adequada do texto) 		

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Gênero Textual: EDITORIAL

MORETTO, Milena

Tempo de duração: 20 aulas

Conteúdos: Leitura e produção de editoriais;

Materiais necessários: Cópias dos textos de apoio.

EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

- 1) Identificar os possíveis elementos constitutivos da organização interna do gênero.
- 2) Ler e analisar editoriais de jornais e revistas, observando a função no veículo.
- 3) Observar e identificar na construção do texto suas unidades menores: parágrafos e frases.
- 4) Utilizar elementos de coesão e observar a importância deles na construção do texto.
- 5) Analisar e produzir textos argumentativos, observando o contexto de produção (interlocutores, finalidade, suporte e circulação do texto).
- 6) Analisar os gêneros, observando a função social.
- 7) Observar a estrutura do texto argumentativo, analisando a importância da progressão temática.
- 8) Produzir, revisar e reescrever textos como uma prática social.
- 9) Reconhecer a conjunção integrante e a sua função no texto.
- 10) Conhecer o emprego e a função das orações subordinadas substantivas dentro do texto.
- 11) Identificar as orações adjetivas, identificando suas particularidades.
- 12) Observar a pontuação empregada nas orações subordinadas adjetivas e a sua importância semântica.

1. APRESENTAÇÃO INICIAL

Prezado aluno,

Você costuma ler editoriais? Sabe onde encontrar esse gênero de texto? Sabe dizer qual a finalidade desses textos?

O editorial é um gênero textual que tem por objetivo trazer informações da opinião de um veículo de informação. Esses textos não precisam, necessariamente ser assinados.

Cabe lembrar também que a opinião de um jornal, de uma revista etc. não é expressa exclusivamente nos editoriais, mas na forma como organiza os assuntos publicados.

Nesse bimestre, você vai perceber quais as características do respectivo gênero, pesquisar e montar editoriais para um jornal de sua escola.

Bom trabalho!



2. Reconhecimento do gênero textual

Vamos ver se você consegue reconhecer o gênero Editorial em revistas e jornais. Traga para a sala de aula jornais e revistas e recorte um modelo do gênero. Cole-o no espaço abaixo:



Após escolher um modelo desse gênero de texto, releia-o e discuta com o seu professor:

- O texto escolhido possui título?
- Qual o assunto que é discutido no texto?
- Qual a posição defendida em relação a esse assunto?
- Quais argumentos são utilizados para defender essa posição?
- A que conclusão se chega em relação à discussão?
- O editorial é assinado?
- Em que suporte, ele foi publicado?

4. O CONTEXTO DE PRODUÇÃO

Leia o texto abaixo para responder as questões que se seguem:

EDITORIAL

Água, violência e indecência

Maranhão é como um país à parte do Brasil. Um país sem rede de esgoto, um país sem água e sem segurança pública. Um país sem banheiros, se é possível acreditar que esse tipo de situação ainda possa persistir. Um país cujos indicadores sociais, as aferições de pobreza e abandono das classes menos favorecidas nos remetem aos princípios de um século que já passou.

A atormentada campanha política que começou no domingo – e atormentada porque nela já se registram ataques à família, crueldade no tratamento de tragédias familiares, insultos e sopapos trocados entre candidatos – registra o fato inédito e singular para quem chegou ao século 21, de um candidato ao governo, Flávio Dino, apresentando 65 propostas, entre elas o “Pacto Pela Vida”, um projeto de redução da violência e “Água Para Todos”, neste caso

específico porque falta água para muita gente no Maranhão.

Na proximidade de shoppings e prédios públicos suntuosos como os do Tribunal de Contas do Estado, Ordem dos Advogados do Brasil, Assembléia Legislativa, Secretaria Estadual da Saúde, o Bairro Jaracaty sofre com a falta de saneamento básico. E se aqui, em área nobre da capital, é esta a situação, podemos imaginar o que acontece nos longínquos municípios do interior do Estado.

Se atingimos a pior qualidade em quase todos os serviços que se esperam do Estado, se continuamos a erguer o cetro de campeões de pobreza, é que o modelo político fundado e mantido durante quase 50 anos pelos Sarney governou exclusivamente para as elites, para os grandes negócios e esqueceu o lado social mais necessitado. Somos um país à parte em que a distribuição de

água tratada é um dos principais compromissos de uma campanha política. Somos um país à parte do Brasil, porque, no limite de todas as infidelidades sociais, o Maranhão não tem banheiros!

E é neste país sem rede de esgoto, sem água, sem segurança pública, que a indecência política praticada através de parte da imprensa avança sobre a família, propõe uma guerra moral lamentável e é despropositadamente cruel com os sentimentos de um pai que tragicamente perdeu um filho. E sabe Deus o tamanho da dor de perder um filho prematuramente. Por esse caminho, o caminho do vale-tudo, o caminho do linchamento pessoal, o Maranhão, mais uma vez, será exemplo de vergonha para o Brasil.

E assim caminha o Maranhão. Falta água, falta saneamento, faltam banheiros e sobram violência e indecência política.

Texto disponível em <http://www.vermelho.org.br/noticia/245434-73>. Acesso em 24 de fevereiro de 2016.

1. Quem provavelmente é o autor desse texto?

2. Quem provavelmente são os leitores desse texto?

3. Qual a finalidade desses textos?

4. Onde foi publicado?

5. O texto acima é assinado? Por quê?

5. OS ASPECTOS DISCURSIVOS

Leia o editorial abaixo para responder as questões que se seguem:

EDITORIAL

A importância da mobilização na luta contra o *Aedes aegypti*.

Se cada um dos pernambucanos assume a batalha para si, a epidemia tem fortes chances de ser reduzida

A ação do mosquito *Aedes aegypti* não dá sinais de trégua. O mais novo boletim, divulgado pela Secretaria Estadual de Saúde, aponta um crescimento de 40,92 % no número de notificações de casos de dengue em Pernambuco. O levantamento traz um comparativo entre os dias 3 e 9 de janeiro com o mesmo período do ano passado. Trata-se da primeira análise de 2016 apresentada pelo estado e que revela que muito ainda precisa ser feito para reduzir a ação do mosquito transmissor da dengue, chikungunya e zika.

Mais do que nunca, a sociedade civil necessita entender a importância de participar do processo sob pena das ações governamentais não surtirem os efeitos desejados.

Todos precisam se engajar. Afinal, o mosquito não escolhe classe social. Está no balde separado para lavar o carro importado na garagem do edifício de classe média ou na vasilha de água do cãozinho. Está na cisterna do morador da comunidade carente ou na garrafa plástica para fins de reciclagem acumulada de forma errada no quintal.

Se cada um dos pernambucanos assume a batalha para si, com a seriedade que o assunto exige, a epidemia tem fortes chances de ser reduzida. Além de observar os próprios criadouros do mosquito em casa, os habitantes do estado também podem se engajar como agentes multiplicadores de informação junto a parentes e vizinhos, por exemplo. Podem ir mais longe, agindo junto a pessoas desconhecidas caso testemunhem as mesmas jogando lixo nas ruas.

Apesar da quantidade de informação lançada junto à população todos os dias, ainda há quem tenha dificuldades em entender como se dá a proliferação do mosquito. A colaboração daqueles que detêm a informação é crucial nesse cenário. Trata-se de um exemplo de cidadania, respeito com os semelhantes.

Ao contrário de anos anteriores, quando a dengue já não assustava e seus sintomas chegaram a ser minimizados pela própria população - pegar dengue era algo como pegar uma gripe - o ano de 2015 mostrou que estamos diante do problema de saúde pública no Brasil. Não é só a dengue que mata. O zika, como apontam pesquisas recentes do Ministério da Saúde, também tem relação com a epidemia de microcefalia registrada em bebês nascidos em todo o país. A chikungunya, por sua vez, pode causar dores crônicas nas articulações.

Outro motivo para manter aceso o sinal de alerta é a meteorologia. As últimas chuvas registradas neste mês de verão propiciam o aparecimento de novos casos. Isso porque a água acumulada favorece pequenos criadouros, como tampinhas e garrafas plásticas lançadas nas ruas, e o sol estimula a reprodução do mosquito *Aedes aegypti*.

Em 2015, por exemplo, não houve a baixa da temperatura esperada após o mês de fevereiro. Na época, o comportamento do tempo ocasionou uma maior proliferação do mosquito. Se cai a temperatura, há, inclusive, menos água armazenada em casa. Menos lixo nas ruas, com a ajuda da população e da coleta promovida pelos municípios, é primordial. Se todos derem as mãos, o caminho será menos tortuoso. E muito mais saudável.

Texto disponível em http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2016/01/21/interna_politica,622660/editorial-a-importancia-da-mobilizacao-na-luta-contra-o-aedes-aegypti.shtml. Acesso em 01 de março de 2016.

1. O editorial acima foi publicado em um jornal titulado de “Diário de Pernambuco”. Que acontecimento gerou o assunto do editorial?

2. Observe agora o título e o subtítulo do editorial lido. Eles retomam o assunto principal do texto.

3. No primeiro parágrafo, é apresentada a introdução do texto. Nela, o autor geralmente o assunto a ser discutido. Como esse assunto é apresentado?

4. No segundo parágrafo, o jornal manifesta sua posição em relação ao tema. Qual é a tese defendida por ele?

5. Apresente um argumento que justifique a tese defendida?

6. Na conclusão, o jornal propõe uma intervenção que minimize o problema? Qual é essa sugestão?

7. Ainda a respeito do Editorial, responda V para as questões verdadeiras e F para as falsas.

() O Editorial representa uma opinião do veículo de comunicação como um todo.

() O Editorial busca reforçar a ideia de unidade do pensamento de todos os jornalistas que integram a revista, mas dentro dela é possível ter matérias, notícias, artigos e reportagens com posicionamentos diferentes do Editorial.

() Um Editor-chefe tem o direito de falar em nome de todos os jornalistas que integram sua equipe.

() O Editorial pode ser inclusive sobre um tema nada atual.

CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO

O editorial se constitui de uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão

* Introdução – Geralmente nessa parte é retratada a ideia principal que será discutida adiante. Assim, por meio de uma leitura bem atenciosa do primeiro, quando muito do segundo parágrafo, temos condições de detectar acerca do assunto em questão;

* Desenvolvimento (corpo do editorial) - Nessa parte são expostos todos os argumentos, justificados por comentários e opiniões por parte do próprio jornal acerca do assunto discutido;

* Conclusão – Como o próprio nome já nos indica, representa o fechamento das ideias antes abordadas, ou seja, geralmente se apresentam as devidas soluções para o problema levantado durante todo o texto, como também, em vez de se pautar por esse aspecto, pode **apenas** possibilitar que o leitor reflita sobre o assunto.

6. OS ASPECTOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS

Leia o editorial abaixo:

Opinião

Editorial

Recorde em dengue

O número de casos é grande demais para não causar alarme. Goiás está verdadeiramente sob o cerco da dengue e a reação dos organismos de saúde e da própria população não acompanham a assustadora dimensão dessa realidade, infelizmente.

Goiânia, Luziânia e Aparecida de Goiânia registraram 12,41% dos casos de dengue notificados em todo o Brasil. A capital goiana é a cidade com o maior número de registros até a nona semana epidemiológica deste ano, com 6.089 casos, seguida pela cidade do Entorno do Distrito Federal (2.888) e por Aparecida de Goiânia (1.838). Apenas a quarta cidade brasileira com mais casos não é de Goiás, é Campinas (SP).

Já é por demais evidente que o combate às condições de formação de focos do mosquito transmissor é fraco e que as campanhas educativas não são convincentes, pois assim mostram os resultados.

As autoridades reclamam da falta de cooperação de pessoas que deveriam ajudar e muitas vezes, pelo contrário, atrapalham, de modo até intencional. Mas não agem no sentido de que essas pessoas sejam advertidas e, quando for o caso, punidas. Isto também tem de mudar. A dengue continuará atacando forte se não se manifestarem as devidas reações. É muito importante frisar a responsabilidade da população nestes recordes, pois grande parte dos focos de infestação estão intramuros, ou seja, dentro das residências.

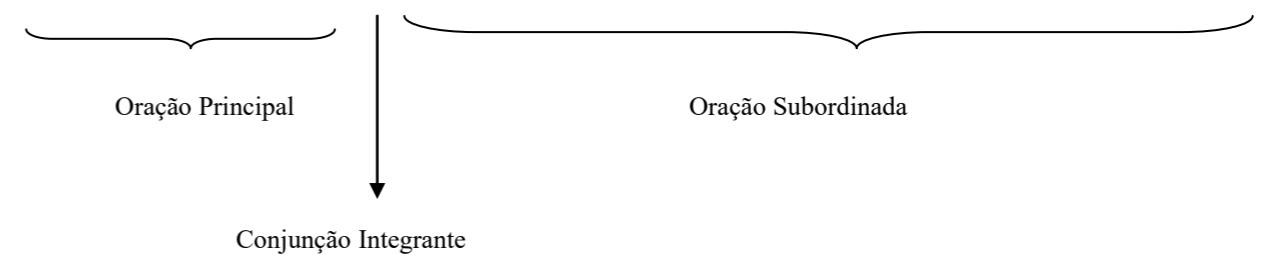
Jorge Braga



Texto disponível em <http://goias24horas.com.br/32406-em-editorial-o-popular-diz-que-paulo-garcia-tem-culpa-na-epidemia-de-dengue/>. Acesso em 03 de mar. 2016.

Observe a estrutura da oração “Já é por demais evidente **que** o combate às condições de formação de focos do mosquito transmissor é fraco”. A conjunção em destaque é chamada de conjunção integrante. Elas são chamadas de conjunções integrantes porque iniciam uma oração subordinada. Veja:

Já é por demais evidente **que** o combate às condições de focos do mosquito transmissor é fraco.



As orações subordinadas são classificadas em 6 tipos:

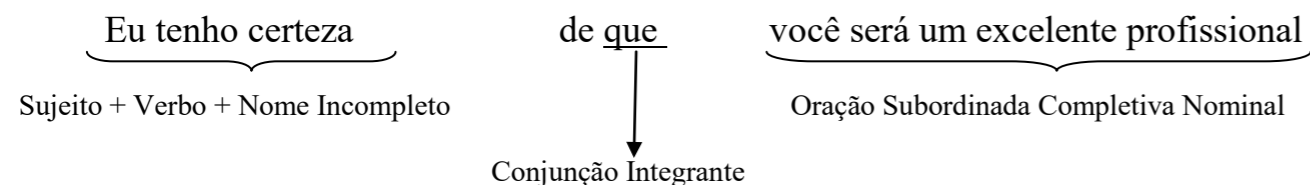
- 1) Oração subordinada Subjetiva
- 2) Oração subordinada Objetiva Direta
- 3) Oração subordinada Objetiva Indireta
- 4) Oração subordinada Predicativa
- 5) Oração subordinada Completiva Nominal
- 6) Oração subordinada Apositiva

Para saber de qual oração subordinada estamos nos referindo, é importante observar a estrutura da oração principal. Considere o quadro abaixo:

Oração Principal	Oração Subordinada Substantiva	Exemplo
Oração sem sujeito	Subjetiva	É importante que você chegue no horário
Sujeito + Verbo Transitivo Direto	Objetiva Direta	Eu espero que você seja um ótimo profissional
Sujeito + Verbo Transitivo Indireto	Objetiva Indireta	Eu necessito de que você me ajude amanhã

Sujeito + Verbo de Ligação	Predicativa	O importante é que você chegue no horário
Sujeito + Verbo + Nome Incompleto	Completiva Nominal	Eu tenho certeza de que você será um excelente profissional
Sujeito + Verbo + Nome completo	Apositiva	Só sei de uma coisa: que você é um excelente estudante

Veja um exemplo:



Atividades¹:

1) Considere estes dois períodos:

I – Os alunos não sabem que o professor pediu demissão.

II – Os alunos não sabem se o professor pediu demissão.

a. Classifique as duas orações em destaque.

¹ Atividades disponíveis em FERREIRA, Mauro. Aprender e praticar Gramática. São Paulo: FTD, 2011.

b. Classifique as conjunções que iniciam as orações destacadas.

c. Os dois períodos têm o mesmo sentido? Explique.

2) Releia o enunciado do texto “A filha esperava o perdão do pai”.

a) A frase apresenta ambiguidade. Quais os dois sentidos que pode-se compreender deste enunciado?

b) O que torna essa frase ambígua é o termo em destaque. Reescreva o período duas vezes utilizando-se de orações subordinadas substantivas de modo a obter os dois sentidos diferentes que ele pode ter.

c) Qual a função sintática que exerce a oração que você escreveu?

3) As conjunções integrantes que aparecem nas orações subordinadas substantivas podem causar efeitos de sentido diversos. Sabendo disso, observe a situação abaixo:

Imagine que você esteja vivendo uma paixão secreta por uma pessoa de seu círculo de amizades, mas não encontra meios (ou coragem...) de se declarar a ela. Certo dia, essa pessoa lhe faz um convite para uma festa e, no diálogo, usa uma destas duas frases:

- I - Diga se você irá à festa.
- II - Diga que você irá à festa.

a) Qual das duas frases faria seu coração bater mais forte? Por quê?

b) Quais são as conjunções integrantes que permitem essa interpretação diferente? Que sentidos elas exercem?

4) Reescreva o trecho a seguir, eliminando as conjunções repetidas e fazendo as adaptações necessárias, tornando-o assim mais coeso. Você pode substituir oração por termo de oração ou por verbo no infinitivo.

O alpinista disse que está preparado para as dificuldades da escalada e que confia no treinamento que realizou. Disse também que era improvável que alguém chegasse ao topo da montanha e que retornasse afirmando que não tinha sentido medo de que a aventura se transformasse numa viagem sem volta

Outro tipo de oração subordinada diz respeito às orações adjetivas. Na relação que estabelecem com o termo que caracterizam, as orações subordinadas adjetivas podem atuar de duas maneiras diferentes. Há aquelas que **restringem** ou **especificam** o sentido do termo a que se referem, individualizando-o. Nessas orações não há marcação de pausa, sendo chamadas **subordinadas adjetivas restritivas**. Existem também orações que **realçam** um detalhe ou **amplificam** dados sobre o antecedente, que já se encontra suficientemente definido, as quais denominam-se **subordinadas adjetivas explicativas**.

Considere o período simples a seguir:

Os vereadores corruptos foram cassados

Se transformarmos o adjetivo “corrupto” em uma oração podemos ter:

Os vereadores que são corruptos foram cassados

Note que o que vai limitar ou generalizar o significado será o uso da vírgula. Veja:

Os vereadores que são corruptos foram cassados

Os vereadores, que são corruptos, foram cassados

No primeiro exemplo, a oração “que são corruptos” pode ser considerada uma oração subordinada adjetiva restritiva, pois além de caracterizar um termo anterior “vereadores”, ela não está entre vírgulas. No segundo exemplo, a oração “que são corruptos” pode ser considerada uma oração subordinada adjetiva explicativa, pois além de caracterizar um termo anterior “vereadores”, ela está entre vírgulas.

O uso ou não da vírgula altera também o sentido da oração. Veja:

No primeiro exemplo, por ser restritiva, quer dizer que nem todos os vereadores são corruptos e apenas o que são, foram cassados. Já no segundo exemplo, por ser explicativa, generaliza. Indica que todos os vereadores são corruptos e, por essa razão, todos foram cassados.

Atividades²:

1. Baseando-se no sentido da afirmação apresentada em cada item, pontue, se necessário, o período composto relativo a ela.
 - a) **AFIRMAÇÃO:** Nem todo jogador de futebol tem salários milionários
 - Os jogadores de futebol cujos salários são milionários gostam de exibir carrões luxuosos.
 - b) **AFIRMAÇÃO:** Em todas as cidades pequenas a vida é simples e tranquila.
 - Muitas pessoas gostariam de mudar-se para cidades pequenas onde a vida é simples e tranqüila.
2. Suponha que algumas pessoas estivessem viajando em um avião e que ele caísse numa região de difícil acesso. A respeito desse fato, considere estas orações:

Os ocupantes do avião passam bem

Que foram resgatados com vida.

² Atividades disponíveis em FERREIRA, Mauro. Aprender e praticar Gramática. São Paulo: FTD, 2011.

Sem alterá-las, reúna em dois períodos compostos, de modo a ficar claro que o acidente:

a) Não provocou nenhuma morte

b) Causou pelo menos uma morte

3. Suponha que, no início de um ano escolar, um professor seu, ao explicar o sistema de notas a ser adotado por ele, utilizasse uma destas duas frases:

I – As provas que serão fáceis acontecerão às quartas feiras.

II - As provas, que serão fáceis, acontecerão às quartas-feiras.

Se esse professor desse aula de uma matéria com a qual você não tem muita afinidade, qual das duas frases você preferiria que ele usasse? Justifique.

4. Suponha que uma empresa tenha divulgado este comunicado a seus funcionários:

A Diretoria de Recursos Humanos informa que os funcionários, que se inscreveram no curso de computação, terão aulas às quartas e sextas-feiras, das 16h30m às 18h30m. Informa também que os funcionários que não fizeram sua inscrição deverão aguardar o início de um novo curso.

a) Transcreva as duas orações adjetivas que aparece no texto e classifique-as.

b) Levando em conta a resposta do item a, explique a incoerência que existe no texto.

c) Que alteração seria necessária para eliminar essa incoerência?

5. Considere esta frase: Os meninos de rua que procuram trabalho são repelidos pela população.

a) Reescreva-a, alterando-lhe o sentido apenas com o emprego de vírgulas.

b) Explique a alteração de sentido ocorrida.

6. Compare os dois períodos a seguir.

Fiquei sabendo que o seu irmão, que é médico, voltou de viagem. (1)

Fiquei sabendo que o seu irmão que é médico voltou de viagem. (2)

a) Qual o referente do pronome relativo *que* em cada uma delas?

b) Em qual dos dois casos o referente precisa de uma oração que identifique quem ele é exatamente?

c) Em qual dos dois casos o referente apresenta uma oração que simplesmente dá uma informação a mais a respeito dele?

d) Como se classifica cada uma das orações subordinadas adjetivas anteriores?

e) Estruturalmente, qual a diferença mais visível que elas apresentam?

f) Explique detalhadamente a diferença de sentido entre as duas frases

7. Considere os períodos a seguir.

Nosso professor, que voltou da Alemanha ontem, está doente. (1)

Nosso professor que voltou da Alemanha ontem está doente. (2)

Relacione o número dos períodos com a afirmação que se faz sobre elas.

() O período deixa perceber que os alunos têm apenas um professor.

() Apresenta uma oração subordinada adjetiva restritiva.

() A estrutura do período mostra que os alunos têm mais de um professor.

() Pode-se entender que, dentre vários professores que os alunos têm, o doente é o que voltou da Alemanha.

() Apresenta uma oração subordinada adjetiva explicativa.

() A oração adjetiva é simplesmente um comentário sobre o professor, que não precisa de identificação por ser o único.

() O sentido da oração adjetiva centra-se na restrição que o professor sofre, por existir mais de um.

7. PRODUÇÃO FINAL

Imagine que você trabalhe no jornal de sua cidade e terá, como editor, que produzir o editorial. Considerando o tema Saúde Pública, elabore o seu texto lembrando que o jornal se destina a toda população itatibense.

GRADE DE CORREÇÃO DO EDITORIAL

	Sim	Parcialmente	Não	Obs:
O texto apresenta uma contextualização do problema?				
Há no texto considerações ao leitor e ao veículo de publicação?				
O texto possui uma estrutura completa de organização (introdução, desenvolvimento e conclusão)?				
O texto apresenta com clareza argumentos que sustentam a ideia central?				
O texto reflete boa adequação às normas gramaticais da escrita padrão e formal da língua?				
Usa corretamente a pontuação?				
Evita repetições de palavras próximas?				

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Gênero Textual: Resenha

MORETTO, Milena

Tempo de duração: 20 aulas

Conteúdos: Leitura e produção de resenhas; Conjunções adverbiais, orações subordinadas adverbiais.

Materiais necessários: Cópias dos textos de apoio.

EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

- 1) Identificar os possíveis elementos constitutivos da organização interna do gênero.
- 2) Conhecer o gênero Resenha, buscando semelhanças e diferenças com outros textos.
- 3) Observar e identificar na construção do texto suas unidades menores: parágrafos e frases.
- 4) Utilizar elementos de coesão e observar a importância deles na construção do texto.
- 5) Conhecer aspectos da fonologia, através do estudo de dígrafos, encontros consonantais e vocálicos.
- 6) Analisar e produzir textos, observando o contexto de produção (interlocutores, finalidade, suporte e circulação do texto).
- 7) Produzir resenhas seguindo suas características composicionais e linguísticas.
- 8) Produzir, revisar e reescrever textos como uma prática social.
- 9) Empregar corretamente as conjunções adverbiais, observando seu valor semântico e sua importância na articulação do texto.
- 10) Identificar as orações subordinadas adverbiais no texto

1. APRESENTAÇÃO INICIAL

Prezados alunos,

Neste bimestre, trabalharemos com um gênero de texto denominado de resenha. Esse gênero além de trazer um resumo do objeto cultural, faz também uma apreciação dele.

O resenhista geralmente é um especialista que sabe bastante sobre o que pretende discutir e avalia um determinado objeto cultural – livros, CDs, filmes, peças teatrais etc.

Discutiremos, mais especificamente, a resenha de livros e filmes nas próximas quatro semanas. Afinal quem nunca quis saber a opinião de alguém a respeito de um livro ou filme antes de lê-lo ou assisti-lo?



2. RECONHECIMENTO DO GÊNERO TEXTUAL

Professor (a), para iniciarmos, proponha que os alunos façam a leitura de diferentes textos. Em seguida, organize a sala em círculo e levante as características observadas pelos alunos.

TEXTO 1:

A culpa é das estrelas

A culpa é das estrelas narra o romance de dois adolescentes que se conhecem (e se apaixonam) em um Grupo de Apoio para Crianças com Câncer: Hazel, uma jovem de dezesseis anos que sobrevive graças a uma droga revolucionária que detém a metástase em seus pulmões, e Augustus Waters, de dezessete, ex-jogador de basquete que perdeu a perna para o osteosarcoma.

Como Hazel, Gus é inteligente, tem ótimo senso de humor e gosta de brincar com os clichês do mundo do câncer - a principal arma dos dois para enfrentar a doença que lentamente drena a vida das pessoas.

TEXTO 2:

A GAROTA NO TREM

Um thriller psicológico que vai mudar para sempre a maneira como você observa a vida das pessoas ao seu redor. Todas as manhãs Rachel pega o trem das 8h04 de Ashbury para Londres. O arrastar trepidante pelos trilhos faz parte de sua rotina. O percurso, que ela conhece de cor, é um hipnotizante passeio de galpões, caixas d'água, pontes e aconchegantes casas. Em determinado trecho, o trem para no sinal vermelho. E é de lá que Rachel observa diariamente a casa de número 15. Obcecada com seus belos habitantes – a quem chama de Jess e Janson –, Rachel é capaz de descrever o que imagina ser a vida perfeita do jovem casal. Até testemunhar uma cena chocante, segundos antes de o trem dar um solavanco e seguir viagem. Poucos dias depois, ela descobre que Jess – na verdade Megan – está desaparecida. Sem conseguir se manter alheia à situação, ela vai à polícia e conta o que viu. E acaba não só participando diretamente do desenrolar dos acontecimentos, mas também da vida de todos os envolvidos. Uma narrativa extremamente inteligente e repleta de reviravoltas, A garota no trem é um thriller digno de Hitchcock a ser compulsivamente devorado.

[...]

Em primeira pessoa, a narrativa se alterna de acordo com o ponto de vista das três principais personagens femininas do enredo: Rachel – predominantemente, sendo essa a protagonista -, Megan e Anna. Apesar de, em um primeiro instante, as três parecerem não ter conexão alguma entre suas vidas, logo nas primeiras páginas é possível identificar o que as entrelaça, da mesma forma em que podemos ir conhecendo um pouco mais de seus sentimentos e pensamentos, bem como suas personalidades.

Rachel, de tão perdida sobre sua própria vida, cria uma ficção sobre a vida de dois desconhecidos que ela observa através do trem. Ao descobrir que a mulher – Jesse para ela, Megan na realidade – está desaparecida, ela resolve se envolver na investigação, tanto por acreditar que tem informações importantes para ajudar a desvendar o caso, uma vez que viu, pelo trem, uma cena bastante suspeita, quanto por ser motivada por um desejo interior que nem ela própria consegue compreender. A partir desse ponto, e quando já temos um mínimo de informações sobre as personagens, a história se desenvolve e é nítido o caminho pelo qual Paula Hawkins tenta conduzir o leitor através das páginas.

A Garota no Trem, dessa maneira, embora não tenha sido extremamente surpreendente para mim como esperei inicialmente, foi uma leitura excelente, tanto por sua escrita ser cativante, envolvente e viciante, quanto pela história em si ser bem desenvolvida e intrigante. Agora só resta aguardar pela adaptação cinematográfica e desejar que esteja à altura da obra original.

Texto disponível em <http://minhavidaliteraria.com.br/2015/08/11/resenha-a-garota-no-trem-paula-hawkins/>. Acesso em 22 de fev. 2016.

1. Vocês costumam ler resenhas antes de escolher um livro para ler ou um filme para assistir?
2. Qual é a função social desses textos?
3. Que informações esse gênero de texto costuma apresentar?
4. Onde esses textos costumam aparecer?

3. PROPOSTA DE PRODUÇÃO INICIAL

Pense em um livro que você leu recentemente e pesquise sobre o autor da obra. Em seguida, elabore uma resenha crítica sobre ele. Lembre-se de que você deve apresentar a obra, apresentar o autor, trazer um breve resumo do livro, fazer uma avaliação e recomendá-lo.

4. O CONTEXTO DE PRODUÇÃO

Releia o texto intitulado de “A garota no trem” de Paula Hawkins

Um thriller psicológico que vai mudar para sempre a maneira como você observa a vida das pessoas ao seu redor. Todas as manhãs Rachel pega o trem das 8h04 de Ashbury para Londres. O arrastar trepidante pelos trilhos faz parte de sua rotina. O percurso, que ela conhece de cor, é um hipnotizante passeio de galpões, caixas d’água, pontes e aconchegantes casas. Em determinado trecho, o trem para no sinal vermelho. E é de lá que Rachel observa diariamente a casa de número 15. Obcecada com seus belos habitantes – a quem chama de Jess e Janson –, Rachel é capaz de descrever o que imagina ser a vida perfeita do jovem casal. Até testemunhar uma cena chocante, segundos antes de o trem dar um solavanco e seguir viagem. Poucos dias depois, ela descobre que Jess – na verdade Megan – está desaparecida. Sem conseguir se manter alheia à situação, ela vai à polícia e conta o que viu. E acaba não só participando diretamente do desenrolar dos acontecimentos, mas também da vida de todos os envolvidos. Uma narrativa extremamente inteligente e repleta de reviravoltas, *A garota no trem* é um thriller digno de Hitchcock a ser compulsivamente devorado.

[...]

Em primeira pessoa, a narrativa se alterna de acordo com o ponto de vista das três principais personagens femininas do enredo: Rachel – predominantemente, sendo essa a protagonista -, Megan e Anna. Apesar de, em um primeiro instante, as três parecerem não ter conexão alguma entre suas vidas, logo nas primeiras páginas é possível identificar o que as entrelaça, da mesma forma em que podemos ir conhecendo um pouco mais de seus sentimentos e pensamentos, bem como suas personalidades.

Rachel, de tão perdida sobre sua própria vida, cria uma ficção sobre a vida de dois desconhecidos que ela observa através do trem. Ao descobrir que a mulher – Jesse para ela, Megan na realidade – está desaparecida, ela resolve se envolver na investigação, tanto por acreditar que tem informações importantes para ajudar a desvendar o caso, uma vez que viu, pelo trem, uma cena bastante suspeita, quanto por ser motivada por um desejo interior que nem ela própria consegue compreender. A partir desse ponto, e quando já temos um mínimo de informações sobre as personagens, a história se desenvolve e é nítido o caminho pelo qual Paula Hawkins tenta conduzir o leitor através das páginas.

A Garota no Trem, dessa maneira, embora não tenha sido extremamente surpreendente para mim como esperei inicialmente, foi uma leitura excelente, tanto por sua escrita ser cativante, envolvente e viciante, quanto pela história em si ser bem desenvolvida e intrigante. Agora só resta aguardar pela adaptação cinematográfica e desejar que esteja à altura da obra original.

A partir da leitura, responda as seguintes questões:

1) Qual a finalidade do texto?

3) Qual é o assunto abordado no texto?

4) Qual a posição social que assume o produtor desse texto?

5. A que público o texto é dirigido?

5. ASPECTOS DISCURSIVOS

A ESTRUTURA DE UMA RESENHA

Resenha é uma produção textual, por meio da qual o autor faz uma breve apreciação, e uma descrição a respeito de acontecimentos culturais (como uma feira de livros, por exemplo) ou de obras (cinematográficas, musicais, teatrais ou literárias), com o objetivo de apresentar o objeto (acontecimento ou obras), de forma sintetizada, apontando, guiando e convidando o leitor (ou espectador) a conhecer tal objeto na íntegra, ou não (resenha crítica).

Uma resenha deve conter uma análise e um julgamento (de verdade ou de valor).

Uma resenha pode ser:

* Descritiva – É o caso dos resumos de livros técnicos, também chamada de resenha técnica ou científica. A apreciação, ou o julgamento em uma resenha descritiva julga as ideias do autor, a consistência e a pertinência de suas colocações, ao longo da descrição da obra, ou seja, trata-se de um julgamento de verdade.

* Crítica ou opinativa – Nesse tipo de resenha o conteúdo apresentado é um pouco mais detalhado do que na resenha descritiva, pois os critérios de julgamento são de valor, de beleza da forma, estilo do objeto (acontecimento ou obra). A exploração um pouco maior dos detalhes ocorre devido à necessidade de que o autor da resenha fundamente suas críticas, sejam elas positivas ou negativas, utilizando outros autores que trabalharam o mesmo tema.

Antes da produção da resenha de um livro – por exemplo - devem ser seguidos os seguintes passos:

- Leitura e reflexão sobre o texto do qual será feita a resenha, sendo que muitas vezes são necessárias leituras complementares para um melhor entendimento do tema.

- Resumo da obra, no qual deverão ficar clara as ideias principais do autor. Este resumo será a base para a resenha, mas não ela.

- Selecionar dentre as ideias principais, uma que será destacada, e até aprofundada (no caso das resenhas críticas).

- Emitir um julgamento de verdade (resenha descritiva) ou de valor (resenha crítica), sendo necessária a fundamentação no caso da resenha crítica.

- Elaborar a resenha a partir dos passos anteriores, sendo que a organização do texto fica a critério do autor. A resenha deve conter, ainda, uma brevíssima identificação do autor da obra (vida e outras obras). Ao fim da resenha, o autor da mesma deve se identificar³.

COMPREENDENDO O GÊNERO

Leia os textos abaixo para responder as questões abaixo:

TEXTO 1:

O filme “A corrente do bem” retrata a história de um professor e de seus alunos no início do ano letivo. Eugene Simonet é professor de Estudos Sociais e durante suas aulas fez um desafio aos alunos: os estudantes deveriam desenvolver um trabalho com o objetivo de mudar o mundo. Era uma proposta que instigava uma participação mais ativa no mundo onde viviam para deixá-lo melhor.

Todos trouxeram ideias, algumas até interessantes, outras nem tanto. A maior parte deles desenvolveu atividades sobre o meio ambiente, sem muita inovação. Um de seus alunos, porém,



Trevor McKinney, se destacou, criando um jogo em que a pessoa, a cada favor recebido, tinha de retribuir para outras três pessoas, e assim sucessivamente. Seu trabalho tinha como base transformar a vida das pessoas, ou seja, mudar realmente o mundo. Ele o chamou de Pay it forward (“Passe adiante”). Eugene ficou surpreso com a ideia de Trevor e começou a discutir com os alunos, para colocá-la em prática em sala de aula e também na escola, não imaginando que ele poderia concretizá-la na vida real.

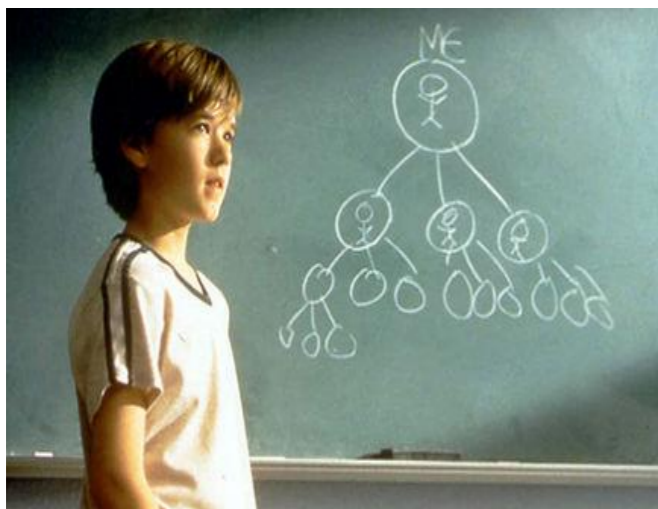
A princípio, o desafio do aluno foi quase impossível de ser realizado, pois seu trabalho era bem complicado, visto que dependia de muitas pessoas, conforme o gráfico que o aluno fez para explicá-lo para a turma. Ele fez várias tentativas e teve muitas decepções na execução do projeto. Um dia, ao voltar para casa após a aula, Trevor resolveu ajudar a primeira pessoa que encontrasse no caminho. Encontrou um homem (drogado), que estava procurando alimentos no lixo, e levou-o para casa, dando-lhe o que comer e o que vestir. Arlene McKinney, a

³ Texto disponível em <http://www.infoescola.com/redacao/resenha/>. Acesso em 23 de fevereiro de 2016.

mãe de Trevor, foi sua segunda tentativa. Trabalhava fora o dia todo, pois precisava sustentar o filho e a casa, uma vez que o marido a abandonara, e, por causa dos problemas diários, começou a beber. Chegava em casa cansada e não dava atenção ao filho. Numa noite, sua mãe, ao descobrir que havia um estranho em casa, ficou furiosa, conversou com Trevor e ficou sabendo que o acolhera por causa de um trabalho escolar do professor de Estudos Sociais. Ela foi até a escola, para reclamar com o professor, que descobriu que o aluno levou o trabalho bem a sério, querendo realmente mudar a vida das pessoas. Assim, o aluno tinha cumprido a primeira etapa do jogo e ajudado um indivíduo, que arrumou emprego e estava, agora, tentando ajudar a própria mãe (a segunda pessoa). Sua terceira investida era seu professor, que era introvertido. Trevor armou um encontro dele com sua mãe, que estava sempre sozinha, pois, assim, ele teria um pai e uma pessoa para conversar. Tudo estava correndo tranquilamente quando o ex-marido de Arlene resolveu aparecer, e ela o aceitou de volta. Ele, porém, tentou agredi-la novamente, e Arlene resolveu abandoná-lo definitivamente e ter uma vida feliz ao lado de uma pessoa que a respeitasse (Eugene).

Trevor foi determinado em seu desafio, mesmo com dificuldades que teve ao ajudar as três pessoas que havia tomado como ponto de partida para seu trabalho. Mas sua maior preocupação não era a atividade escolar, e, sim, a mudança na vida dessas pessoas. Ele também queria executar seu projeto no espaço escolar, pois tinha um amigo que era agredido por meninos maiores e sempre apanhava, mas nunca teve coragem de ajudá-lo, e isso o angustiava. Com o passar dos meses, a notícia do “Passe adiante” tinha se espalhado.

A primeira pessoa (o estranho) ajudado por Trevor já estava fazendo o mesmo por outra (a corrente tinha dado certo), sua mãe também perdoara à sua avó, que não os via há muito tempo (mais uma vez a corrente estava acontecendo).



Assim, seu projeto teve grande proporção e atingiu pessoas de outros lugares, chegando ao conhecimento de um repórter, Chris Chandler, que queria desvendar esse mistério. Chandler foi até a escola entrevistar o aluno e o professor para saber como surgiu a ideia do “Passe adiante”. Trevor respondeu às perguntas, deixando a todos emocionados. Ao saírem da escola, ele viu seu amigo sendo novamente agredido pelos meninos. Uma coragem enorme se apossou dele, e ele foi ajudar o amigo, mas foi brutalmente atingido por um estilete que o outro menino carregava. Ele não resistiu aos ferimentos e morreu. Pessoas de outros lugares ficaram sabendo da corrente e de quem foi a ideia de salvar o mundo. Vieram de todas as partes do país para

fazer vigília em frente à casa de Trevor, como uma forma de gratidão para jamais se esquecerem de “passar adiante” o respeito e o amor ao próximo.

Texto disponível em <http://www.fumec.br/revistas/paideia/article/view/1286>. Acesso em 23 de fev. 2016.

TEXTO 2:

A CORRENTE DO BEM

O filme “A corrente do bem” emociona e que faz o telespectador refletir sobre sua postura diante do próximo, pensar em seus sentimentos e ações que possam gerar realmente transformação na sociedade.

O filme, inspirado na obra “Pay it Forward” de Catherine Ryan Hyde tem forte apelo emocional na mensagem subscrita em que transmite: “você pode, se quiser, mudar o mundo”.

Um elenco “oscarizado” protagoniza a trama cinematográfica: Kevin Spacey (Oscar de melhor ator), como professor Simonet; Helen Hunt (também já premiada) como Arlene, mãe de Trevor (Joel Osment, Oscar de melhor ator pela protagonização no filme “Sexto Sentido”) faz o papel do estudante e filho de Arlene com Rick (Bom Jovi) que faz uma pequena, mas importante, participação.



Trevor (Joel Osment) frequenta a turma da 7ª série. No início do ano, a classe se vê diante de um novo professor de Estudos Sociais. Em conversa com a classe, ele leva os alunos a refletir sobre: “**o que o mundo espera de vocês?**”.

Diante da perplexidade de alguns e displicência de outros, ele lança um desafio: “**Observar o mundo à sua volta e encontrar soluções para aquilo que não gosta**”.

Um dos seus alunos se destaca. A proposta de Trevor, no entanto, é simples “**Se alguém faz um favor a uma pessoa, algo importante que a pessoa não possa fazer sozinha, repassa esse gesto a mais três pessoas, a corrente se multiplica**”.

Começa a colocar seu projeto em prática a partir de um mendigo que chama sua atenção no caminho para casa, ao vê-lo revirando o lixo para buscar seu alimento. A partir daí a trama se

desenrola, as boas ações vão se multiplicando, mas sem o conhecimento de Trevor que tem a sensação de que seu objetivo não está sendo alcançado.

O que o menino não imaginava é que a corrente fosse chegar tão longe a ponto de atrair a atenção de um repórter, esse também beneficiado pela corrente. Instigado pela boa ação que recebera não descansa até encontrar a origem da mesma: Trevor

O final é inusitado e sempre emociona a cada vez que alguém o assiste. A proposta do filme é bem clara: de que o impacto social de uma boa ação, um gesto de carinho, uma gentileza gera um fator multiplicador de bem estar social.

Texto adaptado de <http://kantinodaedite.blogspot.com.br/2013/10/a-corrente-do-bem-resenha-do-filme.html>. Texto disponível em 23 de fev. 2016.

A partir da leitura dos dois textos, responda as questões abaixo:

1. Qual dos dois textos pode ser considerado uma resenha? Justifique sua resposta.

2. Um texto pertencente ao gênero resenha apresenta em sua estrutura uma parte destinada ao resumo da obra e a crítica. Sabendo disso, responda:

a) A que objeto cultural, o texto faz referência?

b) Qual o fato retratado no enredo da obra resenhada?

c) Como o resenhista avalia a obra? Positivamente ou Negativamente? Apresente exemplos que justifiquem sua resposta?

d) Releia o trecho abaixo:

O final é **inusitado** e sempre emociona a cada vez que alguém o assiste. A proposta do filme é **bem clara**.

No excerto acima, as palavras em destaque revelam um uma opinião do autor do texto. Nesse caso específico, o autor fez uso de:

- () adjetivos
- () advérbios
- () verbos
- () artigos
- () preposição

Com o trecho em destaque, pode-se dizer que é comum nesse gênero textual uma linguagem:

- () imparcial e objetiva
- () parcial e subjetiva

O texto é apresentado, normalmente, em:

- () 1ª. pessoa
- () 3ª. pessoa

Agora, leia o texto abaixo produzido por um aluno acerca da leitura da obra “Gente de estimação” de Pedro Bandeira.

"Gente de Estimação", de autoria de Pedro Bandeira, é uma obra que foi lançada para o público infantil e juvenil, em 1996 pela editora ática.

O autor é um dos maiores escritores de Literatura infantil e juvenil. Não é para menos: suas histórias refletem o cotidiano dos jovens que se reconhecem nos personagens dado o estilo ágil do autor.

A obra conta a vida de Tostão, um menino de circo e Mil-Réis, um elefante. Ambos trabalham para um circo que está falido. Após a morte do "palhaço chefe", um outro homem (não muito amigável), que só pensa em dinheiro, assume o comando do circo. A tranquila vida no circo é

abalada no dia em que Mil-Réis é vítima de um plano que o condenaria à morte. Para proteger o elefante, Tostão foge com ele.



Ao longo dos 16 capítulos, Tostão e Mil Réis irão provocar muitas confusões, ainda mais quando uma ajuda inesperada começa a fazer algumas... palhaçadas. Questões dedicadas à amizade e personagens divertidos estarão lado a lado nessa história.

Este é um dos livros que mais atrai o público jovem, pois passa uma mensagem em todos os momentos que cada leitor pode levar para a vida: os mentirosos sempre são descobertos e amigos de verdade se sacrificam para ajudar uns aos outros.

O desenrolar da aventura do menino e seu elefante é uma experiência muito engraçada, e no final, surpreendente... Todo leitor irá se divertir muito nas 86 páginas escritas.

O livro é de fácil compreensão, tem uma linguagem adequada ao público infantil e traz mensagens

que cada criança pode levar para a vida toda.

É altamente recomendado para todos que querem descobrir o significado de uma verdadeira amizade...

Pinte no texto produzido pelo estudante os parágrafos correspondentes à estrutura abaixo:

1. Identificação da obra (azul)
2. Apresentação do autor (amarelo)
3. Apresentação da estrutura da obra (rosa)
4. Análise da obra (verde)
5. Recomendação da obra (vermelho)

6. OS ASPECTOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS

Observe a oração em destaque retirada da resenha “Gente de estimação”.

Para proteger o elefante, Tostão foge com ele.

Tostão e Mil Réis irão provocar muitas confusões, ainda mais quando uma ajuda inesperada começa a fazer algumas... palhaçadas.

As palavras em destaque são denominadas conjunções adverbiais, pois expressão uma determinada circunstância. Note que a primeira expressa finalidade. Tostão foge com o elefante com o objetivo, a finalidade de protegê-lo.

No segundo exemplo, a circunstância expressa é de tempo. A conjunção quando, nesse contexto, expressa o momento que uma ajuda apareceu e começou fazer palhaçadas.

Outras conjunções são possíveis. Veja o quadro abaixo:

Classificação	Conjunções	Exemplos
Causais	porque, uma vez que, sendo que, visto que, como, etc.	Como estava frio, resolvemos adiar o passeio.
Consecutivas	que (precedido de tal, tão, tanto, tamanho), sem que, de modo que, de forma que, etc.	Tamanho foi o mau desempenho do rapaz, que a empresa optou por não contratá-lo.
Comparativas	como, tal qual, que ou do que, assim como, mais... que, menos...que, etc.	A menina era delicada como uma flor.
Conformativas	conforme, segundo, consoante, assim como, etc.	Conforme o combinado, entregamos a pesquisa para o professor.
Concessivas	mesmo que, por mais que, ainda que, se bem que, embora, etc.	Embora gostasse muito dele, resolvi terminar a relação.
Condicionais	se, caso, contanto que, a menos que, sem que, salvo se, etc.	Terá seu dia cortado, a menos que apresente justificativa.
Proporcionais	à medida que, à proporção que, quanto mais, quanto menos, etc.	Quanto mais agir desta maneira, mais será excluído pelo grupo.
Finais	a fim de que, para que, etc.	Estudo bastante, a fim de que possa construir meu futuro.
Temporais	quando, enquanto, sempre que, logo que, depois que, etc.	Quando chegar de viagem, avise-me.

Texto disponível em <http://portugues.uol.com.br/gramatica/conjuncoes.html>. Acesso em 24 de fev. 2016.

Agora, releia o excerto do texto 1 – A corrente do bem – para responder algumas questões relacionadas às conjunções subordinativas:

Numa noite, sua mãe, ao descobrir que havia um estranho em casa, ficou furiosa, conversou com Trevor e ficou sabendo que o acolhera por causa de um trabalho escolar do professor de Estudos Sociais. Ela foi até a escola, para reclamar com o professor, que descobriu que o aluno levou o trabalho bem a sério, querendo realmente mudar a vida das pessoas. Assim, o aluno tinha cumprido a primeira etapa do jogo e ajudado um indivíduo, que arrumou emprego e estava, agora, tentando ajudar a própria mãe (a segunda pessoa).

1. No enunciado “Eugene ficou surpreso com a ideia de Trevor e começou a discutir com os alunos, **para** colocá-la em prática em sala de aula”, o conectivo em destaque expressa a ideia de:

- a) Finalidade
- b) Causa
- c) Consequência
- d) Concessão

2. Agora, releia o excerto 2 para responder a questão que se segue:

O filme, inspirado na obra “Pay it Forward” de Catherine Ryan Hyde tem forte apelo emocional na mensagem subscrita em que transmite: “você pode, **se** quiser, mudar o mundo”.

O conectivo em destaque expressa a ideia de:

- a) Finalidade
- b) Causa
- c) Consequência
- d) Condição

UTILIZANDO O JOGO DE TABULEIRO

Esse jogo consiste em um trabalho com as orações subordinadas adverbiais e suas respectivas conjunções. Um jogador joga o dado e anda o número de casas que tirou. Cada vez que cair em um número, deverá tirar uma ficha e responder a questão. Se acertar, deve avançar uma casa. Se errar, deverá ficar uma vez sem jogar.



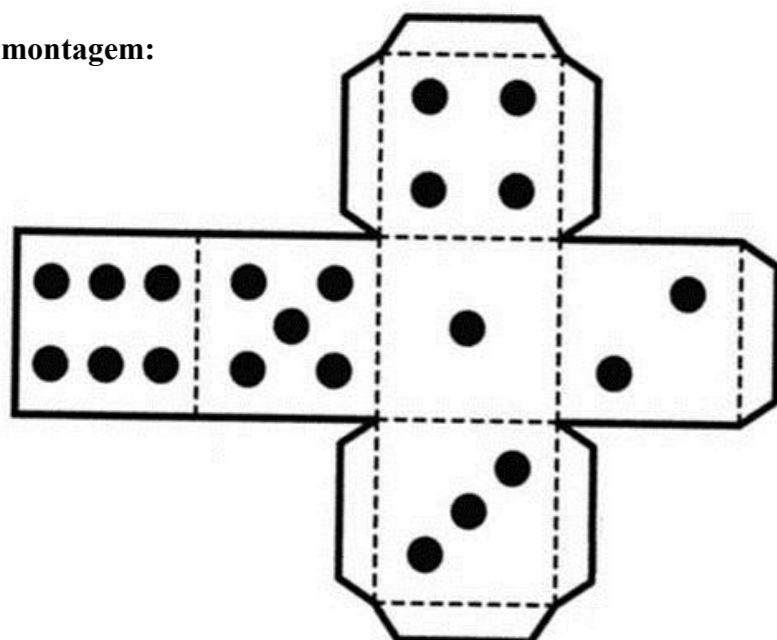
Ficha com questões:

<p>Em “Embora ela tivesse sido alta e clara”, a oração exprime: a) causa; b) condição; c) concessão; d) finalidade; e) consequência.</p>	<p>Assinale o período em que há oração subordinada adverbial consecutiva: a) Diz-se que você não estuda. b) Falam que você não estuda. c) Fala-se tanto que você não estuda d) Comeu tanto que ficou doente e) Quando saíres, irei contigo.</p>	<p>No período: "Era tal a serenidade da tarde, que se percebia o sino de uma freguesia distante, dobrando a finados.", a segunda oração é: a) subordinada adverbial causal b) subordinada adverbial consecutiva c) subordinada adverbial concessiva d) subordinada adverbial comparativa e) subordinada adverbial subjetiva</p>
<p>“Hoje, a dependência operacional está reduzida, <u>uma vez que o Brasil adquiriu autossuficiência na produção de bens como papel-imprensa (...)</u>” A oração grifada no período acima tem valor: a) condicional; b) conclusivo; c) concessivo; d) conformativo; e) causal.</p>	<p>No período - “E quanto mais andava mais tinha vontade”, ocorre ideia de proporção. Assinale a opção em que tal ideia NÃO ocorre: a) quanto mais leio este autor menos o entendo; b) choveu tanto, que não pudemos sair; c) à medida que corria o ano, o nosso trabalho era maior; d) quanto menos vontade, mais negligência; e) quanto mais se lê, mais se aprende.</p>	<p>"A reação do adversário foi tamanha que assustou o campeão". A oração em destaque é: a) subordinada adverbial causal; b) subordinada adverbial proporcional; c) subordinada adverbial consecutiva; d) subordinada adverbial concessiva; e) subordinada adverbial comparativa.</p>
<p>“Tal era a fúria dos ventos, que as copas das árvores beijavam o chão.” Neste período, a oração subordinada é adverbial: a) concessiva; b) condicional; c) consecutiva; d) proporcional; e) final.</p>	<p>Em: "O moço ficou tão emocionado que chorou", a segunda oração é subordinada adverbial: a) comparativa; b) proporcional; c) consecutiva; d) causal; e) temporal.</p>	<p>“Estudando sem método, seremos reprovados”, é oração reduzida de gerúndio, com valor de subordinada: a) final; b) concessiva; c) consecutiva; d) condicional; e) conformativa.</p>

<p>A opção em que a oração subordinada pode ser considerada adverbial condicional é: a) Desde que o vi, me apaixonei. b) Desde que tenho muito trabalho hoje, não poderei sair. c) Permanecerei aqui, desde que você permaneça. d) Diga-me se a proposta lhe interessa. e) Falou sem que nos convencesse.</p>	<p>Em: “Ele planejou tudo segundo combinamos”, a segunda oração é uma subordinada adverbial: a. final b. concessiva c. condicional d. conformativa e. temporal</p>	<p>“Quando tem alguma coisa que não está te agradando, acho que você tem que falar, não dá para guardar” Em relação ao seu período, o valor semântico da oração destacada é: a) conformidade. b) condição. c) conclusão. d) finalidade. e) comparação.</p>
<p>No período “Mandar um Claro torpedo é <u>como dar beijo na boca</u>”, a oração em destaque tem como função comparar o ato de mandar torpedo com o ato de beijar. Logo, classifica-se como subordinada adverbial: a) Final b) Comparativo c) Condicional d) Conformativa e) Temporal</p>	<p>Em “<u>Quando você começa</u>, não quer mais parar”, a oração em destaque indica o momento em que ocorre o fato apresentado na oração principal. Portanto, classifica-se como subordinada adverbial: a) Temporal b) Consecutiva c) Causal d) Proporcional</p>	<p>No período “Um astrônomo gostava de fazer passeios noturnos <u>para olhar as estrelas</u>”, a oração em destaque serve para indicar o objetivo do fato da oração principal. Sendo assim, essa oração é subordinada adverbial: a) Causal b) Proporcional c) Temporal d) Final e) Conformativa</p>
<p>Em “<u>La tão distraído que caiu num poço</u>” e “<u>tanto</u> o senhor se esforçou para olhar o céu <u>que não se lembrou de olhar o que tem debaixo dos pés.</u>”, as orações em destaque servem para indicar a consequência dos fatos da oração principal. Logo, classificam-se como subordinadas adverbiais: a) Temporal b) Concessiva c) Consecutiva d) Causal e) Condicional</p>	<p>A oração “<u>Enquanto tentava sair</u>, seus gritos de socorro atraíram a atenção de um homem...”, a oração em destaque serve para informar o momento em que aconteceu o fato da oração principal. Portanto, classifica-se como subordinada adverbial: a) Comparativa b) Temporal c) Final d) Comparativa e) Causal</p>	<p>Em “Embora ela tivesse sido alta e clara”, a oração exprime: a) Causa b) Condição c) Concessão d) Finalidade e) Consequência</p>

<p>Em “Quanto mais estudava, mais inteligente ficava”, a oração exprime:</p> <p>a) causa; b) condição; c) concessão; d) finalidade; e) proporção.</p>	<p>Assinale o período em que há oração subordinada adverbial causal:</p> <p>a) Falou tanto que ficou rouca. b) Desde que o vi, me apaixonei. c) Fiquei doente porque comi comida estragada. d) À medida que andava, mais cansado ficava. e) Quando saíres, irei contigo.</p>	<p>No período: "O irmão limpava a mesa, enquanto o outro limpava o chão.", a segunda oração é:</p> <p>a) subordinada adverbial causal b) subordinada adverbial consecutiva c) subordinada adverbial concessiva d) subordinada adverbial comparativa e) subordinada adverbial temporal</p>
<p>“Fizera todos os exercícios a fim de compreender a matéria”. A oração grifada no período acima tem valor:</p> <p>a) Condicional; b) Consecutiva; c) Concessivo; d) Final; e) Causal;</p>	<p>No período - “Desde que ele se foi, não consigo fazer exatamente nada”. Assinale a circunstância que é expressa pela conjunção:</p> <p>a) Tempo b) Causa c) Condição d) Concessão e) Conformidade</p>	<p>"Falou tanto que ficou rouco". A oração em destaque é:</p> <p>a) subordinada adverbial causal; b) subordinada adverbial proporcional; c) subordinada adverbial consecutiva; d) subordinada adverbial concessiva; e) subordinada adverbial comparativa.</p>

Dado para montagem:



7. PRODUÇÃO FINAL

Agora é a sua vez!

Agora que você compreendeu como a resenha se estrutura, procure produzir um texto sobre um livro lido no bimestre. Se preferir, reescreva o seu primeiro texto feito na produção inicial. Siga as orientações abaixo:

1º parágrafo. **Identifique a obra:** coloque dados bibliográficos essenciais do livro que se vai resenhar.

2º parágrafo. **Apresente o autor:** escreva em pouquíssimas palavras um resumo sobre o autor.

3º parágrafo. **Apresente a obra:** forneça ao leitor, em poucas linhas, todo o conteúdo do texto a ser resenhado:

- Qual o tema tratado?
- Qual o problema discutido pelo autor?
- Qual a posição defendida pelo autor para a solução desse problema?
- Quais os argumentos centrais ou complementares utilizados pelo autor para defender sua posição.

4º parágrafo. **Descreva a estrutura:** escreva sobre a divisão em capítulos, sobre o foco narrativo – personagens, ambiente, tempo, narrador.

5º parágrafo. **Análise de forma crítica:** Nessa parte, você vai dar sua opinião. Argumente sua defesa contra ou a favor da obra, dando explicações convincentes sobre cada opinião.

6º parágrafo. **Recomende a obra:** Escreva a que público se destina a obra: a qual faixa etária.

GRADE DE CORREÇÃO

Seu texto será corrigido a partir dos seguintes critérios:

- ⇒ Você colocou título em seu texto que retome a obra que será resenhada? (1,0)
- ⇒ Apresenta as referências bibliográficas da obra? (1,0)
- ⇒ Apresenta informações sobre a obra resenhada? (1,0)
- ⇒ Apresenta um resumo breve da obra? (1,0)
- ⇒ Apresenta uma análise – os pontos positivos e/ou negativos da obra? (1,0)
- ⇒ Faz a recomendação da obra? (1,0)
- ⇒ Você faz uso da 3ª. pessoa? (1,0)
- ⇒ Os verbos estão no presente? (1,0)
- ⇒ Divide o texto em parágrafos adequadamente? (1,0)
- ⇒ O texto não apresenta problemas de frases incompletas, pontuação, rasuras, erros ortográficos ou gramaticais? (1,0)

Cole aqui a capa do livro

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Gênero Textual: Propaganda

Monezzi Teixeira, Nilza

Esplendor, Mércia de Carvalho

Tempo de duração: 06 aulas

Conteúdos: Figuras de Linguagem. modos verbais, leitura e interpretação de imagens.

Materiais necessários: lousa, giz, cópias das atividades.

EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM

- 10) Analisar e reconhecer a propaganda como um meio de comunicação e interação entre leitor, sociedade e mídia;
- 11) Compreender o objetivo de um anúncio publicitário;
- 12) Reconhecer as características de um anúncio publicitário;
- 13) Perceber a importância da imagem na propaganda;
- 14) Conhecer as estratégias de leitura de um texto publicitário;
- 15) Comentar e compreender os diferentes contextos de comunicação e sua intencionalidade;
- 16) Ler para compreender;
- 17) Ler para revisar o próprio texto;
- 18) Desenvolver análise crítica diante dos anúncios que circulam no meio social;
- 19) Reconhecer e empregar os adjetivos e as locuções, observando a sua importância dentro dos textos.

1. APRESENTAÇÃO INICIAL

CAROS ALUNOS,

Trataremos de um gênero textual muito comum, bastante difundido e pouco abordado enquanto forma e aspecto, por si. Trata-se do gênero propaganda, em princípio, focalizando elementos textuais e não textuais (imagens), caracterizando sensações e sentimentos.

Presente no dia-a-dia das pessoas, em outdoors, anúncios dos mais diversos, em livros, na internet, vitrines de lojas, etc., o gênero pretende atingir o interlocutor enfatizando a qualidade do objeto a ser consumido, bem como sua necessidade, etc., por meio de elementos que aludam ao sensorial. A principal meta, a partir do emprego de elementos significativos breves, é cativar o interlocutor, levando-o a escolha e respectivo consumo.

Quando passamos de carro, no trânsito, e, visualizamos um logotipo como o da coca-cola, por exemplo, temos em mente a sensação de querer consumir o refrigerante. Podemos, mesmo, imaginar seu respectivo cheiro, sabor, o característico barulhinho do gás, sua coloração, a sensação de gelado, bem como a seus produtos relacionados. Como não sentir vontade de saborear um delicioso lanche do Mc Donalds ao passar por uma das lanchonetes da rede, visualizar o logotipo da marca e sentir o cheirinho do preparo de sanduíches no ar?

Do mesmo modo, podemos observar uma série infinita de logotipos, diversas marcas e suas relações de indução ao consumo por meio de ilustrações, fotografias e demais objetos gráfico-textuais, etc. Temos na mídia uma série de brasões, tal como o da seleção brasileira de futebol, junto de marcas de refrigerantes, a exemplo (Guaraná Antártica) e, por fim, mecanismos utilizados para a promoção e necessidade de seu consumo, de suas alusões à satisfação e ao prazer causadas pela posse do produto e de suas múltiplas menções que movimentam a propaganda de uma marca, seu enfoque e, sua caracterização enquanto elemento, categoria, público-alvo, etc. Em suma, não se venderia alface a carnívoros, e vice-versa.

O uso de elementos e seus suportes devem ser muito bem planejados a fim de que sejam eficazes em seus propósitos. Você já imaginou um vendedor de tapetes dentro de um estádio de futebol, por exemplo? Tratar-se-ia de um elemento desvinculado do ambiente que caracterize uma real necessidade de consumo. Já um vendedor de camisetas dos times que se enfrentam no jogo daquele mesmo dia, poderia ser pensado como vendedor de um objeto ideal para uma realidade de consumo em seu momento e foco.

Nesse bimestre, convidamos você a criar propagandas também. Ao final de nosso projeto, realizaremos uma exposição publicitária.

Então, vamos trabalhar!

2. RECONHECIMENTO DO GÊNERO TEXTUAL

Professor (a),
Para dar início ao estudo da "Propaganda", sugerimos que você leve para a sala de aula imagens de revistas ou jornais que contenham propagandas diversas. Faça uma roda de conversa, questionando aos alunos a respeito das características desse gênero textual. Pergunte: Qual desses produtos vocês comprariam? Por qual motivo? Você mudaria algo?

Antes de começar a criar, você vai ver diversas propagandas. Após esse contato, escolha a propaganda que você achar mais atrativa e analise-a de acordo com as questões abaixo:

- 3) Em que meios de comunicação, geralmente os anúncios publicitários são veiculados?
- 4) Qual o objetivo desta propaganda?
- 5) Que tipo de público a propaganda tem o objetivo de atingir?
- 6) Qual é o argumento utilizado no anúncio?
- 7) O argumento é convincente?
- 8) Qual a relação entre texto e a imagem?
- 9) Se o texto não tivesse imagem, teria o mesmo sentido?

Depois de ter observado algumas características sobre o gênero "Propaganda", discuta com os colegas suas respostas.

3. PROPOSTA DE PRODUÇÃO INICIAL

Depois de ter observado algumas características da propaganda, sugerimos que comecem a criar. Lembrando-os que o anúncio publicitário tem o objetivo de despertar nos consumidores o desejo de adquirir o produto que se anuncia.

Vocês deverão fazer a escolha de uma das imagens, realizar um estudo da mesma junto ao professor em grupos de até quatro alunos. Considerem o público-alvo e o suporte necessário para que a propaganda seja objetiva e competitiva. Proponho, no caso de optarem por criar uma marca a partir das imagens, que estabeleçam um logotipo, escolham uma frase que o caracterize (slogans), bem como uma adequada escolha de cores e formas para que se torne um elemento único.

Sejam criativos!

4. O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DO GÊNERO PROPAGANDA

A propaganda é um gênero textual que tem por objetivo persuadir, ou seja, convencer o público-alvo a adquirir o produto exposto ou até mesmo uma ideia. Circula nas mais variadas mídias, como revistas, jornais, sites, outdoors, rádios, TV, etc.

Sendo assim, "A propaganda é a alma do negócio", então, quanto mais convincente e criativo for o anúncio, mais haverá a aceitação da sociedade.

Vejamos as propagandas abaixo:



Texto disponível em <http://fabricadasartes.com.br/dsvsdv/>.

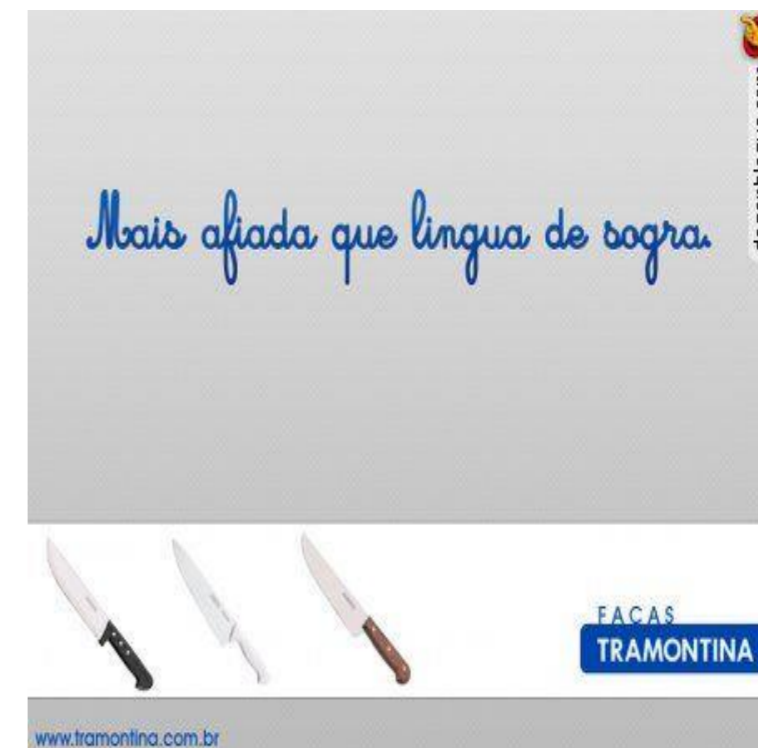
1) Qual é a marca do produto?

2) Qual é a intencionalidade dele?

3) Considerando o anúncio todo, qual é o efeito de sentido que é possível perceber a partir da frase no final do anúncio "Uma perfeita obra-prima"?

4) Podemos perceber que a propaganda explorou o recurso de intertextualidade. Qual intertextualidade está presente?

Agora, considere a próxima propaganda:



Texto disponível em <http://broando.blogspot.com.br/2011/04/propangandas-criativas-2.html>

5) Qual o possível público alvo desta propaganda?

6) Nas propagandas, os autores usaram palavras que exprimem qualidade, mostrando os aspectos positivos do produto para convencer o consumidor a adquiri-lo. Que palavras são essas?

7) Considerando a frase " mais afiada que língua de sogra" qual o efeito produzido no anúncio?

5. ASPECTOS DISCURSIVOS



Texto disponível <http://detodaforma.blogspot.com.br/2012/03/as-propagandas-divertidas-e-criativas.html>

1) Qual a intenção do locutor em apresentar esta imagem na propaganda?

2)Quais produtos estão sendo vendidos?

3) Que conhecimentos você usou para compreender a propaganda?

4) Você acha que a propaganda pode atingir o objetivo de convencer o consumidor a adquirir o produto que ela apresenta? Por quê?



Texto disponível em <http://personaldietri.blogspot.com.br/2012/03/sindicato-dos-nutricionistas-do-rj-x-mc.html>

1) Você acha que é uma boa propaganda? Por quê?

2) Que informações aparecem explícitas? Por que são explícitas?

3) O que fica implícito, o que você deve inferir? Está implícito por quê?

4) Por que será que nesta propaganda não há texto?

5) Se fosse para incluir um texto nesta propaganda em primeira pessoa, como ficaria? Pense em um texto na terceira pessoa, como seria?

6) O Mac Donalds é muito conhecido. Por que há a necessidade de se continuar fazendo propaganda desse produto?

Você sabe o que é um slogan?

Slogan é uma frase associada a um produto ou marca. Ele funciona como um grito de guerra, para isso é curto, sonoro, memorável, original, conciso, fácil de memorizar e capaz de despertar simpatia pela marca ou pelo produto anunciado. Talvez você se lembre de alguns exemplos como:

"Super Nescau, energia que dá gosto!"

"Danoninho: vale por um bifinho"

"Coca-cola é isso aí!"

"Tomou Doril a dor sumiu!"

"Não esqueça da minha Calói!"

Sendo assim, os anúncios são impactantes, utilizam palavras cuidadosamente selecionadas, músicas sedutoras (jingles) e imagens chamativas, criando uma expectativa e mostrando que ele está satisfazendo uma necessidade real ou imaginária.

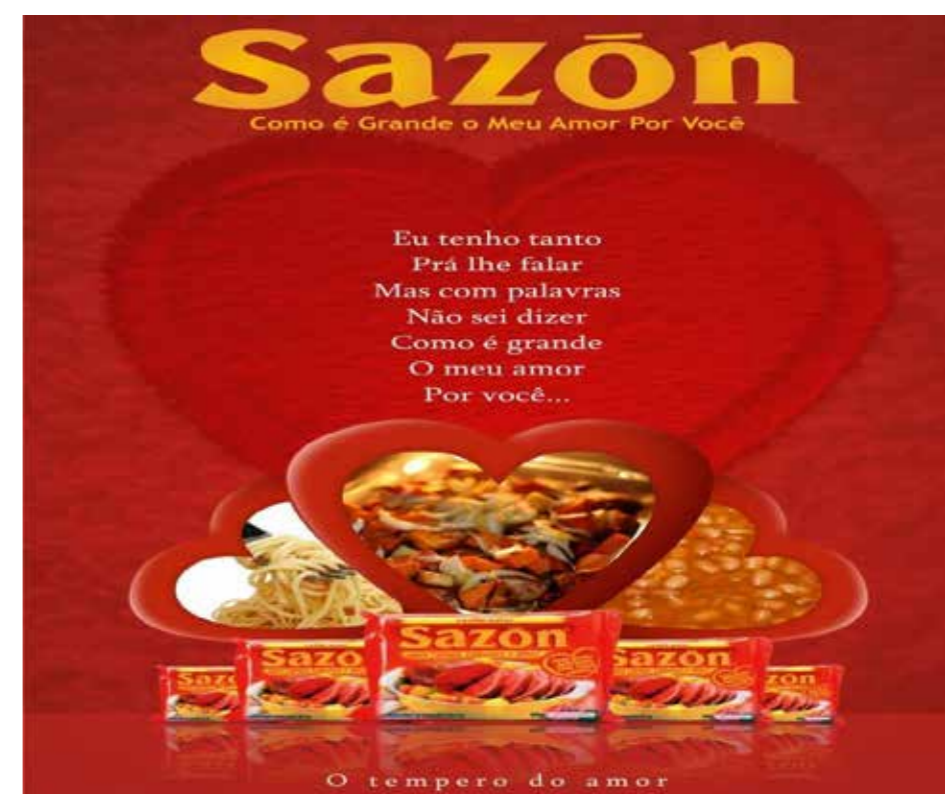
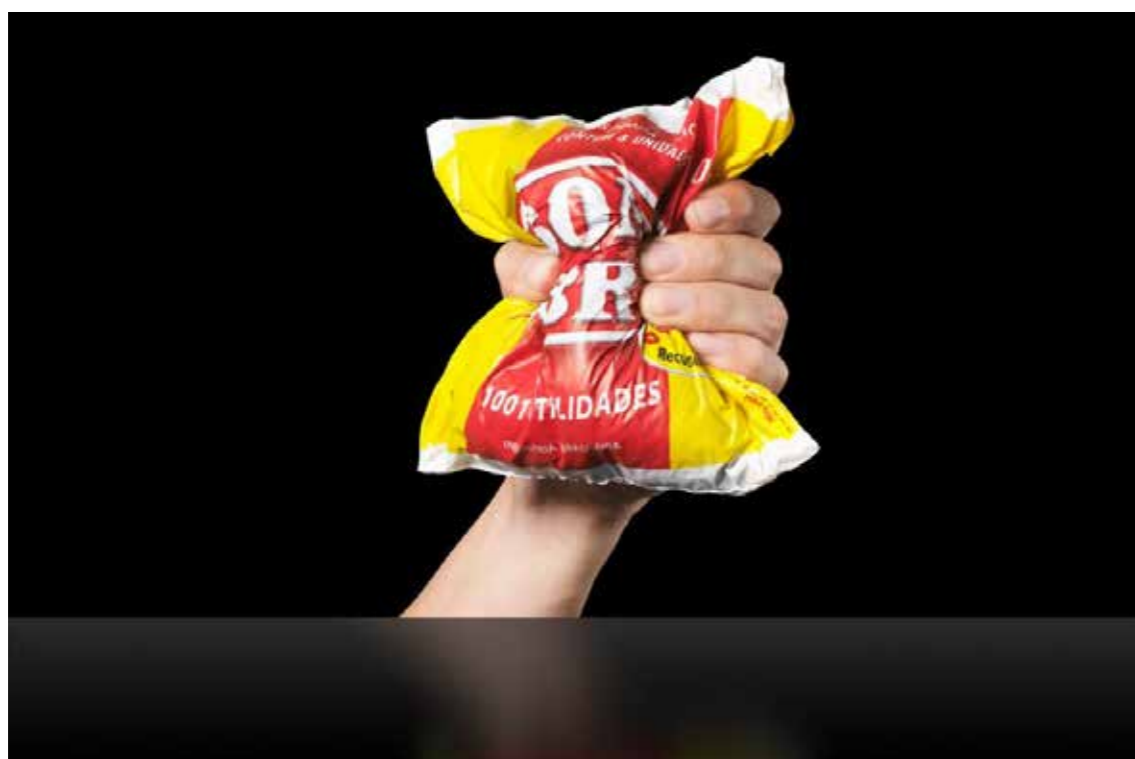
É preciso enfatizar a importância de haver um planejamento das ações, antes mesmo de execução de uma criação de um slogan. Seguindo passo a passo:

1. Observe os produtos abaixo
2. Crie um slogan bem interessante para cada produto.





5) Observe a imagem e responda:



Texto disponível <http://pibidportuguesunicentro.blogspot.com.br/2013/04/o-que-e-intertextualidade.html>

1) Que tipo de texto é esse? Uma narração? Um poema? Já viram textos desse tipo?

2) Ele é composto por versos? É fácil saber quantos?

3) Qual o assunto principal do texto? Sobre o que ele fala? É sobre um produto?

4) O Texto apresenta algum slogan ? Qual?

5) O que ele diz em relação ao produto? O texto faz uma imagem positiva ou negativa do produto apresentado?

5) Como podemos perceber isso? Quais palavras comprovam essa imagem?

6) O texto apresenta palavras ou expressões utilizadas com frequência em textos publicitários? Quais?

8) Observe este anúncio



Texto disponível em

<http://www3.propmark.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=54050&sid=3&tpl=printerview>

1) A PARTIR DO ANÚNCIO PUBLICITÁRIO, DESTAQUE:

A) SLOGAN:

B) PÚBLICO-ALVO:

C) A RELAÇÃO PREDOMINANTE ENTRE A IMAGEM E O TEXTO:

6. ASPECTOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS

Nos textos literários nem sempre a linguagem apresenta um único sentido, aquele apresentado pelo dicionário. Empregadas em alguns contextos, elas ganham novos sentidos, figurados, carregados de valores afetivos ou sociais.

Quando a palavra é utilizada com seu sentido comum, real (o que aparece no dicionário) dizemos que foi empregada **denotativamente**.

Quando é utilizada com um sentido diferente daquele que lhe é comum, ou seja figurado, dizemos que foi empregada **conotativamente**. Este recurso é muito explorado na Literatura.

A linguagem conotativa não é exclusiva da literatura, ela é empregada em letras de música, anúncios publicitários, conversas do dia a dia, etc.

1- Observe os anúncios. Estão em um sentido real ou figurado? Justifique.



Texto disponível em http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ8_08.htm



Texto disponível <http://benditalingua.blogspot.com.br/2010/09/novo-aurelio-bogar-tuitar-e-outros.html>

As **figuras de linguagem** são recursos que tornam mais expressivas as mensagens. Subdividem-se em figuras de som, figuras de construção, figuras de pensamento e figuras de palavras. Veja algumas delas:

a) **metáfora**: consiste em empregar um termo com significado diferente do habitual, com base numa relação de similaridade entre o sentido próprio e o sentido figurado. A metáfora implica, pois, uma comparação em que o conectivo comparativo fica subentendido. “Meu pensamento é um rio subterrâneo.”

b) **hipérbole**: trata-se de exagerar uma ideia com finalidade enfática. Estou morrendo de sede. (em vez de estou com muita sede)

c) **prosopopeia ou personificação**: consiste em atribuir a seres inanimados predicativos que são próprios de seres animados. O jardim olhava as crianças sem dizer nada.

d) **comparação**: consiste em aproximar dois seres pelas semelhanças que possuem sempre com o uso de um elemento comparativo: como, tal, qual, etc.

2- O gênero propaganda utiliza-se muito das figuras de linguagem. Leia os anúncios a seguir, procure identificar a figura de linguagem existente e, em seguida, interprete-a.



Texto disponível em <http://anodabiodiversidade.blogspot.com.br/2010/11/analise-de-propaganda.html>

Identificação: _____

Explicação: _____



Texto disponível em <http://blogdocorretor.com/rola-na-midia/a-golden-cross-kkr/>

Identificação: _____

Explicação: _____



Texto disponível em <http://parcimoniadna.blogspot.com.br/2013/02/personificacao-prosopopeia.html>

Identificação: _____

Explicação: _____

Modos Verbais

Você já aprendeu que, na Língua Portuguesa, os verbos podem ser utilizados em três modos, dependendo da intencionalidade de quem fala. O **modo verbal** caracteriza as várias maneiras como podemos utilizar o verbo, dependendo da significação que pretendemos dar a ele. São três os modos verbais: **INDICATIVO, SUBJUNTIVO e IMPERATIVO.**

- **Modo Indicativo:** quando o verbo indica uma certeza, uma realidade, algo que de fato acontece, aconteceu ou acontecerá;
- **Modo Subjuntivo:** quando o verbo indica dúvida, possibilidade, ou seja, não exprime certeza de que realmente a ação verbal é um fato consumado;
- **Modo Imperativo:** quando o verbo indica uma ordem, um pedido, uma sugestão;

1) Identifique o modo verbal presente em cada propaganda:



Texto disponível <http://kaduprofessor.blogspot.com.br/2011/04/modo-imperativo.html>



Texto disponível <http://atividadesdeportuguesprofmonica.blogspot.com.br/>



Texto disponível

http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?pagina=espaco%2Fvisualizar_aula&aula=7610&secao=espaco&request_locale=es

2) Observando as propagandas acima, pode-se dizer que o modo imperativo foi usado como um recurso de persuasão? Justifique.

7. PLANEJAMENTO DA PRODUÇÃO FINAL

Depois de ter observado as principais características da propaganda, elaborem um anúncio publicitário de um produto inédito que será lançado no mercado. Lembrando-os que a propaganda é "a alma do negócio". Com o apoio das aulas da cultura digital, organizem-se em grupos de 4 alunos, antes da produção respondam as questões abaixo.

Organize suas ideias:

- 1) Qual o objetivo desta propaganda?
- 2) Que tipo de público a propaganda tem o objetivo de atingir?
- 3) Qual é o argumento utilizado no anúncio?
- 4) O argumento é convincente?
- 5) Qual a relação entre texto e a imagem?
- 6) Você acha que a propaganda poderá atingir o objetivo de convencer o consumidor a adquirir o produto que ela apresenta? Por quê?

Com base no planejamento, elabore sua propaganda. Você deverá empregar linguagem conotativa, modo imperativo do verbo e escolher uma das figuras de linguagens estudadas, para também empregá-las.

Bom trabalho!

GRADE DE CORREÇÃO

CRITÉRIOS	ESTÁ OK	DEVE MUDAR
• A propaganda busca atingir o público ao qual se destina de forma efetiva?		
• A propaganda conseguiu atingir seu objetivo de tentar convencer seus leitores em relação a uma ideia, compra etc.?		
• A propaganda apresenta uma imagem que chame a atenção do interlocutor?		
• Apresenta um slogan de forma adequada?		
• Utiliza figuras de linguagem como recurso estilístico?		
• As cores utilizadas na propaganda estão adequadas ao contexto de produção?		
• Utiliza adequadamente os verbos no imperativo?		
• O texto da propaganda está corretamente grafado?		

